

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ECSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPGA
DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO

Luiz Alexandre Valadão de Souza

**TURISMO SUSTENTÁVEL NA VISÃO DE ESTUDANTES, *STAFF* E
PROFESSORES DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS E NEOZELANDESAS: UM
ESTUDO UTILIZANDO O ARCABOUÇO TEÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS.**

Tese de Doutorado

RIO DE JANEIRO

2019

Luiz Alexandre Valadão de Souza

**TURISMO SUSTENTÁVEL NA VISÃO DE ESTUDANTES, *STAFF* E
PROFESSORES DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS E NEOZELANDESAS: UM
ESTUDO UTILIZANDO O ARCABOUÇO TEÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Administração.

Linha de Pesquisa: Estratégia e Governança.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Deborah Moraes Zouain

RIO DE JANEIRO

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO “PROF. JOSÉ DE SOUZA HERDY”

S729t Souza, Luiz Alexandre Valadão de.
Turismo sustentável na visão de estudantes, *staff* e professores de universidades brasileiras e neozelandesas: um estudo utilizando o arcabouço teórico das representações sociais / Luiz Alexandre Valadão de Souza. – Rio de Janeiro, 2019.
155 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Administração) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Ciências Sociais e Aplicadas, 2019.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Deborah Moraes Zouain”.

Referências: f. 130-141.

1. Administração. 2. Turismo. 3. Desenvolvimento sustentável. 4. Turismo e planejamento urbano. 5. Representações sociais. I. Zouain, Deborah Moraes. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

Luiz Alexandre Valadão de Souza

'O Turismo Sustentável na Visão de Estudantes, Staff e Professores de Universidades Brasileiras e Neozelandesas: Um Estudo Utilizando o Arcabouço Teórico das Representações Sociais'

Tese apresentada à Universidade do Grande Rio 'Prof. José de Souza Herdy', como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Doutor em Administração.

Área de Concentração:
Gestão Organizacional

Aprovada em 17 de dezembro de 2019

Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ª Deborah Moraes Zouain
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO

Prof. Dr. Carlyle Tadeu F. de Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Marcos Aguiar de Souza
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. Josir Simeone Gomes
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO

Prof.ª Dr.ª Rejane Prevot Nascimento
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO

Dedico esta tese a minha família e a todos os professores que contribuíram para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família e amigos, pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida. Sou muito grato ao meu pai, o engenheiro Luiz Mota de Souza pelo interesse nas minhas pesquisas e pelas sugestões e debates constantes. Agradeço também a minha mãe, a professora Jane Valadão de Souza pelo suporte e carinho.

Faço um agradecimento especial a família Derraik, pela recepção e amizade de tantos anos. Meu amigo irmão José Guilherme Derraik compartilha dos mesmos valores que eu, e seus filhos Thomas e Miguel começam a seguir as mesmas trilhas que nós seguimos em tantas montanhas. Além disso, o Professor Doutor Derraik fez colaborações inestimáveis para que esta tese pudesse ser realizada, e por este motivo agradeço de coração pela sua supervisão e parceria. Agradeço também a Patricia Cole, sua esposa, pela receptividade e atenção constante, e a todos os amigos que fiz na Nova Zelândia.

Agradeço muito a minha orientadora a Professora Doutora Deborah Moraes Zouain, por acreditar em mim, pelos debates enriquecedores, pela aprendizagem, e por me incluir sempre que possível em projetos que me proporcionaram um crescimento acadêmico expressivo, com resultados significativos em publicações de alta qualidade.

Não poderia deixar de lembrar também, da Professora Doutora Ana Lucia Malheiros Guedes, que me indicou a minha orientadora, e com quem fiz duas disciplinas brilhantes.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Administração da UNIGRANRIO, pelo conhecimento e dedicação ao curso, em especial aos professores Josir Simeone Gomes e João Felipe Sauerbronn, pela honra de poder ser coautor em artigos e trabalhos publicados.

Também agradeço a minha Coordenadora a Professora Doutora Rejane Prevot Nascimento, pela atenção e carinho com que sempre me recebeu, e aos Professores Doutor Luciano Rossoni, e Doutora Denise Franca Barros pelas palavras de estímulo e pelo aprendizado.

Aos funcionários e ex-funcionários, pelo apoio, estímulo e afeto.

As instituições que colaboraram no processo de coleta de dados, em especial a Universidade de Auckland e a UNIGRANRIO.

Aos amigos, colegas e parceiros, que compartilharam conhecimentos e experiências de vida, essenciais para o desenvolvimento profissional e humano. Neste sentido, é válido mais um agradecimento singular para a Professora Deborah, que com a filosofia de integrar todo o grupo consolidou parcerias e amizades, entre os seus orientandos, em especial com os doutorandos André Luís Duarte, Flora Bittencourt e Leonardo Bezerra.

“O futuro das organizações – e nações – dependerá cada vez mais de sua capacidade de aprender coletivamente.”

Peter Senge

RESUMO

SOUZA, Luiz Alexandre Valadão de. **Turismo Sustentável na visão de estudantes, *staff* e professores de universidades brasileiras e neozelandesas: um estudo utilizando o arcabouço teórico das Representações.** 2019. 332p. Tese (Doutorado em Administração). Escola de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2019.

O Turismo Sustentável é um tema de interesse global, que tem destaque no planejamento turístico de diversos países, tendo convergência como estratégia e política pública em alguns destes. Desta forma, o objetivo geral deste estudo foi identificar as Representações Sociais (RS) do Turismo Sustentável em estudantes, *staff* e professores de universidades brasileiras e neozelandesas. A abordagem metodológica utilizada foi a pesquisa a quali-quanti, em função da complexidade dos objetivos, que além de buscar identificar as RS do Turismo Sustentável, também visavam identificar os destinos de turismo sustentável privilegiados pelos participantes, nos dois países. Foram utilizados uma escala SUS-TAS com 35 itens, questionário e entrevistas presenciais, para atingir os objetivos da pesquisa. Obteve-se 571 participantes no Brasil, e 117 na Nova Zelândia, no que se refere aos instrumentos disponibilizados online, como a escala e o questionário. E 15 pessoas foram entrevistadas na Nova Zelândia e 16 no Brasil, seguindo o critério de saturação. Neste sentido, também se buscou identificar os critérios que são elencados pelos participantes para que estes considerem o destino turístico sustentável, e desta forma pretende-se contribuir com a formulação de práticas gerenciais e políticas públicas que contemplem a perspectiva destes respondentes. Um outro objetivo relevante foi analisar, comparativamente, as atitudes dos participantes nos dois países, para se identificar comportamentos de premiação e boicote, em relação aos destinos sustentáveis. Desta forma, foi possível identificar os destinos sustentáveis mais citados pelos participantes, suas Representações Sociais sobre o Turismo Sustentável, e concluir que a atitude pró – turismo é bastante positiva, nos dois países, embora existam impactos negativos que precisam ser minimizados.

Palavras-chave: Turismo Sustentável. Planejamento Turístico. Representações Sociais. Análise de Conteúdo. Pesquisa Mista.

ABSTRACT

Sustainable Tourism is a theme of global interest, which has prominence in the tourism planning of several countries, having convergence as strategy and public policy in some of these. Thus, the general objective of this study was to identify the Social Representations (SR) of Sustainable Tourism in students, staff and professors from Brazilian and New Zealand universities. The methodological approach used was the quali-quantitative research, due to the complexity of the objectives, which, in addition to seeking to identify the Sustainable Tourism SR, also aimed to identify the sustainable tourism destinations favored by participants in both countries. A 35-item SUS-TAS scale, questionnaire and face-to-face interviews were used to achieve the research objectives. There were 571 participants in Brazil, and 117 in New Zealand, regarding the tools available online, such as the scale and the questionnaire. And 15 persons were interviewed in New Zealand and 16 in Brazil, following the saturation criterion. In this sense, it was also sought to identify the criteria that are listed by the participants so that they consider the sustainable tourist destination, and thus we intend to contribute to the formulation of management practices and public policies that address the perspective of these respondents. Another relevant objective was to analyze, comparatively, the attitudes of participants in both countries, in order to identify awards and boycott behaviors in relation to sustainable destinations. Thus, it was possible to identify the sustainable destinations most cited by the participants, their Social Representations on Sustainable Tourism, and conclude that the pro-tourism attitude is very positive in both countries, although there are negative impacts that need to be minimized.

Keywords: Sustainable Tourism. Tourism Planning. Social Representations. Content Analysis. Mixed Methods.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|------------|
| Figura 1 - Turismo Internacional em número de turistas | 24 |
| Figura 2 - Ranking de Felicidade 2014 - 2016..... | 46 |
| Figura 3 - Framework conceitual proposto para o desenvolvimento de comportamento pró-turismo dos residentes..... | 61 |
| Figura 4 - Nuvem de palavras com palavras-chave dos artigos da base SPELL | 67 |
| Figura 5 - Nível de publicação por tema segundo o Google Books Ngram Viewer | 68 |
| Figura 6 - Abordagens das Ciências Sociais para a Análise Textual..... | 75 |
| Figura 7 - Modelo de Comunicação analítica do conteúdo..... | 78 |
| Figura 8 - Framework Conceitual para validar a validade preditiva da Escala (SUS-TAS)..... | 81 |
| Figura 9 - Distribuição por naturalidade dos respondentes no Brasil | 83 |
| Figura 10 - Comparação gráfica entre Brasil e Nova Zelândia, de acordo com o comportamento de premiação ou boicote..... | 96 |
| Figura 11 - Comparação gráfica entre os itens com relação significativa..... | 97 |
| Figura 12 - Scree Plot - Brasil | 100 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|------------|
| Quadro 1 - Análise do Discurso da Rio+20 | 30 |
| Quadro 2 - Análise do discurso da Cúpula dos Povos..... | 31 |
| Quadro 3 - O contexto conceitual e operacional dentro do qual o Turismo Sustentável se desenvolveu | 48 |
| Quadro 4 - Desenvolvimento de Turismo Sustentável versus não-sustentável..... | 51 |
| Quadro 5 - Comparação entre o universo consensual e o universo reificado | 57 |
| Quadro 6 - Os Componentes da Atitude | 59 |
| Quadro 7 - Resumo dos impactos socioculturais positivos e negativos do turismo..... | 60 |
| Quadro 8 - Configuração das variantes de Análise de Conteúdo | 77 |
| Quadro 9 - Naturalidade dos respondentes no Brasil | 82 |
| Quadro 10 - Análise do roteiro aplicado nas entrevistas | 113 |
| Quadro 11 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa - Brasil | 115 |
| Quadro 12 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa – Nova Zelândia..... | 116 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 - Perfil Estatístico do Brasil - 2018 | 42 |
| Tabela 2 - Perfil Estatístico da Nova Zelândia - 2018 | 45 |
| Tabela 3 - Algumas definições de Turismo Sustentável | 50 |
| Tabela 4 - Levantamento de Currículos na Plataforma Lattes | 63 |
| Tabela 5 - Levantamento de teses e dissertações no Portal CAPES | 63 |
| Tabela 6 - Levantamento de orientadores mais frequentes no Portal CAPES | 64 |
| Tabela 7 - Levantamento de instituições mais frequentes no Portal CAPES | 64 |
| Tabela 8 - Levantamento das principais áreas de conhecimento no Portal CAPES | 65 |
| Tabela 9 - Levantamento da natureza da pesquisa na base SPELL | 65 |
| Tabela 10 - Distribuição dos artigos com a palavra - chave “Turismo Sustentável” | 66 |
| Tabela 11 - Distribuição de frequência dos participantes por sexo – Brasil | 71 |
| Tabela 12 - Distribuição de frequência dos participantes por sexo – Nova Zelândia | 71 |
| Tabela 13 - Algumas definições de análise de conteúdo (ênfases acrescentadas) | 76 |
| Tabela 14 - Representações Sociais – categorias no Brasil e na Nova Zelândia | 84 |
| Tabela 15 - Destinos nacionais prioritários segundo os participantes na Nova Zelândia | 90 |
| Tabela 16 - Destinos locais prioritários segundo os participantes na Nova Zelândia | 91 |
| Tabela 17 - Destinos prioritários segundo os participantes no Brasil | 91 |
| Tabela 18 - Comportamento segundo os padrões de conservação ambiental | 96 |
| Tabela 19 - Variância Total Explicada - Brasil | 99 |
| Tabela 20 - Matriz rotacionada pelo método de rotação Varimax - Brasil | 101 |
| Tabela 21 - Estatística Descritiva dos Itens – Brasil | 105 |
| Tabela 22 - Matriz rotacionada pelo método de rotação Varimax – Nova Zelândia | 108 |
| Tabela 23 - Variância Total Explicada – Nova Zelândia | 111 |

LISTA DE ABREVIACÕES

| | |
|---|---------|
| Análise de Conteúdo | AC |
| Análise Fatorial | AF |
| <i>British – American Tobacco</i> | BAT |
| Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico | CNPq |
| Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior | CAPES |
| Desenvolvimento Sustentável | DS |
| <i>Environmental Performance Index</i> | EPI |
| Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade | ICMBio |
| <i>International Organization for Standardization</i> | ISO |
| Mato Grosso do Sul | MS |
| Ministério do Turismo | MTur |
| Nova Zelândia | NZ |
| Organização Mundial do Turismo | OMT |
| Organização das Nações Unidas | ONU |
| Representações Sociais..... | RS |
| Responsabilidade Social Corporativa | RSC |
| Rio de Janeiro..... | RJ |
| <i>Sustainable Tourism Attitude Scale</i> | SUS-TAS |
| Teoria das Representações Sociais | TRS |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 16 |
| 1.1 | PROBLEMA DE PESQUISA | 19 |
| 1.2 | OBJETIVOS | 20 |
| 1.2.1 | Geral..... | 20 |
| 1.2.2 | Específicos | 20 |
| 1.3 | SUPOSIÇÕES | 20 |
| 1.4 | DELIMITAÇÃO DA PESQUISA | 21 |
| 1.5 | RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO..... | 21 |
| 1.6 | ORGANIZAÇÃO GERAL DA TESE | 22 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 23 |
| 2.1 | A INDÚSTRIA DO TURISMO | 23 |
| 2.2 | O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL | 25 |
| 2.2.1 | A Natureza, o Território, e o Desenvolvimento Sustentável sob a Luz das Lentes Epistemológicas e Ontológicas: reflexões formadoras de uma racionalidade ambiental..... | 27 |
| 2.2.2 | Economia Ecológica e as Tecnologias Sociais na construção do Desenvolvimento Sustentável..... | 34 |
| 2.2.3 | O Desenvolvimento Sustentável no contexto brasileiro..... | 40 |
| 2.2.4 | O Desenvolvimento Sustentável no contexto neozelandês. | 43 |
| 2.3 | O TURISMO SUSTENTÁVEL | 47 |
| 2.4 | A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS | 52 |
| 2.4.1 | As Representações Sociais do Turismo Sustentável..... | 55 |
| 2.4.2 | Os Processos Envolvidos na Formação das Representações Sociais..... | 57 |
| 2.5 | ATITUDES EM RELAÇÃO AO TURISMO SUSTENTÁVEL..... | 58 |
| 2.5.1 | O conceito de Atitude | 58 |
| 2.5.2 | A Atitude em Relação ao Turismo Sustentável | 59 |
| 3 | MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O TURISMO SUSTENTÁVEL..... | 63 |
| 4 | METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA | 69 |
| 4.1 | UNIVERSO E AMOSTRA | 70 |
| 4.2 | INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 72 |
| 4.3 | Procedimentos | 72 |
| 4.4 | Aspectos Éticos | 73 |
| 4.5 | MÉTODOS DE ANÁLISE | 73 |

| | |
|--|-----|
| 4.5.1. Análise de Conteúdo..... | 73 |
| 4.5.2. Análise Fatorial | 80 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 82 |
| 5.1 Representações Sociais do Turismo Sustentável no Brasil e na Nova Zelândia | 83 |
| 5.2 Destinos Turísticos preferenciais no Brasil e na Nova Zelândia..... | 90 |
| 5.3 Comportamento de premiação aos destinos turísticos sustentáveis | 96 |
| 5.4 Redução de fatores e validação das escalas..... | 97 |
| 5.4.1 Validação da Escala SUS-TAS aplicada no Brasil..... | 98 |
| 5.4.2 Validação da Escala SUS-TAS aplicada na Nova Zelândia..... | 98 |
| 5.4.3 Análise Escala SUS-TAS aplicada no Brasil..... | 99 |
| 5.4.4 Análise Escala SUS-TAS aplicada na Nova Zelândia..... | 107 |
| 5.5 Análise das Entrevistas realizadas no Brasil e na Nova Zelândia | 112 |
| 6 CONCLUSÕES..... | 126 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 130 |
| ANEXO 1 – Escala SUS-TAS..... | 142 |
| ANEXO 2 – Questionário do participante..... | 144 |
| ANEXO 3 – Participation Information Sheet (PIS) | 148 |
| ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 152 |

1 INTRODUÇÃO

O Turismo e o Desenvolvimento Sustentável são temas de interesse global, com lugar de destaque nas Administrações Públicas, no ambiente empresarial e nos debates sociais. Diversos fóruns têm acontecido periodicamente, em face das demandas da sociedade civil organizada, das mudanças climáticas e de Estados Nacionais que veem com preocupação as propostas de novos modelos de desenvolvimento.

O Brasil já foi sede de importantes fóruns como a Conferência Rio-92 e Rio +20, e participa ativamente nos diálogos sobre esta temática. Além disso, sediou também em Porto Alegre, os Fóruns Sociais Mundiais, o que também faz parte de um debate mais amplo sobre sustentabilidade.

O Desenvolvimento Sustentável (DS) é uma temática em voga, com grande repercussão na mídia internacional, e com repercussão nos governos e organizações empresariais, em função de um contexto histórico de conscientização e de lutas dos movimentos ambientalistas.

O Desenvolvimento Sustentável figura hoje como um projeto em execução em níveis locais e globais, modificando as relações entre ambiente natural e as organizações. Se até então, como observado, o ambiente natural não era incluído na organização, com as pressões sociais por um desenvolvimento sustentável, este começa a ser incorporado nas ações organizacionais (CARRIERI, 2002, p.363).

No entanto, um grande debate tem acontecido em função do conceito sobre o que é realmente sustentável nas práticas de governos e organizações. Segundo Swarbrooke e Horner (2002, p.269), “os governos, ávidos por se mostrar responsáveis para com as preocupações dos eleitores, procuram estar voltados às questões ambientais”. Entretanto, grandes desastres ambientais, como o de Mariana e Brumadinho, continuam ocorrendo.

Logo, um debate sobre os tipos de Desenvolvimento que vem sendo conduzidos nas esferas públicas e privadas faz parte de um debate atual e bastante polêmico.

De acordo com Tulder e Zwart (2006), o Reino Unido foi o primeiro país a designar em 2002 um ministério para Responsabilidade Social Corporativa (RSC) e que sustentabilidade é uma temática comum aos governos e ambiente empresarial.

É notório que há um esforço ou tentativa nesta direção, o que pode ser visto em diversos países, mas qual a percepção da população sobre o tema. Como este debate tem eco na vida universitária de cada país.

O movimento ambientalista na Nova Zelândia (NZ) tem muita força, e em breve observação local pode ser constatado um comportamento de punição (boicote) bastante vibrante, o que também pode ser visto em alguns países europeus e raramente se vê no Brasil.

Em relação ao Turismo, de acordo com Piscopo *et al* (2015, p.1), “é considerado uma das principais atividades econômicas mundiais, o que resulta na necessidade de aperfeiçoamento ou adoção de novas estratégias em termos nacionais e internacionais”.

Neste sentido, é válido ressaltar que “o ambiente é o próprio espaço do turismo, seja natureza, campo ou cidade” (CORIOLANO; LEITÃO; VASCONCELOS, 2002, p.38). E o Turismo e Meio Ambiente tem relações diretas, portanto o Turismo Sustentável, logicamente é parte integrante e indissociável desta equação.

De acordo com Swarbrooke e Horner (2002, p.270), “o debate sobre a existência ou não do “turista verde” é problematizado pela falta de dados empíricos e de uma definição universalmente válida de turismo sustentável”.

No entanto, a primeira pesquisa sobre a qualidade do turismo realizada na Alemanha, com financiamento da *British-American Tobacco* (BAT), demonstrou que a maioria das características relacionadas com férias de qualidade se referiam ao meio ambiente, sendo que em primeiro lugar com 46% de frequência foi dito que: “a paisagem deve ser bonita”. Esta é uma característica de seleção de destino importante para relevante parcela dos entrevistados. E entre as dez características-chave, sete destas estão relacionadas com o meio ambiente e a natureza, enfatizando que algumas são bastante objetivas, como “o sol deve brilhar” (38%) e “você tem que nadar no mar ou no lago” (28%). No entanto há uma característica complexa como “o ambiente deve ser típico do país” (28%), que dá margem a interpretações diversas. Considerando que o conceito de Turismo Sustentável defende a valorização da cultura local, de seu ambiente natural e espaço geográfico, pode-se questionar sobre uma possível conscientização neste sentido. (BAT, 1993).

Cardoso, Carvalho e Silva (2014), realizaram um estudo intitulado Representações Sociais dos estudantes do ensino básico no desenvolvimento turístico na cidade de Bonito (MS), onde analisaram a percepção dos estudantes e a sua relação com o turismo local. Neste estudo constataram que a conservação da cultura local é um dos pontos principais, mais evocados, e que sustentabilidade é uma temática presente em suas evocações relacionadas aos aspectos sociais, culturais e econômicos. Além disso, foi constatado que os estudantes estão conscientes sobre a relação direta entre a natureza e turismo.

Bonito é um exemplo de sucesso que tem sido estimulado a ser reproduzido pelo Ministério do Turismo (MTur) e por outras instituições como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Segundo a definição do ICMBio, “o Turismo Sustentável tem como objetivo atender simultaneamente às necessidades dos turistas e das comunidades receptoras, protegendo e ampliando as oportunidades para o futuro”. (ICMBio, 2017, p.1).

Logo, podemos considerar que o conceito de Turismo Sustentável não é unânime, e ainda está em construção, no entanto a relação entre Turismo e Desenvolvimento Sustentável já é uma realidade, que se configura em capítulos de livros e nas próprias publicações da Organização Mundial do Turismo (OMT).

Além disso, alguns países, como o Egito, vêm “adotando políticas ambientais visando o Turismo Sustentável através da aplicação das regras da ISO 14001” (TULDER; ZWART, 2006, p.3).

A OMT contempla as diretrizes de sustentabilidade no Turismo e orienta no sentido de alinhamento destas diretrizes e preservação ambiental, pois tem uma visão global e entende a sua importância para uma das principais atividades econômicas; além de sua gravidade para a Sociedade.

Neste sentido é válido ressaltar que o Turismo tem efeitos deletérios no meio ambiente, e conseqüências sociais consideráveis. Logo, é fundamental buscar a visão das pessoas sobre este tema e entender as dinâmicas sociais envolvidas.

Segundo Lemos (2005, p.22), “na compreensão da sociedade como um todo, e não somente da esfera mercantil, o turismo se apresenta como um processo de produção social com dimensões marcantes daquelas observáveis em outros campos da produção humana”.

No Brasil e na Nova Zelândia estes temas fazem parte dos debates universitários, disciplinas e programas com os conteúdos de Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social Corporativa, vem integrando as grades programáticas das Faculdades, no entanto ainda há carência sobre a percepção que os universitários tem sobre este tema.

A utilização do arcabouço teórico das Representações Sociais (RS) se justifica então diante do objetivo de identificar a forma pela qual o Turismo Sustentável é entendido pelos estudantes nos dois países.

No contexto global, os movimentos ambientalistas vem ampliando a sua atuação, e a sustentabilidade passou a ser um assunto cotidiano, o que em tese se traduz numa atuação cidadã mais intensificada.

O comportamento do consumidor turista e do cidadão, habitante do destino turístico, passa a ter relevância crescente, pois os impactos da atividade turística e suas repercussões tem efeitos determinantes para o bom funcionamento do setor.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O Turismo Sustentável é um tema em evidência globalmente, tanto que em 2016 a Assembleia Geral das Nações Unidas fez uma resolução para declarar o ano de 2017 como o ano do Turismo Sustentável. (ONU, 2016). Esta evidência se configura num entendimento amplo do conceito, que trata também da sustentabilidade do destino turístico, e portanto do próprio setor econômico.

O Turismo é fonte de estudos comparativos entre países, no entanto estudos transculturais e abordagens mistas são mais raros de ocorrer, visto que em pesquisa realizada em dezembro de 2017 no catálogo de teses CAPES, apenas 38 resultados para a pesquisa de teses sobre Turismo Sustentável ocorreram, e nenhuma delas se tratava de estudo transcultural. (CAPES, 2017).

Estudos transculturais, especialmente os que utilizam a Teoria das Representações Sociais (TRS), fornecem perspectivas de análise amplas e colaboram com um melhor entendimento sobre a temática estudada.

A TRS foi utilizada por Souza e Souza (2010) em estudo realizado com consumidores brasileiros e argentinos. Neste estudo, intitulado A Responsabilidade Social Corporativa no Brasil e na Argentina, a categoria Desenvolvimento Sustentável emergiu entre as seis mais importantes para os participantes dos dois países, que diziam que era “necessário crescer de forma sustentável” e se “preocupar com meio ambiente” entre outras.

A TRS vem sendo utilizada no contexto de estudos sobre o meio ambiente, a natureza, o desenvolvimento sustentável. Ferrari e Guedes (2012), afirmam que “o contexto é um importante aspecto na compreensão das representações sociais, pois é onde elas são criadas, é o meio que as influencia e é também o meio que será influenciado por elas.” (p.7). Neste sentido, as RS têm também um caráter coletivo, e possibilitam captar diversas visões sobre o Turismo Sustentável entre brasileiros e neozelandeses.

E desta forma fornece informações que dão suporte a Administração Pública, a Sociedade Civil Organizada e até mesmo para as Sociedades Empresariais, além de influenciar na formulação de Políticas Públicas.

De acordo com Souza e Zioni (2003),

entende-se que a compreensão das condutas institucionalizadas e práticas de apropriação dos recursos naturais e, em particular dos hídricos, norteadas pelas representações e, portanto, pelos significados que o grupo constrói socialmente, na sua relação dialética com a realidade objetiva, propicie subsídios para a criação de Políticas Públicas e processos educativos voltados a uma gestão adequada e participativa dos mesmos, uma vez que temos constatado frequentemente, através da mídia falada e escrita, que medidas punitivas e de controle não tem sido suficientes para garantir os objetivos aos quais se prestam.(p.77)

O problema central do presente estudo pode então ser entendido como a investigação da Representação Social do Turismo Sustentável em universidades no Brasil e na Nova Zelândia.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Identificar a Representações Sociais do Turismo Sustentável em estudantes, staff e professores universitários no Brasil e na Nova Zelândia.

1.2.2 Específicos

1. Comparar as Representações Sociais do Turismo Sustentável de estudantes, *staff* e professores universitários no Brasil e Nova Zelândia.
2. Identificar os destinos turísticos preferenciais de estudantes, *staff* e professores universitários no Brasil e Nova Zelândia.
3. Comparar a proporção de participantes do Brasil e da Nova Zelândia que privilegiam destinos turísticos sustentáveis.
4. Comparar a atitude em relação ao Turismo Sustentável em função do país de origem.

1.3 SUPOSIÇÕES

A suposição do presente estudo é de que há diferenças significativas em relação às visões de estudantes, staff e professores universitários no Brasil e na Nova Zelândia, no que se refere

ao Turismo Sustentável, considerando que o envolvimento com sustentabilidade do neozelandês é maior que o do brasileiro e que o turismo é uma fonte de receitas fundamental para a Nova Zelândia.

Além disso, podemos supor que os turistas brasileiros e neozelandeses possuem posicionamentos diversos em relação a atitude em relação ao turismo sustentável, o que representa uma pré-disposição a ação diferenciada. Enquanto brasileiros tendem a ter atitudes negativas em relação ao turismo sustentável, os neozelandeses tendem a ter atitudes positivas.

1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa utilizará o arcabouço teórico das Representações Sociais do Turismo Sustentável para investigar as percepções de estudantes, staff e professores universitários no Brasil e na Nova Zelândia, aplicando questionário, Escala de Atitude em relação ao Turismo Sustentável (SUS-TAS) e entrevistas. Como se trata de um estudo comparativo, transcultural, foi necessário especificar grupos semelhantes. Logo não será possível a generalização dos resultados para outros públicos.

1.5 RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A relevância deste trabalho se encontra na construção do conhecimento através das Representações Sociais, que possibilitam captar as visões de mundo e as atitudes em relação ao Turismo Sustentável dos estudantes, *staff*, e professores em universidades no Brasil e na Nova Zelândia.

A pesquisa é inédita e raros estudos transculturais são realizados sobre a temática do Turismo, especialmente, em relação ao Turismo Sustentável.

A primeira justificativa é que a forma como os conceitos sobre Turismo Sustentável são apropriados pela população influencia a ação e o engajamento dos mesmos. Além disso, os resultados colaborarão com o entendimento sobre o tema pela perspectiva de brasileiros e neozelandeses, em papéis diversos: como turistas e receptores. Neste sentido, é válido ressaltar que esta diferenciação é eminentemente teórica, visto que muitos turistas atualmente, não visualizam esta diferenciação na prática, nem desejam esta diferenciação, pois o intuito de muitos deles é ter uma vivência nos destinos turísticos.

Desta forma, a pesquisa fornecerá informações úteis para a elaboração de políticas públicas, gestores do turismo, e na elaboração de programas educativos etc.

1.6 ORGANIZAÇÃO GERAL DA TESE

A tese está estruturada em seis capítulos, de forma didática, com a construção lógica e encadeada.

No capítulo 1 consta uma introdução, com a definição do problema de pesquisa, objetivos, hipóteses, delimitação da pesquisa e sua relevância. Neste capítulo são apresentadas as motivações para se realizar a pesquisa, destacando-se a sua importância e possíveis impactos futuros, que colaborem com o desenvolvimento de teorias e práticas gerenciais.

No capítulo 2 é apresentado o Referencial Teórico da Indústria do Turismo, do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo Sustentável, procurando colocá-los no contexto da pesquisa. Desta forma, buscou-se identificar uma amplitude de conceitos, com lócus de enunciação distintos. Além disso, os contextos de desenvolvimento dos conceitos, bem como as realidades geográficas e culturais foram levadas em conta, evitando desta forma a propagação do conceito único, da história única e do isolamento. Logo, considera-se que o Desenvolvimento Sustentável, mesmo que tenha uma vertente hegemônica é representado de formas diferentes, por grupos sociais distintos, assim como o Turismo Sustentável.

No capítulo 3, é exposto o Mapeamento da Produção Científica sobre o Turismo Sustentável, com o intuito de traçar um panorama de desenvolvimento deste campo. Desta forma, é possível visualizar o estágio de maturidade do campo e traçar paralelo com as Representações Sociais que surgirem a partir das entrevistas e questionários.

No capítulo 4, a Metodologia é descrita em detalhamento com os procedimentos e métodos de análise. Cada item foi trabalhado para gerar a melhor compreensão possível sobre a tese. A técnica de análise de conteúdo demandou um aprofundamento maior, por ser a técnica de análise a ser utilizada para o tratamento das entrevistas e questionários, numa perspectiva de pesquisa com abordagem mista. Na sequência foram apresentados os resultados e as discussões no capítulo 5, de forma a narrar didaticamente os resultados, discuti-los e caminhar para conclusão, no sexto capítulo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A INDÚSTRIA DO TURISMO

O Turismo é uma fonte de receita econômica em muitos países, sendo que para alguns deles tem papel de destaque. De acordo com o *Panorama Organización Mundial del Turismo* (OMT), *edición* 2016, o Turismo corresponde a 10% do PIB, a 7% das exportações mundiais e gera 1 de cada dez empregos, no mundo. (OMT, 2016)

O Turismo é relevante fonte econômica para muitas regiões do país, sendo que para algumas é a principal fonte de renda, além de ter impacto significativo na Economia Nacional. É evidente o poder e a importância da atividade econômica para o Brasil, como se pode observar nos dados da Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo (PACET), realizada pelo Ministério do Turismo, com colaboração do Núcleo de Estudos Avançados em Turismo da Fundação Getúlio Vargas, que diz que as 80 maiores empresas do setor no Brasil receberam um faturamento total de R\$ 67,4 bilhões no ano de 2014. (NEATH, 2015).

Os desembarques internacionais vem crescendo continuamente, o que corresponde a uma tendência mundial de crescimento do setor.

Segundo a OMT, apesar do aumento no fluxo turístico mundial, houve uma diminuição na receita cambial de 2014, que era em torno de U\$ 1.310,20 bilhões, para U\$ 1.260,10 bilhões em 2015. O mesmo ocorreu no Brasil, segundo o Banco Central do Brasil e o MTur, pois a receita cambial de 2014 foi U\$ 6,8 bilhões e em 2015 passou para U\$5,8 bilhões.(MTUR, 2016).

Apesar desta diminuição da receita cambial, é inquestionável a importância econômica do setor. Segundo Piscopo *et al* (2015, p.1), o Turismo “é considerado uma das principais atividades econômicas mundiais, o que resulta na necessidade de aperfeiçoamento ou adoção de novas estratégias em termos nacionais e internacionais”.

A indústria do Turismo tem relevante contribuição na Economia Mundial, o que fica evidente em função de suas estatísticas, divulgadas em organizações globais do setor. Segundo a UNWTO, as viagens e turismo empregam sete vezes mais do que a indústria automobilística, e são responsáveis por sete por cento das exportações mundiais, com a cifra de US\$ 1,5 trilhões de dólares em 2015. (UNWTO, 2016).

E as tendências são de crescimento, como pode ser observado no documento *Tourism Highlights – edition 2016*, que afirma que em 2015 o número de turistas internacionais chegou a 1186 milhões, com previsão de 1.8 bilhões de turistas para 2030. (UNWTO, 2016).

Figura 1 - Turismo Internacional em número de turistas



Fonte: UNWTO, 2016

Swarbrooke (2000, p.90), afirma que, “o turismo também pode dar motivação e recursos a uma série de desenvolvimentos positivos relativos a ele, como a conservação da vida selvagem, a melhoria do treinamento e da educação e melhor higiene, junto com o desenvolvimento da infraestrutura de transporte”.

No entanto, considerar o Turismo apenas como fonte de renda sem analisar os efeitos deletérios causado pelo mesmo fornece parâmetros irrealistas e conseqüentemente um alto custo para a Sociedade.

Segundo Lemos (2005, p.21), “o mundo empresarial responsável se apercebeu de que o processo de acumulação selvagem trouxe mais custos que lucros. Todavia, os modelos econômicos de avaliação do desenvolvimento do turismo continuam os mesmos, realimentando a contradição”. Logo, constata-se que um modelo real de Turismo Sustentável ainda está por vir, e princípios econômicos devem ser considerados nesta equação.

De acordo com Gee e Fayos-Sola (2003),

À medida que o turismo atinge a sua maturidade como setor econômico, em muitos países e no mundo, a questão fundamental passa a ser a sustentabilidade. A expressão “**turismo sustentável**” é relativamente recente e tem diferentes significados e interpretações. O conceito lida com a capacidade de um destino permanecer competitivo em relação a outros mais novos e menos explorados; de atrair visitantes pela primeira vez, bem como repetidos; de permanecer singular culturalmente; e de estar em equilíbrio com o ambiente natural (p.37).

Uma outra dificuldade neste processo é a real dificuldade de se atribuir valor ao patrimônio natural, uma vez que este é um ativo intangível que dificilmente se consegue precificar, embora exista comumente ações deste tipo. Quando se compra ou aluga um apartamento, o consumidor normalmente quer ver a vista do imóvel e atribui subjetivamente um valor para este item.

Parte desta atribuição é construída coletivamente e pela cultura, o que ser constatado pelos discursos com núcleos comuns, ou maior frequência de evocações.

Este contexto, apresenta uma outra dificuldade em relação ao cenário brasileiro, pois segundo Coriolano, Leitão e Vasconcelos (2009, p.37), “as políticas públicas entre turismo e cultura, na América Latina, especialmente no Brasil, pouco dialogaram até aqui, não compreendendo que o patrimônio natural é também patrimônio cultural”.

2.2 O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O conceito de Desenvolvimento Sustentável vem se transformando em função das crises ambientais em âmbito mundial e do aumento das resistências em relação as políticas desenvolvimentistas globais.

Neste sentido, a problemática ambiental, que vem ganhando destaque cada vez maior nas últimas décadas, em função das crises socioambientais e de colapsos da ordem econômica, vem se traduzindo também numa crise de conhecimento (LEFF, 2012)..

Diversos autores, como Hardin (1968) e Ricklefs (2003), alertaram para as possíveis consequências sobre a forma de como utilizamos os recursos naturais e também as consequências disso em relação ao crescimento populacional.

Segundo Ricklefs (2003, p.462), “um aumento adicional na população levará a um superpovoamento adicional, esgarçando não apenas o tecido social humano, mas também os

sistemas de suporte à vida do ambiente”. Garrett Hardin (1968) compartilha desta visão ao demonstrar especial preocupação com o crescimento populacional no mundo. No entanto esta visão pode ser questionada, ao demonstrar que os recursos naturais são concentrados nas mãos de pequena parcela da população mundial.

Neste sentido, os Recursos Naturais deveriam ser analisados pelo prisma de sistemas de propriedade, tipos de apropriação e formas de gestão, o que evidentemente apresenta relação com a Economia. Logo, o conceito de Economia tem um papel essencial para a resolução ou mitigação da problemática ambiental, pois a lógica dominante se baseia na Economia da Escassez, ou seja, em função da disponibilidade do recurso ou produto, e não em função das pessoas ou da sociedade.

Atualmente há um grande debate sobre os rumos da economia mundial, e a questão ambiental está diretamente ligada a ele. E é fato observado de forma contundente que os países em desenvolvimento são predominantemente dependentes de seus recursos naturais, o que transforma a busca pelo desenvolvimento sustentável numa opção complexa.

Neste momento o Brasil, vive este dilema desenvolvimentista, e em diversos discursos a tendência em prol da produtividade, fica evidenciada.

Logo, este conceito de Desenvolvimento Sustentável não responde a amplitude das demandas populacionais e por esta razão há a reformulação constante sobre as filosofias que fundamentam as políticas ambientais. Segundo Mohapatra *apud* Mazon (2004, p.vi), “o relacionamento entre o capital natural, o social e o econômico é complexo, mas há evidências que sugerem que o desenvolvimento econômico não é sustentável se ele falhar em reabastecer e desenvolver essas outras formas de capital.”

Esta afirmação fundamenta as considerações de pesquisadores e ambientalistas que questionam fortemente a teoria econômica neoclássica e o seu sistema produtivo implantado. A prática vigente desvirtua a lógica da vida social civilizada, ao propor a sobrevivência dos mais aptos num ambiente de hiper-competição.

Desta forma, a construção de uma racionalidade ambiental e a análise de conceitos sobre Desenvolvimento Sustentável (DS) se tornam essenciais. Além da análise dos discursos, e o entendimento de interesses conflitantes, dentro de uma lógica de acumulação e hiper-competição.

O DS emerge como a continuação de um coletivo de forças, de uma rede discursiva sem início ou fim, de algo que separa, ao mesmo tempo em que conecta com fins

específicos, certas diferenças “pode-se considerar o DS, como uma nova sintaxe do embate entre forças que se traduzem em saberes distintos, sobre interesses particulares. Mas aqui, não há nada de ingênuo: nas palavras, nas coisas, nos diversos elementos existe uma “contaminação” por sentidos que buscam a solução de um problema econômico, problema direcionado há muito tempo pelas nações e sancionado em cada nova Conferência da Organização das Nações Unidas, em cada novo evento sobre a sustentabilidade.”(QUARESMA JÚNIOR; ICHIKAWA, 2013, p.11).

Neste sentido, Hardin (1968), coloca os riscos do descontrole no uso de recursos comuns, demonstrando que o individualismo, e a visão de curto prazo podem comprometer a coletividade e os seus interesses futuros.

Hardin analisa a questão com uma visão dentro da gestão privada ou estatal, não contemplando outras formas de gestão, nem de arranjos institucionais.

Outros autores como Feeny *et al* (2001), consideram que Hardin analisou através de um prisma que não contemplava as propriedades comunais, nem os arranjos institucionais históricos que demonstravam uma possibilidade de gestão altamente eficaz.

Este autor contextualizou esta afirmação com diversos exemplos em todo o mundo, e realizou um contraponto ao artigo de Hardin ao demonstrar que este se baseou num contexto de acesso livre.

Neste contexto, os Sistemas Sociais e Ecológicos, bem como os direitos de apropriação foram estudados. Os tipos de apropriação são emblemáticos para esta análise, ficando bastante evidente o nível de flexibilidade das comunidades envolvidas, bem como o nível de auto-organização.

Este cenário apresenta outras formas de racionalidade e saberes, que serão discutidos na sequência.

2.2.1 A Natureza, o Território, e o Desenvolvimento Sustentável sob a Luz das Lentes Epistemológicas e Ontológicas: reflexões formadoras de uma racionalidade ambiental

As representações humanas da natureza, são diversas e se apresentam, muitas vezes, como um obstáculo para a construção de uma racionalidade ambiental.

Isto se deve a visão utilitária que predominou durante tantas décadas e retratou a natureza, apenas como fonte de recursos.

Neste sentido, tanto as representações sociais da natureza, quanto as representações humanas da natureza representam uma crise de representação ou de conhecimento, em face do distanciamento do ser humano da natureza, como se o mesmo não fizesse parte da natureza.

De acordo com Japiassú e Marcondes (2006), o conceito de natureza se refere ao,

mundo físico, como conjunto dos reinos mineral, vegetal e animal, considerado como um todo submetido a leis, as “leis naturais” (em oposição a leis morais e a leis políticas). As forças que produzem os fenômenos naturais. Em um sentido teológico, o mundo criado por Deus. Opõe-se a cultura, no sentido daquilo que é criado pelo homem, que é produto de uma obra humana. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p.198).

Logo, a natureza é objetificada, em função da sua utilidade, dentro de uma racionalidade antropocêntrica. Romper com esta lógica, significa superar uma construção filosófica de milênios.

O antropocentrismo como concepção dualista do mundo funda-se na suposta separação real e objetiva entre o homem e a natureza, corpo e mente, Essa separação ocorre a partir de Sócrates (470 a.C.) que ao elaborar uma teoria do conhecimento centrou sua reflexão na crença de um homem portador de um projeto racional capaz de subjugar calculadamente a natureza entendida como fenômeno irracional, fato que se consolidou no decorrer dos tempos pelo fortalecimento cultural da ideia de superioridade humana (FERREIRA; BONFIM, 2010, p.41).

Nesta lógica, em que a visão de mundo coloca o homem separado da natureza, a sustentabilidade passa a ser um conceito cada vez mais distante de ser atingido. E este distanciamento só pode ser superado através de novas lentes ontológicas que proporcionem um alinhamento que faça ruptura com esta visão para uma ampliação que contemple a natureza, humanos, não-humanos e objetos.

Segundo Ferreira e Bonfim (2010, p.37), um caminho para esta ruptura é considerar “a ética biocêntrica como possibilidade de realinhamento (circular) na construção de rotas que agreguem a percepção do homem como parte integrante da natureza e não como o seu proprietário”.

Desde o início dos anos 70, esta problemática tem sido tratada em Conferências Internacionais, como a de Estocolmo, realizada em 1972. No entanto, foi na Rio-92 que a população mundial consolidou a percepção da problemática ambiental e suas dimensões,

relacionadas com os modelos de desenvolvimento vigentes. (GUIMARÃES; FONTOURA, 2012).

A agenda ambiental entrou em pauta, no entanto pouco se realizou, do que foi debatido, e os conflitos se acentuaram. A lógica dominante não permitiria qualquer desaceleração produtiva.

Na Conferência Rio+20 as esperanças dos ambientalistas em reverter o quadro da crise ambiental, e avançar para a consolidação de uma sociedade sustentável se renovaram, no entanto apesar da ampliação da agenda, não houve proporcional eco nas práticas. (GUIMARÃES; FONTOURA, 2012).

A Análise do discurso da Rio+20 colabora com o entendimento das visões predominantes na época (WENCESLAU; ANTEZANA; CALMON, 2012). Desta forma, demonstrando uma lógica dominante, que se apropria de um discurso com o intuito de legitimação.

Este processo não é novo, e pode ser constatado em diversas fontes que demonstram um excesso da racionalidade econômica, como nos relata Latour (1994).

Em Paris, Londres e Amsterdã, neste mesmo glorioso ano de 1989, são realizadas as primeiras conferências sobre o estado global do planeta, o que simboliza, para alguns observadores, o fim do capitalismo e de suas vãs esperanças de conquista ilimitada e de dominação total sobre a natureza. Ao tentar desviar a exploração do homem pelo homem para uma exploração da natureza pelo homem, o capitalismo multiplicou indefinidamente as duas. O recalcado retorna e retorna em dobro: as multidões que deveriam ser salvas da morte caem aos milhões na miséria; as naturezas que deveriam ser dominadas de forma absoluta nos dominam de forma igualmente global, ameaçando a todos. Estranha dialética esta que faz do escravo dominado o mestre e o dono do homem, e que subitamente nos informa que inventamos os ecocídios e ao mesmo tempo as fomes em larga escala (LATOUR, 1994, p.14).

Os discursos compilados no quadro abaixo por Wenceslau, Antezana e Calmon (2012), nos ajuda no aprofundamento de reflexões necessárias a análise desta temática.

Quadro 1 - Análise do Discurso da Rio+20

| Ontologia | Hipóteses sobre relações naturais | Agentes e Motivações | Metáforas |
|--|---|--|--|
| <p>Economia Clássica</p> <p>Erradicar a pobreza é o maior desafio para o mundo e condição do Desenvolvimento Sustentável</p> <p>Desenvolvimento Sustentável tem três dimensões: crescimento inclusivo, avanço social e proteção ambiental</p> <p>As pessoas são o centro da sustentabilidade</p> | <p>Relações cooperativas entre os atores</p> <p>Abordagem holística e integrada do Desenvolvimento Sustentável</p> <p>Subordinação de <i>facto</i> do ambiente ao econômico</p> <p>Aliança entre as pessoas, governos, sociedade civil e setor privado.</p> <p>Responsabilidades comuns e diferenciadas</p> <p>Ricos x Pobres</p> | <p>População é formada por grupos e instâncias governamentais</p> <p>Afirma papel e convoca o engajamento ativo na promoção, planejamento e implementação do desenvolvimento sustentável de todos os níveis de governo, legislativos, judiciários, níveis locais e subnacionais e dos grupos: mulheres, crianças, jovens, ONGs, indígenas, trabalhadores, sindicatos, empresas, indústrias, fazendeiros, comunidade científica e tecnológica, migrantes, idosos.</p> | <p>Casa, Mãe Terra</p> <p>Libertar a Humanidade da Pobreza e Fome</p> <p>Gerações Futuras</p> <p>Economia Verde</p> <p>Saúde e Integridade dos Ecossistemas</p> <p>Liberdade, Paz e Segurança</p> <p>Direito à alimentação, igualdade de gênero, Estado de Direito, justiça, equidade.</p> |

Fonte: Wenceslau, Antezana e Calmon, 2012, p.599

Nesta análise, fica evidente a manutenção do paradigma antropocêntrico e da manutenção da racionalidade vigente, com fundamentação no utilitarismo e na economia clássica.

Desta forma, Wenceslau, Antezana e Calmon, afirmam que

a análise comparada do discurso do documento “*The Future We Want*” com os discursos ambientais prévios demonstra que ele é baseado no discurso do desenvolvimento sustentável. Porém, as indicações de ação futura apontam em direção ao discurso do **racionalismo econômico** (2012, p.599, g.n.).

As incoerências entre discurso e ação se mantêm e a abordagem desenvolvimentista se intensifica, com o aumento da produção mundial e das desigualdades sociais.

Este fato se baseia na reprodução de práticas tradicionais de exclusão e preconceito, em relação às minorias, como pode ser constatado no ambiente de trabalho, com a diferenciação de salários em relação aos gêneros.

“As feministas fizeram-nos compreender, algumas vezes, como a assimilação das mulheres à natureza teve, durante tão longo tempo, o efeito de privá-las de todo direito político” (LATOURET, 2004, p.66).

Logo, apesar dos avanços na legislação brasileira, há a necessidade de ressignificação e mudança ontológica.

A I Cúpula dos Povos foi um evento paralelo a Rio+20 que discutiu profundamente esta mudança ontológica.

Wenceslau, Antezana e Calmon (2012), fizeram a análise dos discursos, compilados na “Declaração Final da Cúpula dos Povos por Justiça Social e Ambiental”, e demonstraram que há uma defesa pela convergência dos movimentos sociais e uma oposição ao racionalismo vigente.

Quadro 2 - Análise do discurso da Cúpula dos Povos

| Ontologia | Hipóteses sobre relações naturais | Agentes e Motivações | Metáforas |
|--|--|--|---|
| <p>O discurso da Cúpula dos Povos sugere uma mudança ontológica, que saia da perspectiva realista – os recursos naturais como <i>inputs</i> do processo produtivo capitalista – para uma perspectiva nominalista – os recursos naturais como direitos da humanidade, a serem protegidos e preservados por todos.</p> | <p>Defende relações de cooperação e a convergência entre as diversas agendas defendidas pelos movimentos sociais. Ao mesmo tempo, estabelecem uma relação de oposição às grandes corporações e de desconfiança em relação ao Estado.</p> | <p>Os agentes de mudança são os movimentos sociais e populares, os sindicatos, os povos, as organizações da sociedade civil e os ambientalistas de todo o mundo. No entanto, deixa o papel dos Estados em segundo plano, pois considera que os entes governamentais foram capturados por interesses do sistema capitalista..</p> | <p>Luta pelo estabelecimento de uma nova ordem.</p> |

Fonte: Wenceslau, Antezana e Calmon, 2012, p.601-602

É claramente um contraponto a agenda ambiental da Rio+20, no entanto não avança na quebra de paradigma antropocêntrico, nem na construção de uma racionalidade ambiental.

Enquanto isso os conflitos continuam a ocorrer nos territórios, que se descaracterizam como locais onde ocorrem as relações sociais.

Segundo Gehlen e Riella (2004, p.20), “o território é uma referência globalizante, algo que está sendo construído em paralelo ao conceito de globalização, opondo-se por vezes a este pelas possibilidades que oferece de reconhecer e valorizar as especificidades locais e regionais no enfrentamento à pretensão uniforme da ideia de globalização.”

Num sentido, o território é apenas recurso, onde ocorre a produção, enquanto em outro sentido, é o ambiente em que se vive, um ambiente vivo, e um espaço de construção social.

Esta perspectiva, coloca o território como um dos locais onde se constrói os saberes, pois segundo Leff (2012),

O saber ambiental constrói-se no encontro de visões de mundo, racionalidades e identidades, na abertura do saber para a diversidade, a diferença e a outridade, questionando a historicidade da verdade e abrindo o campo do conhecimento para a utopia, para o não saber que alimenta as verdades por vir. (p.24)

Logo, o território é espaço de construção social coletiva, de identidades e patrimônios. É no território que as construções e desconstruções ocorrem, além de ser espaço de conflitos, que ocorrem em função da problemática socioambiental.

Neste sentido, busca-se uma reflexão sobre a lacuna de pesquisas nesta área, visto que “apesar de as teorias ligadas à ciência da administração promoverem inúmeras inovações na atualidade, elas ainda incorporaram de maneira marginal a problemática territorial e socioambiental” (MENEZES,2011, p.2).

A construção da racionalidade ambiental rompe com a racionalidade econômica tradicional e coloca em prova a racionalidade weberiana, ao se posicionar como uma racionalidade rica em contexto social, no entanto não a desconsidera como referencial conceitual. Também busca romper com as visões dicotômicas da natureza, que segundo as palavras de Moscovici (2007, p.250), “salvo por razões de circunstância, eu nunca poderei admitir as duas variantes de uma ideia fixa e a-histórica da natureza: a natureza selvagem e a natureza doméstica”.

Desta forma, a perspectiva da história da natureza é uma construção humana das observações da natureza, sendo de certa forma parcial, por não considerar todos os atores que fazem parte deste contexto, mesmo porque o paradigma antropocêntrico corresponde a uma

lente interpretativa para grande parte dos escritores destas histórias da natureza. Esta é também uma construção de racionalidade que não rompe, com as racionalidades anteriormente construídas, e que se baseiam em grande parte nas bases da Economia Clássica.

Leff (2006, p.18), afirma que a “racionalidade ambiental reconstrói o mundo a partir da flecha do tempo e da morte entrópica do planeta, mas também a partir do poder da neguentropia e da resignificação da natureza pela cultura”.

Neste contexto, a Economia Ecológica e o Desenvolvimento Territorial Sustentável se alinham, em aproximações conceituais, que convergem na racionalidade ambiental.

Dito isto, é válido ressaltar que esta racionalidade esta sendo construída continuamente, e de forma coletiva. Os arranjos produtivos locais construídos de forma participativa em comunidades agrárias, com administração coletiva, são exemplos de instituições produtoras destes saberes ambientais.

No entanto, ainda vivemos uma crise epistêmica, que segundo Rolston III (1997, p.41 *apud* Rohde, 2005, p.33), “é tão problematizante quanto a crise ambiental e deve ser resolvida antes que a outra possa.”

Desta forma, esta crise epistêmica se coloca como uma crise contemporânea, onde a necessidade de uma epistemologia ambiental se faz urgente.

A teoria do conhecimento tem como objeto de estudo as ciências, no entanto estas não suprem as demandas tecnológicas e sociais da atualidade, que englobam as mudanças climáticas e problemas ligados aos impactos ambientais, que surgem em consequência do aquecimento global.

Destarte, a Epistemologia deve colaborar com transformação e transcendência, em busca de novas respostas, a partir de reflexões sinceras.

Segundo Tesser (1994, p.97), “A Epistemologia seria uma reflexão profunda e crítica sobre o universo da Ciência”.

A epistemologia ambiental é uma ruptura em relação as perspectivas clássicas, no entanto considera os pressupostos das mesmas, com o intuito de ultrapassá-las. Neste sentido, “a epistemologia ambiental fundamenta-se em um novo saber que emerge a partir do limite do real (entropia), do projeto de unificação forçada do ser e da epopeia da ciência pela objetividade e pela transparência do mundo” (LEFF, 2012, p.31).

Considerando que o saber ambiental emerge na incerteza, e que há alinhamento conceitual com a Economia Ecológica, a racionalidade ambiental embasa decisões de investimento

energético, numa lógica de melhor utilização dos recursos ambientais disponíveis, o que deve ser discutido coletivamente, em função dos recursos serem comuns a toda humanidade.

Dias (2002, p.86), alerta que “não existe meio-termo. Ou construímos uma economia que respeite os limites da Terra ou continuamos com o que está aí até o seu declínio e nos envolvemos em uma tragédia evolutiva”.

2.2.2 Economia Ecológica e as Tecnologias Sociais na construção do Desenvolvimento Sustentável

A Escola da Economia Ecológica contribui muito para o avanço na compreensão da problemática da Economia do Meio Ambiente e nas possíveis soluções, ao encarar as teorias econômicas e a complexidade dos problemas por vários prismas.

Segundo Nobre e Amazonas (2002) a Economia Ecológica considera a complexidade e toda uma rede de ligações entre os sistemas econômico e ecológico. Neste sentido atende a um dos desafios da Sociedade do Conhecimento, que requer um fluxo de informações constante e a incorporação de conhecimentos por todas as pessoas independente das áreas do saber em que atuam. Desta forma, contempla parcialmente as necessidades de suporte ao Capital Intelectual que gera as inovações tecnológicas necessárias as demandas sociais e ambientais vigentes.

Ao transcender a visão fragmentada e incorporar a base biofísica e ecológica na análise econômica a Economia Ecológica contribui para a reflexão sobre os encadeamentos do sistema produtivo global no que tange aos fluxos de matéria, energia e informação/conhecimento.

De acordo com Nobre e Amazonas (2002, p.198), “a análise dos *fluxos de materiais e energéticos* ganha destaque significativo para a discussão do funcionamento do sistema econômico, uma vez que estes fluxos constituem aspectos básicos do lado *real* deste sistema – os quais são negligenciados na economia convencional. Neste sentido, ganham destaque especialmente os conceitos termodinâmicos como a lei da conservação (primeira lei da termodinâmica) e a lei de entropia (segunda lei da termodinâmica)”.

E a colaboração da Biofísica e da Ecologia colocam a problemática da questão ambiental em perspectiva do horizonte de tempo e chegam a considerações efetivas sobre a “impossibilidade da sustentabilidade”.

Nobre e Amazonas (2002) abordaram o trabalho de Georgescu-Roegen, centrado na análise na lei da entropia, e assinalaram que “a Sustentabilidade, se entendida como manutenção

física estrita de fluxos e estoques dos recursos energéticos e materiais, é algo *Impossível*, dada a *Inevitabilidade do Processo Entrópico*”.

Desta forma a dimensão temporal ganha uma análise de destaque, pois há uma inevitabilidade física que pode ser postergada ou acelerada ao máximo. Esta perspectiva da Escola da Economia Ecológica colabora para a compreensão da problemática da Economia do Meio Ambiente, pois proporciona um debate e uma ação mais realista sobre a utilização dos recursos naturais e suas implicações no futuro do planeta.

Um outro avanço significativo da Escola da Economia Ecológica é a tentativa de reconciliação das disciplinas Ecologia e Economia, de forma a entendermos que há uma perspectiva de escassez e os recursos não renováveis devem ser utilizados criteriosamente e os renováveis respondem a um intervalo de tempo e podem se esgotar. Além disso, atribuí a ideia de valor econômico a incorporação de “custos ocultos”, realizando uma aproximação crítica à teoria neoclássica ao tentar precificar a degradação ambiental resultante da atividade produtiva industrial.

Esta abordagem é claramente uma limitação da Escola da Economia Ecológica, mas a representa bem, pois a mesma se configura num ponto intermediário entre o Pensamento Econômico Convencional e a Ecologia Convencional.

Segundo Costanza, Perrings e Cleveland (1997, p.xiii) assinalam:

Ecologia e Economia se desenvolveram como disciplinas separadas através de suas histórias recentes no século xx. Enquanto cada uma tratou a maneira como sistemas viventes se auto-organizaram para permitir os indivíduos e as comunidades a atingirem suas metas, e enquanto cada uma emprestou conceitos teóricos da outra, e compartilhou de maneiras de pensar com outras ciências, elas partiram de princípios iniciais diferentes, distintos, trataram de questões separadas, utilizaram diferentes interesses no processo político. Reconciliar estes domínios de pensamento e tentar reintegrar as ciências naturais e sociais ao que chamamos Economia Ecológica” (*apud* NOBRE; AMAZONAS, 2002, p.228).

Face às afirmações acima fica evidente a contribuição significativa da Economia Ecológica, que pelo seu papel mediador e a tentativa de conciliar e entender as visões opostas avança ao propor soluções mais realistas.

Esta tentativa vem se demonstrando eficaz, mas se configura ao mesmo tempo como uma força ou fraqueza potencial, ao tentar equilibrar pensamentos diversos.

A economia ecológica busca “integrar e transcender a economia convencional e a ecologia convencional”, o que se configura como uma avanço considerável neste campo do saber, e contribui enormemente com as reflexões necessárias à construção de uma racionalidade ambiental.

A globalização da economia expande as tendências de aumento de padrões de consumo de países desenvolvidos em países em desenvolvimento e em todo o terceiro mundo. A teoria da pegada ecológica e a constatação de que os recursos naturais disponíveis se esgotarão num tempo muito menor que o esperado colocam em xeque a possibilidade de se atingir um desenvolvimento sustentável.

A tecnologia pode ajudar a resolver algumas questões, mas não é capaz de solucionar todos os problemas, até mesmo porque alguns deles se caracterizam como problemas sem solução técnica.

Uma alternativa seria a adoção do conceito de Sociedades Sustentáveis, o que gera um contraponto a globalização, por considerar que os problemas regionais devem ser resolvidos regionalmente dentro de uma lógica de que as complexidades locais requerem o debate e a ação local, com a valorização das pessoas e dos saberes locais.

Neste contexto a Gestão de Recursos Naturais é fundamental para a construção de Sociedades Sustentáveis principalmente em áreas relacionadas diretamente com a vida social e as relações de trabalho nelas existentes. A falta de políticas claras de Gestão de Recursos Naturais pode vir a enfraquecer uma identidade cultural local, criando vulnerabilidade socioambiental e também conflitos territoriais.

Segundo Loureiro *apud* Loureiro (2004), “é a partir da ação territorializada dos diferentes atores sociais, com seus distintos interesses, compreensões e necessidades que se instauram os conflitos, acordos e diálogos pela apropriação e usos do patrimônio natural e se realizam os processos educativos voltados para a gestão democrática do ambiente” (p.5).

Dentro desta lógica, que a filosofia de desenvolvimento territorial sustentável deve ser trabalhada, embora haja o entendimento que condições estruturantes compatíveis devem ser conquistadas e outros conceitos colaboram com esta construção.

A Governança Local é uma alternativa ao que se prega na globalização, pois a mesma defende as decisões em bloco e compartilha o pouco poder remanescente da coletividade para os Estados e organizações globais.

Conceitualmente, Governança Local é um sistema organizacional que devido à municipalização obteve um maior poder para as comunidades locais. E através deste sistema a sociedade se organiza de forma a exercer papel relevante na tomada de decisões que afetam a sua vida social. Esta organização dá sustentabilidade para as demandas dos grupos sociais envolvidos e possibilita a construção de Sociedades Sustentáveis.

De acordo com artigo de Michael Cuthill citado no Caderno Acadêmico de Rubens Mazon (2004), os quatro requisitos básicos para que os cidadãos participem efetivamente dos processos de governança local são: i) Produzir dados descrevendo e facilitando o entendimento mais amplo das questões locais sobre sustentabilidade; ii) Facilitar o desenvolvimento comunitário quanto a técnicas operacionais, organizacionais e administrativas, além de promover a cooperação Inter organizacional no âmbito da sociedade civil; iii) Construir suporte burocrático e político para a participação dos cidadãos e iv) Desenvolver processos claramente articulados pelo governo local para apoiar e facilitar a participação do cidadão na governança local. (p.xi)

Logo, a Governança Local aliada aos princípios da Economia Ecológica, contribuem para o desenvolvimento de um saber ambiental, e conseqüentemente numa mudança de atitudes.

Trata-se desta forma, de um entendimento da necessidade evolutiva, que demanda uma redução do analfabetismo ambiental. Isto, por si só, não resolverá a crise sócio ambiental, no entanto criará um contraponto para a lógica de acumulação vigente.

Neste contexto, o entendimento de que há várias globalizações e não apenas uma, amplia o enfoque deste debate, pois o que se apresenta como fator comum aos processos de globalizações é o aumento de padrões de consumo, em nível mundial.

A teoria da pegada ecológica e a constatação de que os recursos naturais disponíveis se esgotarão num tempo muito menor que o esperado, colocam em xeque a possibilidade de se atingir um desenvolvimento sustentável, como fora idealizado inicialmente.

De acordo com Leff (2002, p.61), “a problemática ambiental – a poluição e degradação do meio, a crise de recursos naturais, energéticos e de alimentos – surgiu nas últimas décadas do século XX como uma *crise de civilização*, questionando a racionalidade econômica e tecnológica dominante.”

A tecnologia pode ajudar a resolver algumas questões, mas não é capaz de solucionar todos os problemas, até mesmo porque alguns deles se caracterizam como problemas sem

solução técnica (HARDIN, 1968). O desenvolvimento de Tecnologias Sociais por sua vez se coloca como uma alternativa para esta problemática, embora haja muita polêmica sobre o tema.

As Tecnologias Sociais são essencialmente participativas e priorizam a colaboração e a cooperação, como uma forma de construção e validação de escolhas coletivas do conhecimento, sejam estes saberes científicos, tecnológicos ou populares, de forma a transferir à população, principalmente àquela excluída do processo econômico e social, os benefícios gerados pela Ciência e Tecnologia, de maneira a contribuir para a redução das desigualdades econômicas, sociais, inter-regionais e interpessoais. (RUTKOWSKI, 2005, p.192).

Esta visão é claramente um contraponto para o pensamento reinante, que vê a tecnologia como algo neutro. E por este motivo é necessário rever uma série de conceitos, que acabam por direcionar a sociedade num rumo, de hipercompetição.

Uma outra alternativa, seria a adoção do conceito de Sociedades Sustentáveis, o que gera um contraponto a globalização, por considerar que os problemas regionais devem ser resolvidos regionalmente dentro de uma lógica de que as complexidades locais requerem o debate e a ação local, com a valorização das pessoas e dos saberes locais.

Para Diegues (1992, p.28), “o conceito de “sociedades sustentáveis” parece ser mais adequado que o de “desenvolvimento sustentável” na medida em que possibilita a cada uma delas definir seus padrões de produção e consumo”.

O estudo sobre as Conexões Institucionais Transescalares, que são conexões dispostas horizontalmente e verticalmente, colaboram em muito com este entendimento, pois contemplam o pensar global, com a ação local, visto que existe amplo grau de interdependências na natureza. (BERKES; COLDING; FOLKE, 2003).

Além disso, “a desglobalização do local e a sua eventual reglobalização contra hegemônica ampliam a diversidade das práticas sociais ao oferecer alternativas aos globalismos localizados” (SANTOS, 2005, p.21).

Neste contexto, a Gestão Compartilhada de Recursos Naturais é fundamental para a construção de Sociedades Sustentáveis, principalmente em áreas relacionadas diretamente com a vida social e as relações de trabalho nelas existentes.

A falta de políticas claras de Gestão Compartilhada de Recursos Naturais pode vir a enfraquecer uma identidade cultural local, criando vulnerabilidade socioambiental e também conflitos territoriais.

Considerando, que uma evolução do conceito de DS veio a incorporar as questões do modo de vida, e as pessoas como agentes, Satin (2005), afirma que ,

o planejamento de estratégias de desenvolvimento territorial sustentável pressupõe conhecer as condições reais e complexas subjacentes aos sistemas produtivos, em especial, as interrelações sociais, técnicas, culturais e econômicas estabelecidas entre seus atores em nível local e regional (SATIN, 2005, p.21).

A Educação tem papel integrador e intencional, na transformação de agentes que atuem localmente para a construção do desenvolvimento territorial sustentável (SATIN; ADRIANO, 2009).

Esta abordagem caminha para a construção de sociedades sustentáveis, onde a cidadania seja exercida dentro de uma racionalidade ambiental que considera a alteridade.

Para Boff (1999, p.8), “sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional, ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão”.

A ideia inicial de Desenvolvimento Sustentável foi posta em prova, e dentro de uma análise mais complexa emergiu a visão de uma sustentabilidade impossível, sob as condições da economia neoclássica, no entanto este confronto conceitual e ideológico transformou as concepções vigentes, proporcionando novas abordagens, como a filosofia de desenvolvimento territorial sustentável.

As visões enraizadas na nossa sociedade, que contemplam fundamentalmente duas formas de ação baseadas na propriedade privada e no estado, também foram confrontadas pelos novos arranjos produtivos baseados na coletividade. E esta abordagem se utiliza de conceitos diversos que integram e mediam as dimensões de sustentabilidade de forma equilibrada, dentro da perspectiva dos horizontes de tempo.

Neste sentido, uma abordagem econômica se faz necessária, para balizar o debate e as possibilidades de resposta à mudança, apresentando alternativas a uma crise socioambiental vigente.

Analisar os conceitos apresentados, dentro de um padrão de análise econômica tradicional, de pura acumulação, não responde as questões essenciais para uma mudança produtiva, nem a para a construção de um saber ambiental.

De fato, toda análise pode ser feita dentro dos princípios da Economia Ecológica, pois segundo as leis da termodinâmica o mundo tem um fim previsível, basta saber a aceleração que iremos imprimir.

Logo, a questão principal que se enuncia se configura na racionalidade do uso destes recursos e em função de quem será usado. Esta racionalidade deve ter um adjetivo diferenciado, pois dentro da racionalidade econômica vigente, destruir produtos agrícolas, fomentar a indústria bélica e fazer guerras pelo mundo, são coisas plenamente coerentes, pois estão baseadas na lógica da escassez.

A questão ambiental, ou a racionalidade ambiental favorece o debate mundial, pois há uma aceitação maior da população mundial em torno desta temática. No entanto, ainda vemos uma certa ambivalência nos comportamentos individuais, pois apesar da aceitação da importância do tema, grande parte da população mundial, ainda não está disposta a diminuir o seu consumo, nem adotar produtos com certificação ambiental que sejam mais caros, que os seus similares.

Uma lógica de racionalidade econômica se configura nestes comportamentos, e esse é o ponto essencial para uma mudança efetiva.

E estas mudanças se elevam a um nível de análise que só pode ser realizado, com a ruptura do paradigma antropocêntrico e a consequente construção da racionalidade ambiental.

Além disso, o Turismo Sustentável está vinculado ao nível de adoção de práticas sustentáveis, com conscientização e participação cidadã em prol da sustentabilidade. Buckley (2012) afirma que a indústria do turismo não acompanha os progressos da área de sustentabilidade, e o destino da indústria está relacionado a “pressões sociais e econômicas conflitantes” (p.535). No entanto, movimentos da sociedade civil organizada têm influenciado sociedades empresariais e governos na adoção de práticas mais sustentáveis.

Desta forma, é necessário compreender, também, o Desenvolvimento Sustentável no contexto de cada país.

2.2.3 O Desenvolvimento Sustentável no contexto brasileiro

No Brasil o Desenvolvimento Sustentável é visto como um desafio, enquanto na Nova Zelândia é encarado como uma estratégia. Neste sentido, o histórico de políticas públicas e decisões governamentais tem grande influência neste cenário.

Neste sentido, Candiotto (2009, p.53) diz que é “complicado afirmar que governos – seja de países centrais ou periféricos – vêm buscando o desenvolvimento sustentável, sobretudo em países periféricos que seguem o modelo de desenvolvimento produtivista e capitalista neoliberal, como no caso do Brasil”.

O Brasil, como outros países que se industrializaram no século XX, adotou o modelo de industrialização e o repertório de tecnologias vigentes, realizando esse processo de forma acelerada. Assim, também se verificaram intensa poluição, sítios contaminados e degradação da qualidade de vida (OLIVEIRA; MORGADO, 2010, p.151-152).

Esta política de industrialização teve consequências emblemáticas para o país, que na década de 80, era conhecido por ter uma das cidades mais poluídas do mundo. Oliveira e Morgado (2010), destacam a simbologia da cidade de Cubatão, que por um lado representava o progresso, no entanto por outro lado um grave problema ecológico.

Esta mentalidade do custo do progresso parece ter sido presente por toda década de 80, e ainda é encontrada em alguns discursos atuais. Neste cenário, alguns avanços ocorreram, e a cidade de Cubatão, felizmente, perdeu o seu adjetivo de cidade extremamente poluída.

O Brasil também teve boas colocações em rankings positivos, e a reciclagem de alumínio é um dos símbolos desse fato. Atualmente, estamos entre os países líderes com 97,9% de reciclagem de latinhas de alumínio (ABAL, 2017).

Desta forma, é possível compreender que as políticas de desenvolvimento brasileiras tem avanços e retrocessos, no entanto é evidente que a expansão do agronegócio para a região norte, a falta de infraestrutura e o modelo de desenvolvimento adotado para o Brasil não permite afirmar que o governo busca o Desenvolvimento Sustentável.

Neste contexto, Abramovay (2010), afirma que,

vários componentes de uma estratégia de desenvolvimento sustentável podem ser encontrados em políticas governamentais, em práticas levadas adiante por empresas privadas e nos trabalhos de inúmeras organizações da sociedade civil brasileira. Estas partes, entretanto, estão longe de formar um todo coerente, o que lhes retira justamente o alcance estratégico (p.97).

O perfil estatístico do Brasil organizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ajuda a visualizar o cenário.

Tabela 1 - Perfil Estatístico do Brasil - 2018

| | Unidade | 2010 | 2012 | 2014 | 2015 | 2016 |
|--|------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| PIB per capita | Dólar americano | 14340 | 15499 | 16307 | 15731e | 15243e |
| Rendimento nacional bruto per capita | -paridade do poder de compra | 13919 | 15169 | 15984 | ... | ... |
| Retiradas de Água | Milhões de m ³ | 74900 | 83300 | ... | ... | ... |
| Total de Lixo Municipal | 000 toneladas | 53300 | 57900 | ... | ... | ... |
| Emissões de CO ₂ provenientes de combustível fóssil | Milhões de toneladas | 371 | 422 | 475 | 451 | ... |
| População | 000 pessoas | 193253 | 199689 | ... | ... | ... |
| Expectativa de Vida | anos | 73.3 | 73.8 | 74.4 | 74.7 | ... |
| Mortalidade Infantil | Por mil | 14.8 | 14.3 | 14.4 | 14.6 | ... |

Fonte: Adaptado do Relatório *Country Statistical Profile – Brazil 2018* da OCDE.

e – Estimado

Este é apenas um fragmento do perfil brasileiro, que chama a atenção pela falta de dados em diversas áreas como o Meio Ambiente, que tem apenas três itens do total de sete, a saber: retirada de água, desembarques nacionais de peixe em portos domésticos, desembarques nacionais de peixe em portos estrangeiros, aquicultura, total de lixo municipal, total de lixo municipal *per capita* e emissões de CO₂ provenientes de combustível fóssil.

É claro, que estes itens podem ser debatidos, e alguns até contestados como indicadores de desenvolvimento sustentável, mesmo porque a OCDE tende a se orientar pela perspectiva econômica – monetária. No entanto, a falta de monitorização preocupa, e atesta um quadro de retrocesso, que pode ser bem visualizada na crise dos recursos hídricos, na cultura do desperdício da água, na gestão de resíduos sólidos, entre outros.

Além disso, a crise hídrica e conseqüentemente a falta de água, tem impactos climáticos e sociais, uma vez que, ainda há uma série de problemas relacionados ao abastecimento das cidades. (PBMC, 2016).

Turine e Macedo (2018), discutem diversos aspectos do uso dos recursos naturais, sob uma perspectiva plural da sustentabilidade. Neste contexto, entende-se que as sustentabilidades devem estar alinhadas, ou seja, a produção e o desenvolvimento industrial não podem sobrepujar o direito das comunidades, e o retorno resultante da atividade produtiva deve ser justo. Neste sentido, afirmam que:

a promoção da sustentabilidade pode partir do estímulo do uso de recursos naturais como forma de implementar o desenvolvimento das comunidades tradicionais que detenham o conhecimento associado da biodiversidade e dele retirem sua manutenção. Com suporte em justa remuneração a esse patrimônio, pode ser realizada a justiça ambiental, a diminuição das desigualdades e a estabilização econômica dessas

comunidades, garantindo-se a sustentabilidade ambiental, social e econômica (TURINE; MACEDO, 2018, p.17).

A visão do economista polonês Ignacy Sachs (1993), defensor do Ecodesenvolvimento, reforça este pensamento ao afirmar que devem ser consideradas cinco dimensões de sustentabilidade, a saber:

- a) Sustentabilidade Social, busca uma sociedade mais equilibrada, considerando o direito da maior parte da sociedade a padrões de vida dignos, e desenvolvimento humano;
- b) Sustentabilidade Econômica, busca a eficiência econômica dentro de uma outra visão de economia, em que os critérios não são apenas financeiros. A lógica presente neste conceito busca atender a critérios macrossociais;
- c) Sustentabilidade Ecológica, busca utilizar os recursos naturais de uma forma racional, incentivando as novas tecnologias para a redução da poluição, eficiência energética e proteção ambiental. Também defende que exista um marco legal para proteção e conservação ambiental;
- d) Sustentabilidade Espacial, defende um desenvolvimento territorial – espacial mais equilibrado, com menor concentração nas grandes cidades. A lógica rural – urbana deve ser mais harmônica e organizada; e áreas de proteção à biodiversidade devem ser estabelecidas;
- e) Sustentabilidade Cultural, busca defender o patrimônio natural e cultural de cada localidade (SACHS, 1993, p.25-27).

Levando em consideração as cinco dimensões de sustentabilidade, visualiza-se que o Brasil está longe de alcançar o Desenvolvimento Sustentável. No entanto, este é um problema que não é só do Brasil e tem conexões globais.

Muitos avanços foram conquistados, embora seja visível que a crise econômica acarrete uma série de retrocessos.

2.2.4 O Desenvolvimento Sustentável no contexto neozelandês.

A Nova Zelândia adotou uma estratégia ligada ao Desenvolvimento Sustentável, em face de uma crise econômica grave, que enfrentou na década de 90, em função do declínio de exportações de seus principais produtos e perda de mercado. Segundo Santana (2006, p. 52), “o aumento das barreiras de importação pelo mercado comum europeu e a redução de quotas de importação coincidiram com um período recessivo no país”.

Trata-se de um país pequeno, que na época concentrava a sua economia numa pequena quantidade de produtos de pouco valor agregado. A agricultura historicamente tem seu papel no país, sendo que muitas cidades, viviam quase que exclusivamente desta atividade.

Em face da crise, houve uma reformulação das estratégias e políticas públicas do país, que buscaram identificar suas forças e fraquezas, e o meio ambiente foi uma conexão evidente, entre as suas forças. Desta forma, o governo investiu prioritariamente, no que considerava uma das suas principais forças, gerando resultados positivos para o país, aliando o seu desenvolvimento as cinco dimensões de sustentabilidade.

As principais receitas de exportação são produtos agrícolas e turismo (cerca de 20% e 9% do P.I.B. respectivamente) e possuem fortes associações com o meio ambiente natural. A Nova Zelândia possui uma das maiores taxas de fornecimento de energia renovável entre os países desenvolvidos, principalmente hidrelétricas e geotérmicas; isto é 30% da energia consumida (em comparação com 6% para a Austrália e os EUA). A localização do país produz condições climáticas que permitiriam diferentes fontes de produção de energia renovável (incluindo turbinas eólicas) (FRAME; NEWTON, 2007, p.3 e 4).

O Turismo foi escolhido como um dos setores a ser priorizado, juntamente com a Educação, valorizando os valores ecológicos que ecoavam em grande parte do mundo.

No final dos anos 90, o país já tinha consolidado a sua marca como país ligado a sustentabilidade, marcando posição como um dos principais destinos de ecoturismo do mundo.

De acordo com Santana (2006, p.66), a NZ era considerada como “um lugar hospitaleiro, natural, despretensioso, com oportunidades para turismo ecológico e de aventura e com uma herança singular que é a cultura Maori”.

O país ganhou destaque mundial por estas características e pelos esportes, passando a ser conhecido e desejado como destino turístico. Este resultado foi planejado e cuidadosamente executado, no intuito de consolidar a Marca Nova Zelândia.

O Rugby, que é um dos principais esportes nacionais também foi reformulado, adotando as marcas e símbolos traçados pelas estratégias governamentais. No entanto, as maiores mudanças podem ser atribuídas à sociedade civil organizada e cultura dos neozelandeses, que buscavam uma sociedade mais justa, desde as décadas de 70 e 80.

No Tour de 1981, houve um grande boicote ao evento em função do convite de uma equipe sul africana, país em que vigorava o *apartheid*, e mulheres, maoris e diversos cidadãos

neozelandeses se opuseram fortemente ao evento. Este fato gerou um grande debate nacional, e diversos conflitos.

Segundo Thompson (1988, p.210), houve uma mudança na política governamental que procurou atender aos interesses dos maoris e das mulheres. “ambos os grupos, separadamente e em combinação, estão demonstrando identidades vividas e relacionamentos de poder aprimorado”.

Atualmente, contata-se que a cultura maori, dos primeiros habitantes do país é valorizada e considerada como patrimônio cultural nacional. Um dos fatos que melhor retrata esta afirmação é que se encontra em todos os locais turísticos placas em inglês e maori. Este fato, é expressivo para a estratégia de sustentabilidade da NZ, pois retrata um alinhamento da sustentabilidade cultural com as outras dimensões de sustentabilidade.

Segundo Berg e Kearns (1996, p.99), “os nomes são parte de uma ordem simbólica e material que fornecem normalidade e legitimidade para aqueles que dominam a política (local) de representação”.

O Patrimônio Cultural que a cultura Maori representa é uma das razões para se fazer turismo na NZ, e a valorização desta cultura, reforçada constantemente, inclusive em eventos esportivos, se configura numa oportunidade de divulgação da marca NZ.

Os esforços governamentais não se deram apenas na esfera administrativa, e a esfera pública como um todo aderiu às estratégias governamentais, se aliando também a esfera privada.

Em 1991, a legislação neozelandesa fez um grande avanço no sentido de implementar leis de sustentabilidade. Um marco neste sentido foi à introdução da lei de Gestão de Recursos (CRAIG, 2004), que apesar das críticas e ceticismo, foi um marco legal que possibilitou o desenvolvimento de legislação e políticas que alinharam as estratégias de sustentabilidade.

Os resultados econômicos foram alcançados, e a população do país compartilha destes resultados.

Tabela 2 - Perfil Estatístico da Nova Zelândia - 2018

| | Unidade | 2010 | 2012 | 2014 | 2015 | 2016 |
|--|------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| PIB per capita | Dólar americano | 31.177 | 39.912 | 37.036 | 37.206 | 38.346e |
| Rendimento nacional bruto <i>per capita</i> | -paridade do poder de compra | 29.628 | 31.542 | 35.541 | 35.879 | 38.979e |
| Retiradas de Água | Milhões de m ³ | 5.201 | ... | ... | ... | ... |
| Desembarques nacionais de peixe em portos domésticos | ´000 toneladas | 264 | 284 | 289 | ... | ... |

| | | | | | | |
|--|----------------------|-------|-------|-------|-------|-----|
| Desembarques nacionais de peixe em portos estrangeiros | ´000 toneladas | 14 | 7 | 6 | ... | ... |
| Aquicultura | ´000 toneladas | 111 | 100 | 110 | ... | ... |
| Total de Lixo Municipal | ´000 toneladas | 2.532 | 2.514 | 2931 | 3.221 | ... |
| Total de lixo municipal <i>per capita</i> | kg | 582 | 570 | 650 | 701 | ... |
| Emissões de CO ₂ provenientes de combustível fóssil | Milhões de toneladas | 30 | 31 | 31 | 31 | ... |
| População | ´000 pessoas | 4.351 | 4.408 | 4.510 | ... | ... |
| Expectativa de Vida | anos | 80.8 | 81.2 | 81.5 | 81.7 | ... |
| Mortalidade Infantil | Por mil | 5.5 | 4.7 | ... | ... | ... |

Fonte: Adaptado do Relatório *Country Statistical Profile – New Zealand 2018* da OCDE.
e - Estimado

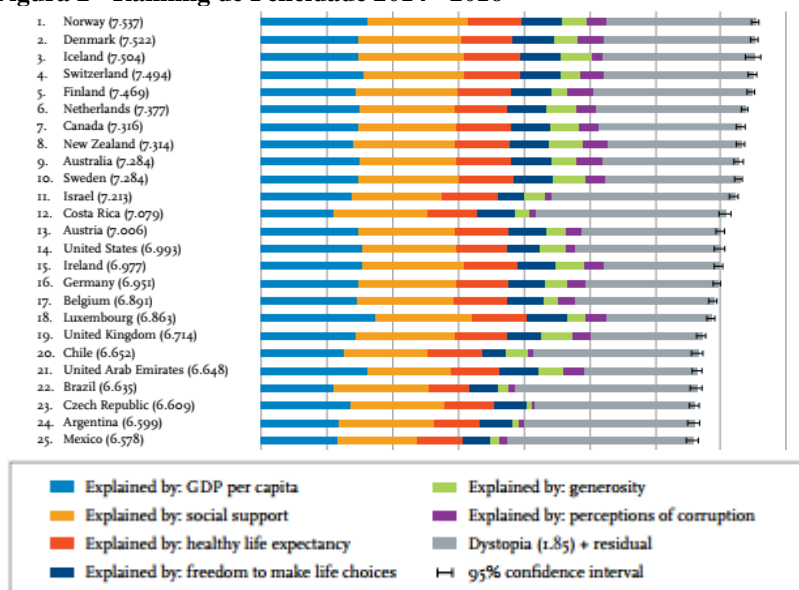
Analisando o Perfil Estatístico da nova Zelândia, visualizamos que o PIB per capita é alto e a expectativa de vida supera os 80 anos e apresentam uma tendência positiva na maior parte de seus índices.

Existe uma cultura em prol da sustentabilidade e a população compartilha destes valores, exercendo ativamente a sua cidadania. Os comportamentos de consumo ético são estimulados e o senso de comunidade valorizado.

No Ranking de Felicidade de 2017 desenvolvido pela *Sustainable Development Solutions Network* por iniciativa da ONU, a NZ se encontra em oitava lugar, enquanto o Brasil aparece em 22.

Vale lembrar que no ranking de 2015, o Brasil estava na 16ª posição e a NZ na 9ª.

Figura 2 - Ranking de Felicidade 2014 - 2016



Fonte: Helliwell, Huang e Wang (2017)

A colocação atual do Brasil não é muito expressiva, visto que fatores como o PIB *per capita*, a expectativa de vida e a liberdade para fazer escolhas não são muito significativas, num país com tantas desigualdades.

Na NZ as pessoas acreditam que tem maior liberdade de fazer escolhas e que tem poder como cidadãos para influenciar a sua comunidade e o governo.

Devemos considerar neste cenário, que o país tem uma população pequena, e a “densidade populacional é de 15 pessoas por Km²” (FRAME; NEWTON, 2017, p.3).

Um outro fator que foi estrategicamente trabalhado foi ampliar a atratividade das Universidades neozelandeses para estudantes internacionais. Desta forma, a Educação se transformou num setor econômico bastante relevante para o país.

As universidades e institutos de pesquisa também foram estimulados a desenvolver tecnologias limpas. E linhas de pesquisa ligadas a áreas de sustentabilidade são prioritárias.

Segundo Santana (2006, p.91), “a decisão de atrair investimentos de tecnologias limpas nas áreas de biotecnologia, indústria criativa, indústria florestal, tecnologia de informação e comunicação coloca os posicionamentos investimentos e turismo em harmonia”.

No entanto, é necessário ressaltar que esta harmonia não é uma constante, e que também existem tensões relacionadas ao fenômeno turístico.

2.3 O TURISMO SUSTENTÁVEL

O tem sido caracterizado como uma indústria limpa, mas fica cada vez mais evidente, que existem impactos negativos em razão de sua atividade. Neste sentido, o Turismo Sustentável tem sido nomeado como a solução para estes impactos indesejáveis, mas o que significa este Turismo Sustentável.

Será que o Turismo será um elemento de integração, que contribuirá para a sustentabilidade? (REJOWSKI; SOLHA, 2002).

O conceito de Turismo Sustentável é amplo e vem se desenvolvendo nas últimas décadas. Por esta razão é necessário que se entenda o contexto de sua evolução, que pode ser visualizada, parcialmente, no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - O contexto conceitual e operacional dentro do qual o Turismo Sustentável se desenvolveu

| | Visão Econômica | Visão de Conservação | Visão de Comunidade | Resposta Acadêmica | Resposta da Indústria |
|------|--|--|---|---|--|
| 1880 | Industrialização e crescimento econômico | Visão Romântica (Hall, 1998) | | | Proteção dos Recursos (exemplo: Parques Nacionais) |
| 1940 | Paradigma do Estágio de Desenvolvimento 1946: Rostow 1947: Plano Marshall | 1948: Formação da União Internacional para a Conservação da Natureza | | | |
| 1950 | Programa de Recuperação Econômica Europeia 1959: Myrdal | | | | Turismo de Massa |
| 1960 | 1966: Economia Ambiental 1967: Paradigma da Dependência (Frank) 1969: Hamilton pede pelo desenvolvimento para conservar recursos | 1961: Formação da World Wide Fund for Nature (WWF) | 1964: Christaller | Abordagem da Advocacia | |
| 1970 | 1972: Conferência de Estocolmo sobre seres humanos e ambiente | | | | |
| | 1978: Economia Ecológica (Holding) | | 1976: Doxey's Irridex 1979: Cinco etapas de ajustamento de Dogan | 1973: Thurot and Cautionary Plataform 1976: Miossec | |
| 1980 | | 1980: World Conservation Strategy | 1983: Schlenk e Stewig | Abordagem de Adaptação 1980: Modelo do Ciclo de Vida de Butler 1982: Paradigma da Dependência (Britton) | 1982: Organização Mundial do Comércio / Acordo PNUMA |
| | 1987: Our Common Future | | | | Chamadas pelo Turismo Alternativo |
| 1990 | | 1991: Cuidando da Terra | | Plataforma baseada no Conhecimento | guias de extensão com foco ambiental Popularização do Turismo Sustentável |
| | 1992: Rio Earth Summit (ECO – 92) | | | | Agenda 21 para o Turismo |
| | | | Foco maior no papel da comunidade (Simmons, | | Centro de Pesquisa Cooperativa para o Turismo |

| | | | | | |
|--|--|--|-----------------------------|--|-------------------------|
| | | | 1994; Bramwell & Lane 2000) | | Sustentável (Austrália) |
|--|--|--|-----------------------------|--|-------------------------|

Fonte: Hardy, Beeton e Pearson (2002, p.489)

Esta perspectiva, não é conclusiva, nem atende as mudanças da última década, mas marca uma questão fundamental, que é o papel das comunidades, que veem se traduzindo na sustentabilidade social e cultural.

O Turismo Sustentável é construído pelo prisma do equilíbrio, e as sustentabilidades devem estar alinhadas. E a comunidade é vista de uma forma mais ampla, pois existe a comunidade de pessoas onde moramos e fazemos parte de uma comunidade quando exercemos o papel de turistas. A comunidade é o espaço onde se vive e onde há vida, e as relações ocorrem por diversos aspectos que ultrapassam o critério de territorialidade.

Neste sentido, Boava, Gomes e Cruz (2003), citam o PNMT e dizem que,

o turismo sustentável, segundo o PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo), é o turismo explorado de forma consciente, organizado e planejado, onde se permite a sua continuidade. É um modelo de desenvolvimento econômico criado para assegurar a qualidade de vida da comunidade, proporcionar satisfação ao turista e manter a qualidade do ambiente do qual dependem tanto a comunidade como o turista. (p.116).

Neste contexto, é necessário uma reflexão, pois não há dicotomia entre comunidade e turista, há apenas uma diferença de papéis, pois a vida é comunitária.

Considerando, esta reflexão, devemos refletir sobre o papel do turista sustentável e sobre o que o caracteriza. Seguindo esta linha Krippendorf (2012), descreve o turista responsável,

é um consumidor que demonstra uma atitude crítica não apenas no que se refere à vida cotidiana, mas também quanto à escolha da viagem. Ele se mostra crítico tanto em relação às diversas ofertas quanto em relação a si mesmo. Ele estuda, compara e vai ao âmago das coisas antes de fazer a escolha (p.184).

Este tipo de turista faz parte de uma comunidade, de grupos sociais, e é um consumidor que tem um processo decisório diferenciado, pois considera fatores na escolha de seu destino de viagem, como o gasto de combustível, em função da pegada ambiental.

A eficiência energética, as características do destino, as tecnologias utilizadas, as crenças e até mesmo as ideologias fazem parte do rol de critérios de decisão deste consumidor do turismo. E a cultura do Turismo Sustentável vem crescendo no mundo, e segundo Hoerner (2011), esta cultura,

cria territórios turísticos partilhados pelas populações visitadas e pelos turistas, onde os países de acolhida valorizam sua própria cultura, que não é percebida exclusivamente sob o ponto de vista único do turismo cultural. Por essa expectativa, o respeito por todos os indicadores ambientais, sociais e econômicos efetua-se numa relação igualitária entre parceiros. A cultura do turismo sustentável cria, portanto, relações de proximidade entre as populações locais e os turistas, a partir dos princípios de hospitalidade, do respeito e da descoberta (p. 142).

Este tipo de turista é bastante consciente de seu papel e exerce sua cidadania planetária de forma cooperativa, logo os fatores que o caracterizam não são apenas da sustentabilidade ambiental.

As definições de Turismo Sustentável, da tabela 3, já englobam algumas questões da sustentabilidade cultural e social, no entanto, estas definições não alinham as cinco sustentabilidades descritas por Sachs (1993).

Tabela 3 - Algumas definições de Turismo Sustentável

| |
|--|
| Turismo que atende às necessidades dos turistas e regiões anfitriãs atuais, protegendo e melhorando as oportunidades para o futuro. (OMT, 1993: 7) |
| O turismo sustentável é o turismo e as infraestruturas associadas que: agora e no futuro operam em capacidades naturais para a regeneração e a futura produtividade dos recursos naturais; reconhecem que a contribuição das pessoas e comunidades, costumes e estilos de vida fazem para a experiência do turismo; aceitam que essas pessoas devem ter uma participação equitativa nos benefícios econômicos das pessoas e comunidades locais nas áreas anfitriãs. (EBER 1992: 3) |
| Turismo que pode sustentar as economias locais sem prejudicar o meio ambiente de que depende. (CONTRYSIDE COMMISSION, 1995: 2) |
| Deve ser capaz de agregar à matriz de oportunidades econômicas abertas a pessoas sem prejudicar a estrutura da atividade econômica. O turismo sustentável não deve interferir nas formas existentes de organização social. Finalmente, o turismo sustentável deve respeitar os limites impostos pelas comunidades ecológicas. (PAYNE 1993: 154-5) |
| O turismo sustentável em parques (e outras áreas) deve ser definido principalmente em termos de ecossistemas sustentáveis. (WOODLEY, 1993: 94) |
| O turismo sustentável é o turismo que se desenvolve o mais rápido possível, levando em consideração [sic] a capacidade de hospedagem atual, a população local e o meio ambiente, e: Turismo que respeite o meio ambiente e, como consequência, não auxilia seu próprio desaparecimento. Isto é especialmente importante em áreas saturadas, e: o turismo sustentável é um turismo responsável (citado em BRAMWELL et al., 1996a: 10-11) |

Fonte: Butler (1999, p.10)

Estas definições continuam evoluindo e se modificando. Bramwell *et al* (2016), refletem sobre como o Turismo Sustentável vem sendo enquadrado e re-enquadrado, enfatizando a urgência de algumas questões como a mudança climática.

Connell, Page e Bentley (2009), afirmam que “à luz do ritmo crescente e da escala da atividade turística da Nova Zelândia, o conceito de turismo sustentável tornou-se um ingrediente chave na estratégia do país”.

É óbvio que a NZ é um dos principais destinos de Turismo Sustentável no mundo. Silva (2013, p.138), fala deste pioneirismo e diz que “entre os destinos pioneiros que têm realizado um trabalho mais consistente em torno do turismo responsável destaca-se a Cidade do Cabo, na África do Sul, e o distrito de Kaikoura, na Nova Zelândia”.

Segundo o Environmental Performance Index (EPI), ranking de sustentabilidade desenvolvido pelas universidades de Yale e de Columbia, o Brasil está colocado na 46ª posição, enquanto a Nova Zelândia está na 11ª posição. (EPI, 2016).

Considerando a perspectiva comunitária, podemos refletir sobre que imagem o Brasil vem divulgando no exterior, e que turistas o país atrai. E numa perspectiva mais estratégica, pensarmos em que turistas seria melhor atrair para o país; levando em consideração que o Patrimônio Cultural e Natural do país, favorece a competitividade como destino turístico internacional.

Nesta breve reflexão, é válido a análise do quadro 4, a seguir:

Quadro 4 - Desenvolvimento de Turismo Sustentável versus não-sustentável

| Sustentável | Não - sustentável |
|---|---|
| Conceitos Gerais | |
| Desenvolvimento lento Desenvolvimento controlado Escala adequada Longo prazo Qualitativo Controle local | Desenvolvimento rápido Desenvolvimento descontrolado Escala inadequada Curto prazo Quantitativo Controle remoto |
| Estratégias de Desenvolvimento | |
| Planejamento, com posterior desenvolvimento Esquemas baseados em conceitos Preocupado com as paisagens Pressão e benefícios difusos Promotores de desenvolvimento locais Moradores locais empregados Arquitetura nativa | Desenvolvimento sem planejamento Esquemas baseados em projetos Concentrado nas “sensações do momento” Capacidade de crescimento Promotores de desenvolvimento no exterior Força de trabalho importada Arquitetura de outros tipos |
| Comportamento do Turista | |
| Pouca valorização Algum preparo mental Aprende a língua local Tem tato e é sensível Fala baixo Repete as visitas | Alta valorização Pouco ou nenhum preparo mental Não aprende a língua local É enérgico e insensível Fala alto Improvável que volte |

Fonte: Ferretti (2002, p.103), adaptado de Krippendorf (1982), Lane (1989, 1990) e Goclfrey (1996).

Analisando, este quadro visualizamos um gargalo comum a diversos setores econômicos brasileiros, que é a questão do planejamento. Além disso, vivemos numa era de descontinuidade, em face de termos normalmente esquemas baseados em projetos, ao invés de

serem baseados em conceitos. Nossa arquitetura é muito influenciada por pensadores estrangeiros, e há uma dificuldade em adotar visão de longo prazo.

No entanto, apesar deste cenário, o Turismo Sustentável vem se desenvolvendo no Brasil, com destinos reconhecidamente bem sucedidos.

Muito deste sucesso, se deve ao desenvolvimento de destinos vinculados ao Ecoturismo, valendo aqui a ressalva que nem todo destino de Ecoturismo é sustentável.

O ecoturismo já movimenta cifras consideráveis no Brasil. São dezenas de municípios que, com o desenvolvimento de projetos sociais, científicos e politicamente corretos, têm nessa modalidade de turismo sua principal fonte de renda como já é o caso de Fernando de Noronha, Abrolhos, Bonito, Lençóis Maranhenses, Barreirinhas e cidades próximas aos parques nacionais (BENI, 2004, p.66).

A maioria destes destinos pode ser considerada como destino de turismo sustentável, e atende a maior parte dos itens que os caracterizam como sustentáveis. Neste contexto, deve haver um entendimento da comunidade local sobre a importância da atividade turística, e evidentemente a mesma deve compartilhar dos impactos positivos resultantes da atividade.

Na NZ a grande maioria da população apoia o setor de turismo, porque houve planejamento e estratégia, e há retorno para a sociedade.

Em estudo intitulado *Mood of the Nation- New Zealanders' perceptions of tourism* (2016), o turismo é a indústria número 1 em exportações, gera 188 mil empregos diretos e 4,5 bilhões de dólares neozelandeses por ano. Na edição de 2017, foi feita a pergunta: O Turismo Internacional é bom para a Nova Zelândia? e 96 % dos respondentes concordaram.

Estes números não devem ser considerados apenas pela perspectiva econômica, pois a estratégia de desenvolvimento do turismo foi voltada efetivamente para a sustentabilidade. No entanto, segundo Valls (2006, p.51), os destinos turísticos sustentáveis geram “maior rentabilidade a longo prazo do que a resultante do turismo não-sustentável”.

2.4 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais surge através dos trabalhos de Serge Moscovici, que teve influência da teoria das representações coletivas de Durkheim, no entanto, há diferenças significativas entre as duas teorias. No livro *La Psychanalyse, son image, son public*, Moscovici forja uma teoria, que vinha se estruturando desde a década de 60, e que desde então vem demonstrando o seu caráter dinâmico. Desta forma, Moscovici contribui para as fundações da Psicologia Social Europeia, que é mais orientada para coletividade e suas questões sociais.

Neste sentido, também causou grande interesse por se contrapor a Psicologia Social Americana, que se fundamentava em abordagens *behavioristas*, e tinha destaque naquele momento. (ARRUDA, 2002).

Serge Moscovici confessa a sua inspiração, mas se nega a aceitar a dicotomia de áreas científicas estanques, que limitaria a utilização e desenvolvimento da TRS. Durkheim, entretanto, defendia esta divisão de forma bastante clara, pois tinha visão e entendimento mais orientado para a sua área, a Sociologia.

Moscovici, afirma que:

O esforço para estabelecer a Sociologia como uma ciência autônoma levou Durkheim a defender uma separação radical entre representações individuais e coletivas, e a sugerir que as primeiras devessem ser o campo da Psicologia, enquanto as últimas formariam o objeto da Sociologia. (MOSCOVICI, 2007, P.13)

Guareschi (2007), participa deste debate e diz “a teoria das RS, apesar de, em suas origens, estar mais ligada ao referencial da Sociologia do que da Psicologia, evita essa epistemologia reducionista e procura uma “comunialidade”, ou articulação entre as teorias no estudo de certos fenômenos” (p.37).

A TRS visa uma aproximação com o fenômeno de estudo, clarificando suas relações e contexto, no entanto, evita fazer julgamentos e determinar causalidades individuais, pois entende que o individual está inserido no coletivo.

As representações sociais colaboram com a comunicação, ao permitir que visões compartilhadas, formadas por crenças e valores, orientem uma compreensão das pessoas sobre temas diversos. (CAVAZZA, 2008).

Segundo Minayo (2008, p.108), “as representações sociais se manifestam em palavras e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais”.

Neste sentido, as representações sociais tratam de uma visão de um grupo social ou da sociedade, sobre os outros ou sobre ela mesmo, e podem demonstrar incongruências, que devem ser levadas em consideração e analisadas, levando em consideração que a percepção sobre um conceito, ou objeto social, pode ser enviesado pelo olhar do grupo, mas devem ser criteriosamente analisado pelo pesquisador, dentro de um conceito sócio histórico.

De acordo com Moscovici (2007),

as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião,

em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria das nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. (p. 10)

Desta forma, compreendemos que as Representações Sociais são dinâmicas, pois a realidade é construída e absorvida socialmente, ou seja, os indivíduos e os grupos sociais têm papel ambíguo, pois são emissores e receptores de representações.

Neste sentido, a TRS desenvolvida por Moscovici apresenta uma forte orientação para os processos de mudança na Sociedade, enfocando aspectos do cotidiano social. (DUVEEN, 2008).

Segundo Souza e Zioni (2003, p.77),

apesar de comportar grande diversidade na sua conceituação e pressupostos específicos em cada uma das áreas de estudo, é consenso dentre as várias correntes teóricas no interior das Ciências Sociais, que as Representações Sociais – enquanto senso comum, ideias, imagens, concepções, percepções e visões de mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade, são reconhecidas como indispensáveis para compreender a dinâmica das interações sociais e ainda para buscar determinantes das práticas sociais.

Considerando todos estes aspectos da TRS, percebe-se o porquê deste arcabouço teórico ser tão utilizado e adequação para o estudo sobre o Turismo Sustentável, pois permite identificar aproximações e distanciamentos referentes ao tema, nos dois países selecionados para a pesquisa.

Alguns estudos relacionados com esta temática foram selecionados e elencados resumidamente na sequência.

Cardoso, Carvalho e Silva (2014), realizaram um estudo intitulado Representações Sociais dos estudantes do ensino básico no desenvolvimento turístico na cidade de Bonito (MS), para analisar a percepção dos estudantes e a sua relação com o turismo local.

Monterrubio e Andriotis (2014), utilizaram a TRS para investigar os impactos e as atitudes da comunidade em relação ao fenômeno turístico americano chamado de *Spring Breakers*. Este fenômeno é caracterizado pelo deslocamento de jovens americanos em férias, que procuram o destino do *resort* turístico de Acapulco, no México. Segundo os autores,

embora os residentes percebam os impactos negativos da atividade turística, resultantes de comportamentos como o uso de drogas, o barulho e o abuso do consumo alcoólico, também reconhecem os benefícios econômicos da atividade. Neste sentido, três *clusters* foram identificados: os apoiadores, os ambivalentes e os realistas. Desta forma, este estudo reforça o uso da TRS para estudos sobre percepção e atitude.

Pearce e Moscardo (2015), pesquisaram as Representações Sociais das *selfies* turísticas, e os impactos desta prática, a saber: transgressões sociais e culturais, impactos ambientais, riscos para os turistas que se colocam em condições inseguras etc. Sugeriram novos estudos desta prática, alertando que o comportamento do turista deve estar alinhado aos princípios do turismo sustentável, mitigando os impactos negativos desta prática.

Dickinson e Robbins (2007), usaram a perspectiva das Representações Sociais para identificar os padrões de mobilidade, mais especificamente o uso de carros, numa área de turismo rural. Neste contexto analisou os efeitos deste fenômeno no destino turístico da cidade de Purbeck, distrito de Dorset, Inglaterra.

Lai, Hsu e Wearing (2015), empregaram uma abordagem da TRS para facilitar a cogestão adaptativa nos destinos de montanha. Neste sentido, os autores afirmam que a TRS colabora com o entendimento das representações sociais dos *stakeholders*, e que destinos de montanha são complexos e ambientalmente sensíveis. Logo, a compreensão da percepção dos *stakeholders* possibilita gerenciar destinos de montanha orientados para a conservação e lazer.

2.4.1 As Representações Sociais do Turismo Sustentável

Considerando que as RS retratam a visão de um grupo social ou sociedade, e que o entendimento destas visões colabora com uma melhor comunicação e planejamento, que este arcabouço teórico justifica a sua utilização.

O Turismo Sustentável se encaixa neste contexto, pois as sociedades brasileiras e neozelandesas possuem características bastante distintas. Além disso, “o turismo sustentável engloba muitos elementos que compõem o sistema de turismo, caracterizando-se como uma área muito ampla e, até agora, mal definida” (FERRETTI, 2002, p.102).

Diversos estudos utilizando a TRS vem sendo realizados, mais especificamente os relacionados as Representações Sociais da Natureza e do Meio Ambiente. O estudo de Clélia Maria Nascimento-Schülze é um deles e embasa algumas afirmações pertinentes a esta proposta de pesquisa.

As representações sociais do meio ambiente, assim como os valores atuais que contemplam as relações humanas com o meio ambiente, têm sido foco de pesquisas por parte de órgãos governamentais e educadores, sensibilizados com a importância da educação ambiental no Brasil (NASCIMENTO-SCHULZE, 2000, p.71).

Esta afirmação corrobora a utilização da TRS, além de apresentar fatores de relevância para a pesquisa.

Ferrari e Guedes (2012) no artigo: A contribuição da Teoria das Representações Sociais para o Estudo do Patrimônio Cultural – o exemplo da Ilha da Rita/SC também utilizou a TRS como ponto de partida para compreender os significados que o patrimônio cultural tem para os indivíduos.

Segundo Nascimento – Schülze (2000, p.74), “constata-se que o turista tem preferido os ambientes naturais, exóticos e longínquos e que o turismo ecológico vem sendo cada vez mais buscado. Como consequência, os serviços oferecidos buscam proporcionar uma maior integração entre os usuários e a natureza”.

A formação de grupos de voluntários para preservar um local visitado tem crescido cada vez mais, e associações de amigos de determinado atrativo turístico tem sido cada vez mais comuns. Os Parques Nacionais são um exemplo deste fenômeno.

Clubes de Montanhismo, Associações de Caminhantes e praticantes de outros esportes que utilizem estas áreas de lazer costumam integrar grupos de voluntários para ações de manutenção de trilhas e até mesmo ser consultados para elaboração de diretrizes para os mesmos.

Segundo Ferrari e Guedes (2012, p.7), “as representações permitem que se criem redes sociais de elaboração e transmissão de informação. Por terem um caráter social, as representações servem como ferramentas de coesão das comunidades e dos grupos e, por vezes, de contradições que os diferenciam”.

Neste caso, o tipo de turismo, o fator cultural e as práticas esportivas tem fator predominante, pois as condições do meio ambiente são fatores fundamentais para se ter uma experiência turística satisfatória.

Um outro fator relevante é o acompanhamento das condições do meio ambiente, e a sua defesa. Desta forma, atores locais se comunicam com atores globais, com o mesmo objetivo em comum, ou seja, mitigar os efeitos deletérios das atividades turísticas e buscar diretrizes comuns para balizar uma atividade sustentável.

Este fato se deve também aos impactos econômicos negativos de parte da indústria do turismo, o que também leva a uma reflexão sobre o tipo de desenvolvimento que interessa a Sociedade como um todo.

Neste sentido, Ferrari e Guedes (2012, p.7), dizem que “o contexto é um importante aspecto na compreensão das representações sociais, pois é onde elas são criadas, é o meio que as influencia e é também o meio que será influenciado por elas”.

2.4.2 Os Processos Envolvidos na Formação das Representações Sociais

Moscovici (2007), sintetizou os processos envolvidos na formação das RS em objetificação e ancoragem. E através destes conceitos, que podemos compreender a dinâmica básica da formação das RS.

Segundo Cazals-Ferré e Rossi (2007),

- a objetificação, que é o processo por meio do qual são organizados os conhecimentos relativos ao objeto de representação; trata-se de um mecanismo que permite aos indivíduos tornarem concreto aquilo que é abstrato.

- a ancoragem, que é um processo “de enraizamento social da representação e do seu objeto”. Novos elementos de conhecimento são integrados em sistemas de pensamento mais familiares (tipologia de objetos, de pessoas, de acontecimentos). É através deste processo que um mesmo objeto dará lugar a representações distintas de um grupo para outro, visto que resulta dos sistemas de valores inerentes a cada um desses grupos (p. 67).

Desta forma, fica claro que as RS tratam de formas de organização mental, onde os conteúdos são aproximados com conceitos e códigos simbólicos que já conhecemos, sendo posteriormente colocados a prova e reavaliados através da comunicação com grupos sociais diversos. (JOVCHELOVICH, 2008; PEREIRA, 2001; MOSCOVICI, 2007).

Na análise do quadro abaixo podemos compreender melhor como se formam as RS.

Quadro 5 - Comparação entre o universo consensual e o universo reificado

| Universo consensual | Universo reificado |
|--|--|
| Indivíduo, coletividade: <i>opus proprium</i> NÓS | <i>opus alienum</i> ELES |
| Sociedade = grupo de iguais, todos podem falar com a mesma competência. | Sociedade= sistema de papéis e classes diferentes → direto à palavra é desigual: <i>experts</i> . |
| Sociedade de “amadores”, curiosos: conversação, cumplicidade, impressão de igualdade, de opção e afiliação aos grupos. | Sociedade de especialistas: Especialidade → grau de participação Normas dos grupos → propriedade do discurso e comportamento |
| Conhecimento parece exigência de comunicação → alimentar e consolidar o grupo -resistência à intrusão | Unidade do grupo por prescrições globais, não por entendimentos recíprocos -divisão por áreas de competência |

| | |
|---|---|
| Representações Sociais -senso comum, consciência coletiva -acessível a todos; variável. | Ciência -retratar a realidade independente de nossa consciência -estilo e estrutura frios e abstratos. |
|---|---|

Fonte: Arruda (2002, p.30)

As Representações Sociais pertencem ao universo consensual, e fazem parte de uma consciência coletiva, pois se alimenta das representações do grupo, e são parte de um processo de aproximação do conhecimento, ou seja, tem um aspecto cognitivo.

O universo reificado, é o universo dos especialistas, da ciência, que retrata a realidade de acordo com este universo, e suas normas. Para Japiassú e Marcondes (2006, p.237-238), reificação é o “termo que possui sentido geralmente negativo, designado a transformação de uma representação mental em uma “coisa”, atribuindo-lhe assim uma realidade autônoma, objetiva”. E por esta razão é que suas estruturas são “frias e abstratas”, pois existe um distanciamento, um *opus alienum*.

2.5 ATITUDES EM RELAÇÃO AO TURISMO SUSTENTÁVEL

2.5.1 O conceito de Atitude

As pesquisas de Atitudes são constantes nos estudos de Psicologia Social Americana, no entanto, também tem seu papel na Psicologia Social Europeia, e a TRS contempla este tipo de estudo.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), “as atitudes possibilitam-nos certa regularidade na relação com o meio. Temos atitudes positivas em relação a determinados objetos ou pessoas, o que nos predispõe a uma ação favorável em relação a eles. Isso porque os componentes da atitude – informações, afeto e predisposição para a ação – tendem a ser congruentes” (p.181).

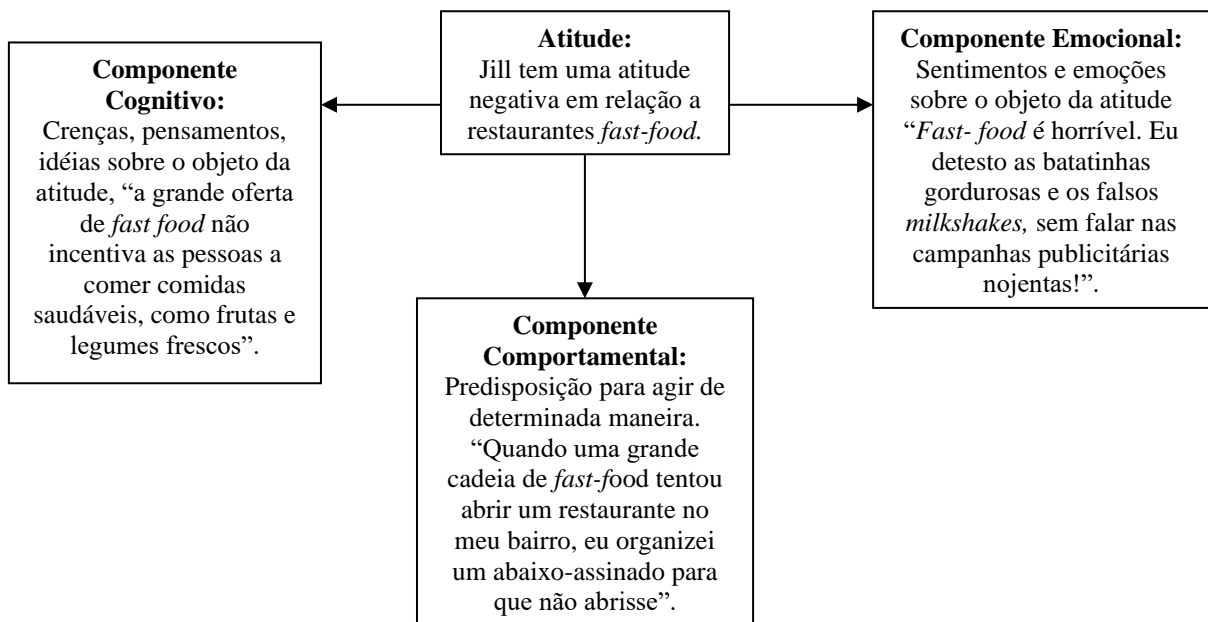
Logo, toda ação voluntária, começa com um pensamento, e tendo congruência se materializa numa ação, portanto, as atitudes são preditores desta ação. Considerando os processos envolvidos na formação das RS, fica evidente a aproximação entre estes campos de estudo.

De acordo com Guareschi (2008, p.194), “até mesmo as técnicas de análise de atitude implicam uma representação cognitiva comum do objeto de estudo, e essa representação é certamente social, tanto em sua natureza, como em suas origens”.

Em síntese, pode-se afirmar que as atitudes se configuram como bons preditores do comportamento. (FRAGA, 2007; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Hockenbury e Hockenbury (2003) apresentam o quadro didático abaixo, explicitando os componentes das atitudes:

Quadro 6 - Os Componentes da Atitude



Fonte: Hockenbury,D. ; Hockenbury, S (2003, p. 418).

2.5.2 A Atitude em Relação ao Turismo Sustentável

A análise das atitudes em relação ao Turismo Sustentável, podem ser analisadas considerando o quadro didático de Hockenbury e Hockenbury (2003), e devem levar em consideração também os impactos positivos e negativos que ocorrem em função da atividade turística.

As atitudes também são em relação aos impactos positivos e negativos, por exemplo, um dos itens que frequentemente aparece nas pesquisas *Mood of the Nation*, realizadas na Nova

Zelândia, são os relacionados ao trânsito, como aumento do risco de acidentes sérios e aumento do engarrafamento.

O componente cognitivo que compõe a atitude pode ser positivo ou negativo. Uma pessoa pode considerar que o motorista não está habituado à mão inglesa e as regras de direção e por isso dirige mais vagarosamente, mas visualiza isso como prudência, enquanto outra pessoa pode acreditar que os motoristas estrangeiros são péssimos, não tem coordenação motora desenvolvida e vem de países que não possuem regras de trânsito. Neste caso, podem desenvolver um sentimento de aversão em relação aos motoristas estrangeiros, exteriorizando o seu ódio pelos mesmos, e até defendendo a proibição de permissão para que estes dirijam no país.

Para entendermos melhor estes impactos socioculturais é válido avaliarmos o quadro abaixo:

Quadro 7 - Resumo dos impactos socioculturais positivos e negativos do turismo

| Fator associado ao turismo | Impacto Positivo | Impacto Negativo |
|--|---|---|
| O uso da cultura como atração turística | Maior apoio para culturas tradicionais e expressões de identidade étnica. Revitalização de artes, festivais e linguagem tradicionais. | Mudanças nas atividades e artes tradicionais para adequar-se à produção para turistas. Desagregação e aglomeração em atividades tradicionais. Invasão de privacidade. |
| Contato direto entre moradores e turistas | Quebra de estereótipos negativos, aumento das oportunidades sociais. | Reforço de estereótipos negativos. Aumento do comercialismo. Introdução de doenças. Efeito demonstração. |
| Mudanças nas estrutura empregatícia e econômica resultantes das transformações dos papéis sociais. | Novas oportunidades econômicas e sociais que diminuem a desigualdade social. | Conflito e tensão na comunidade. Aumento da desigualdade social. Perdas de linguagem. |
| Desenvolvimento de instalações turísticas | Maiores oportunidades recreativas. | Impossibilidade de acesso a locais e atividades recreativas. |
| População maior, em função do turismo e do desenvolvimento associado | Apoio a instalações médicas, educacionais e outras que melhoram a qualidade de vida. | Superpopulação e congestionamento viário. Aumento da delinquência. |

Fonte:Gee e Fayó-Solá (2003:161), baseado em revisão bibliográfica feita por Pearce, Moscardo e Ross (1996)

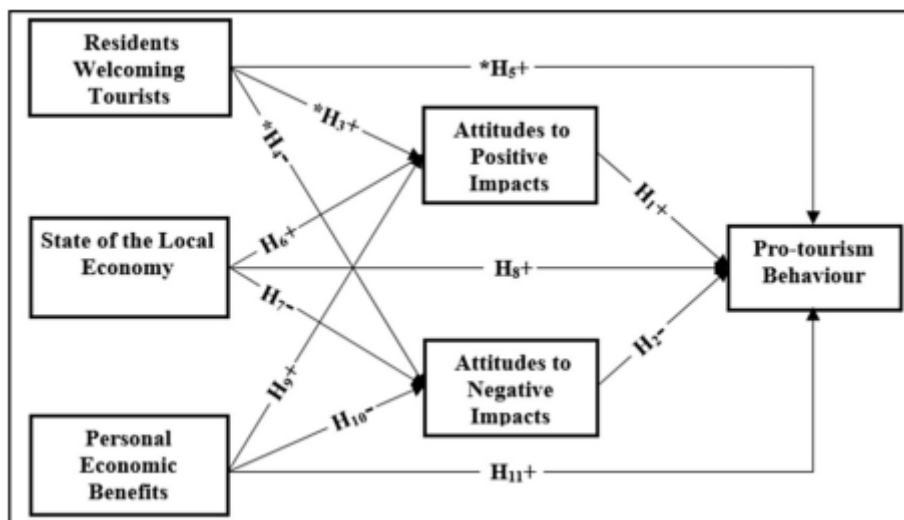
Os impactos negativos descritos neste quadro são substanciais, e em alguns casos a atividade turística pode gerar um cenário de forte oposição, pois o aumento da delinquência, da desigualdade social, dos preços entre outros fatores é percebido como altamente deletério para a comunidade local que não compartilha dos impactos positivos desta atividade.

Este não é o caso da Nova Zelândia, pois como foi explicado anteriormente a sustentabilidade faz parte da estratégia governamental, desde o início dos anos 90. Uma outra questão fundamental, é que o Turismo Sustentável foi incentivado pela OMT, com a finalidade de mitigar os impactos negativos originados pela atividade turística.

Não é coincidência que historicamente o Turismo é bem aceito pelos neozelandeses, pois a estratégia do governo, estimulou o desenvolvimento de destinos turísticos sustentáveis e os impactos positivos são compartilhados com a sociedade.

O *Framework* conceitual desenvolvido para o estudo de Ribeiro *et al* (2017), colabora graficamente com a compreensão deste fenômeno.

Figura 3 - Framework conceitual proposto para o desenvolvimento de comportamento pró-turismo dos residentes



Fonte: Ribeiro *et al* (2017, p.525).

Neste *framework* existem 11 hipóteses, que em síntese ajudam a compreender uma predisposição em relação aos inconvenientes que o turismo gera em função dos benefícios gerados pelo desenvolvimento turístico.

Diversas pesquisas neste campo, tem sido conduzidas em todo o mundo, como exemplo, foram selecionados dois artigos que colaboram com este debate.

Packer, Ballantyne e Hughes (2014) estudaram as atitudes de turistas chineses e australianos em relação à natureza, aos animais e ao meio ambiente, e descobriram que os australianos tem maior preocupação com as questões ambientais, embora não gostem dos

animais ou tenham medo deles. Os chineses sentem grande conexão com a natureza, mas tem uma visão mais antropocêntrica do que os australianos.

Maruyama, Woosnam e Boley (2016), utilizaram uma escala de atitudes para entender os fatores que tem influência nas atitudes dos residentes em relação ao turismo. Neste sentido aplicaram a escala intitulada *Ethnic Neighborhood Tourism (ENT)*, na cidade de Oizumi, no Japão, e descobriram a importância determinante de aspectos socioculturais, na atitude dos residentes, “especialmente entre aqueles que não percebem os benefícios econômicos do turismo” (MARUYAMA; WOOSNAM; BOLEY, 2016, p.1). Este estudo poderia ser reproduzido em São Paulo, no bairro da Liberdade, reconhecido como bairro japonês.

O que se percebe neste contexto é que há uma valorização do Patrimônio Cultural, que é tão importante, quanto os resultados econômicos, pois o Turismo Étnico está estreitamente vinculado à preservação da cultura. Logo, a valorização da cultura, estimula o turismo e a atitude positiva e receptiva em relação aos turistas, pois os impactos positivos superam os negativos.

3 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O TURISMO SUSTENTÁVEL

A Plataforma Lattes é um sistema de informações criado e mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e concentra relevante base de dados de currículos, que podem gerar um panorama sobre o atual cenário do Campo Organizacional do Turismo Sustentável. Neste sentido, foram realizadas buscas no diretório de grupos desta plataforma, e na base de currículos Lattes, com o termo “turismo sustentável”, com o intuito de pesquisar na busca exata, ou seja, apenas nos que apresentassem estes termos nesta configuração.

Tabela 4 - Levantamento de Currículos na Plataforma Lattes

| Mês / Ano | Área | Grupos de Pesquisa | Linhas de Pesquisa | CV Lattes |
|-----------|---------------------|--------------------|--------------------|-----------|
| 01/2018 | Turismo Sustentável | 25 | 26 | 3067 |
| 11/2019 | Turismo Sustentável | 20 | 21 | 3320 |

Fonte: Elaboração própria.

Nesta busca, realizada no mês de janeiro de 2018, foram encontrados 3.067 profissionais vinculados a busca com o assunto “Turismo Sustentável”, sendo que 1.133 são doutores. Destes, 68 tem bolsa de produtividade acadêmica e 841 estão inscritos em diretório de grupos de pesquisa.

Realizando o mesmo tipo de pesquisa em novembro de 2019, obteve-se o seguinte resultado, 3.320 profissionais no Currículo Lattes, sendo que 1.310 são doutores. No que se refere a bolsa de produtividade, encontrou-se uma pequena diminuição, com 66 destes mantendo este tipo de bolsa, embora tenha aumentado o número de pesquisadores na área, o que pode ser atestado pelo número de inscritos em diretórios de grupo de pesquisas, que atualmente tem 970 pesquisadores.

Procurando entender o panorama da produção acadêmica, foi realizada uma outra busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e foram encontradas, para busca do termo exato “turismo sustentável”, 38 teses e 231 dissertações, tendo os primeiros trabalhos surgidos no ano de 1998. Este número atualmente é de 43 teses e 249 dissertações, sendo que o ápice da produção foi no ano de 2009, e os desde então em nenhum ano a produção acadêmica chegou próximo da produtividade apresentada em 2009.

Tabela 5 - Levantamento de teses e dissertações no Portal CAPES

| Ano | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 |
|------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Frequência | 3 | 2 | 5 | 9 | 20 | 15 | 24 | 16 | 30 | 19 |
| Ano | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 |
| Frequência | 24 | 32 | 17 | 10 | 16 | 22 | 20 | 20 | 18 | 19 |

| | | | | | | | | | | |
|-------------------|-------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| Ano | 2018 | | | | | | | | | |
| Frequência | 12 | | | | | | | | | |

Fonte: Elaboração própria.

Analisando a tabela 5, fica evidente que o campo teve um decréscimo substancial na produção de conhecimento nos últimos anos, o que leva a outros questionamentos. Neste contexto, surge o questionamento sobre quem orienta mais neste campo e quais áreas do conhecimento vem se devotando a temática do Turismo Sustentável.

Tabela 6 - Levantamento de orientadores mais frequentes no Portal CAPES

| Orientador | Frequência |
|------------------------|-------------------|
| Reinaldo Dias | 7 |
| Eduardo Trindade Bahia | 5 |
| Mário Carlos Beni | 5 |
| Mauri Fortes | 5 |
| Marcus Polette | 4 |

Fonte: Elaboração própria.

Os dados acima não são suficientes para atestar uma concentração do campo, mas revelam quais orientadores tem realizado maiores investimentos na temática. Contudo, para que as análises possam ser conclusivas demandaria um aprofundamento muito maior, analisando a produção de cada orientador num intervalo de tempo de mais de uma década e em plataformas diversas.

Uma outra vertente seria analisar se há concentração institucional neste campo.

Tabela 7 - Levantamento de instituições mais frequentes no Portal CAPES

| Instituição | Frequência em número de teses e dissertações |
|-------------------------------------|---|
| Centro Universitário UNA | 27 |
| Universidade de Caxias do Sul (UCS) | 23 |
| Universidade de Brasília (UnB) | 21 |
| Universidade de São Paulo (USP) | 21 |
| Universidade do Vale do Itajaí | 15 |

Fonte: Elaboração própria.

Aparentemente há uma concentração institucional, visto que cinco instituições produzem juntas mais de 35 por cento das dissertações e teses neste campo, no entanto, o catálogo de teses e dissertações CAPES tem suas imprecisões e seria necessário compará-lo com outros portais e conhecer mais profundamente sobre como funciona o seu mecanismo de busca. O intuito deste capítulo é apenas visualizar o panorama da produção e as tendências do campo, pois um campo organizacional com tendência de crescimento tende a difundir mais os seus conceitos e práticas.

Desta forma, também é interessante realizar um levantamento de que áreas tem sido mais protagonistas no desenvolvimento deste campo.

Tabela 8 - Levantamento das principais áreas de conhecimento no Portal CAPES

| Grande Área de Conhecimento | Frequência |
|------------------------------------|-------------------|
| Ciências Sociais Aplicadas | 108 |
| Multidisciplinar | 73 |
| Ciências Humanas | 37 |
| Áreas do Conhecimento | Frequência |
| Turismo | 59 |
| Interdisciplinar | 46 |
| Administração | 26 |
| Ciências Ambientais | 26 |
| Geografia | 22 |

Fonte: Elaboração própria.

As Ciências Sociais Aplicadas se configuram como a grande área com maior frequência, tendo o Turismo, como área de conhecimento de maior produção em relação ao Turismo Sustentável. Este era um resultado provável, no entanto consta-se que a Administração poderia contribuir mais para o desenvolvimento deste campo.

Trata-se de uma análise do Catálogo de Dissertações e Teses e CAPES, e como foi afirmado anteriormente não é conclusivo, no entanto, é objetivo deste levantamento saber como a Administração tem tratado este campo.

No intuito de atingir este objetivo e descobrir as tendências de produção, foi realizada pesquisa na base de periódicos nominada por Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL), por suas características de base nacional, gratuita e focada na área de Administração, Contabilidade e Turismo. Foram encontrados apenas 30 artigos na busca exata e as suas características serão tratadas a seguir.

Tabela 9 - Levantamento da natureza da pesquisa na base SPELL

| Natureza da Pesquisa | Ano / número de artigos | Frequência | Frequência relativa |
|-----------------------------|---|-------------------|----------------------------|
| Quantitativa | 2012 (1) | 1 | 0.033 |
| Qualitativa | 2003(1)-2005(1)-2007(2)-2008(4)-2009(2)- 2011(5)-2012(2)2013(2)-2014(1)- 2017(1). | 21 | 0.700 |
| Quanti/Quali | 2002(2)-2006(1)-2008(1)- 2010(1)- 2012(1)- 2014(1)-2015(1) | 8 | 0.266 |

Fonte: Elaboração própria.

Analisando este resultado fica evidente a predominância da abordagem qualitativa nas pesquisas realizadas neste campo, no entanto para os objetivos traçados para este projeto de tese, será necessário que se utilize uma abordagem mista.

Na sequência, foi realizado um levantamento da distribuição dos artigos nos periódicos para saber em qual periódico a temática tem maior frequência. Não é possível afirmar que os periódicos com maior frequência sejam mais receptivos a temática, ou tenham características ligadas especificamente a este campo.

No Reino Unido, existe o *Journal of Sustainable Tourism*, que desde 1993 vem publicando artigos relacionados a este campo. No artigo *Sustainable Tourism Research: An Analysis of papers published in The Journal of Sustainable Tourism*, a Austrália e a Nova Zelândia estão representados entre os cinco países mais representados como locais de estudo (LU; NEPAL, 2009).

Castillo Nechar e Lozano Cortés (2006), também apresenta a Nova Zelândia e a Austrália como locais de investigação turística ligados a problemática ambiental e ao ecoturismo.

No Brasil, não há nenhuma revista dedicada especificamente para este campo, e não há a possibilidade de realizar um estudo comparativo neste sentido, mesmo que fosse utilizada uma base de dados, pois na Nova Zelândia, não há base de dados semelhante a base SPELL, e o acesso a artigos é mais restrito. Portanto, seria necessário eleger uma base mundial, e analisar a produção em cada país, o que não é o objetivo presente.

O levantamento da distribuição de artigos por periódicos visa atender questões práticas para a pesquisa e futuras publicações. Não é possível afirmar que um destes periódicos elegeu o campo do turismo sustentável, como preferencial.

Tabela 10 - Distribuição dos artigos com a palavra - chave “Turismo Sustentável”

| Periódico | ISSN | Frequência | Qualis 2013-2016 |
|--|-----------|------------|------------------|
| Turismo Visão e Ação | 1415-6393 | 7 | B1 |
| Caderno Virtual do Turismo | 1677-6976 | 7 | B1 |
| Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo | 1980-6965 | 5 | B2 |
| Turismo em Análise | 1984-4867 | 2 | B1 |
| Revista de Administração Pública (RAP) | 0034-7612 | 2 | A2 |
| Revista Hospitalidade | 1807-975X | 2 | B3 |
| Revista Interface (Natal) | 1806-9037 | 1 | B3 |
| Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo | 1982-6125 | 1 | A2 |
| Revista de Negócios | 1980-4431 | 1 | B2 |
| Revista Ibero-Americana de Estratégia (RIAE) | 2176-0756 | 1 | B2 |
| Rosa dos Ventos | 2178-9061 | 1 | B3 |
| Total | | 30 | |

Fonte: Elaboração própria.

O pequeno número de artigos e a distribuição nos periódicos é um fato enigmático, pois a OMT tem feito grandes esforços na promoção do Turismo Sustentável. Além disso, a Agenda

21, que se originou na Eco-92, e os objetivos do milênio são amplamente divulgados, o que em tese seria motivo para um maior envolvimento com estas temáticas.

Não foi realizado uma Análise de Redes Sociais, pois o campo apresenta características claras de balcanização, logo a análise mais objetiva para os propósitos relevantes para esta pesquisa, foi realizar um levantamento das palavras-chave que apresenta como resultado uma expectativa mais pragmática, com Turismo e Sustentabilidade em maior evidência, no entanto é válido perceber que palavras como parques, políticas públicas, planejamento, certificação, gestão, internacional, ambiental, cultural, entre muitas outras também são perceptíveis.

Figura 4 - Nuvem de palavras com palavras-chave dos artigos da base SPELL



Fonte: Elaboração própria.

O Turismo Sustentável é um conceito relativamente novo, que vem sendo desenvolvido mundialmente, com um foco bastante amplo. Neste sentido, era possível que este conceito se confundisse, com outros conceitos, que tem aproximação ou englobam o conceito de turismo sustentável.

Para realizar um mapeamento da produção mais relevante foi utilizada a ferramenta Google NGram, para ampliar as bases de pesquisa e aprofundar a análise utilizando métricas para base de dados do Google Books. Na pesquisa foram utilizados os seguintes termos: “sustainable tourism”, “ecotourism”, “responsible tourism” e “green tourism”. Estes termos possuem relação direta com o Turismo Sustentável, embora esta área do conhecimento seja a mais abrangente, no entanto os resultados demonstram que o termo ecoturismo é o mais

disseminado, o que pode ter alguma influência nas representações sociais sobre o turismo sustentável.

Figura 5 - Nível de publicação por tema segundo o Google Books Ngram Viewer



Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, o termo *ecotourism* está muito mais disseminado do que *sustainable tourism*, embora o mesmo faça parte deste conceito. Logo, é possível questionar se os respondentes tendem a associar corretamente estes dois termos, e se compreendem plenamente o conceito de turismo sustentável.

4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A abordagem utilizada é a pesquisa mista, também conhecida como quali-quantitativa, em função da complexidade dos objetivos, que além de buscar identificar as RS do Turismo Sustentável, também visam identificar os critérios e destinos de turismo sustentável privilegiados no Brasil e Nova Zelândia. Estes objetivos englobam o papel de turista dos respondentes, no entanto para contemplar o conceito mais amplo de Turismo Sustentável é necessário que se pesquise o papel do receptor ou cidadão, e sua atitude em relação ao Turismo Sustentável. Neste caso, foi utilizada a Escala de Atitude em relação ao Turismo Sustentável (SUS-TAS).

Considerando a publicação da Organização Mundial do Turismo (OMT), intitulada: *Introdução à Metodologia da Pesquisa em Turismo*, há uma clara orientação para não se utilizar apenas a análise qualitativa. Segundo Perez *et al* (2005, p.187), “a análise qualitativa é outra forma de abordar a realidade do setor turístico; entretanto, não deve ser considerada uma metodologia alternativa à análise quantitativa, mas sim uma metodologia complementar”.

Esta afirmação parece ultrapassada, visto que em buscas realizadas em base de periódicos, inclusive no *Sustainable Tourism*, encontram-se inúmeros artigos com abordagem exclusivamente qualitativa.

Além disso, a afirmação seguinte traz luz a questão: “a metodologia não consiste num pequeno número de regras. É um amplo conjunto de conhecimentos com o qual o pesquisador procura encontrar subsídios para nortear suas pesquisas” (THIOLLENT, 1984, p.46).

No caso presente, a opção pelos métodos mistos foi feita exclusivamente em função dos objetivos da pesquisa e a necessidade do uso de uma escala de atitudes.

Segundo Creswell e Plano Clark (2013, p.28), “a pesquisa de métodos mistos ajuda a responder perguntas que não podem ser respondidas apenas pelas abordagens quantitativas ou qualitativas”.

O livro de Creswell e Plano Clark (2013), provê a orientação de métodos indispensáveis para desenvolver a pesquisa, com recomendações detalhadas. Neste sentido, faz algumas orientações pertinentes, como fazer a diferenciação da pesquisa multimétodos. A Pesquisa de Métodos Mistos é uma abordagem própria.

Os autores também recomendam a coleta de dados qualitativos e quantitativos, no entanto existe exceção a esta recomendação como pode ser visto no trecho a seguir.

Em um estudo de análise de conteúdo apenas um tipo de dado (qualitativo) é coletado, e esta abordagem não chega a coletar ambos os dados qualitativos e quantitativos. Por exemplo, um pesquisador coletaria apenas dados qualitativos, mas analisaria os dados tanto qualitativamente (desenvolvendo temas) quanto quantitativamente (contando as palavras ou avaliando as respostas em escalas predeterminadas). (CRESWELL; PLANO CLARK, 2013, p.242).

Não há base teórica que afirme que os métodos mistos são mais completos ou proporcionem um melhor entendimento das questões de pesquisa, embora a expectativa seja positiva. Desta forma, os autores encorajam que os pesquisadores utentes desta abordagem façam os seus relatos.

No caso desta tese a adoção dos métodos mistos se deu em função da complexidade dos objetivos, e proporcionaram um entendimento mais amplo sobre as questões da pesquisa.

4.1 UNIVERSO E AMOSTRA

Participaram do presente estudo 571 respondentes no Brasil e 117 na Nova Zelândia de ambos os sexos. A amostra seguiu o critério de conveniência, e por esta razão, por ser não probabilística, não é possível que se realizem generalizações.

A coleta de dados foi realizada online e as entrevistas foram realizadas nas cidades de Auckland e Rio de Janeiro, nos respectivos períodos dezembro de 2018 / janeiro de 2019 e julho / agosto de 2019. A participação foi voluntária com anonimato garantido em ambos instrumentos de coleta, sendo importante a ressalva que o link ativado para o instrumento a ser aplicado na Nova Zelândia, foi lançado com quase dois meses de diferença, em face do atentado terrorista que ocorreu em 15 de março de 2019, na cidade de Christchurch, Nova Zelândia. Esta decisão buscou evitar qualquer tipo de viés nas respostas dos participantes, visto que houve uma comoção nacional, que poderia impactar na visão sobre os estrangeiros.

As entrevistas seguiram o critério de saturação, que foi atingido, em pontos próximos, tanto no Brasil e quanto na Nova Zelândia, com 16 e 15 entrevistas, respectivamente.

Tabela 11 - Distribuição de frequência dos participantes por sexo – Brasil

| Sexo | f | % |
|------------------|-----|-------|
| Masculino | 228 | 24,6% |
| Feminino | 341 | 36,8% |
| Outro | 2 | 0,4% |
| Subtotal | 571 | 61,7% |
| Valores ausentes | 355 | 38,3% |
| Total | 926 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

No total 926 pessoas acessaram a plataforma, mas seguindo o critério da parcimônia, em face de um número significativo de valores ausentes (respostas incompletas), foram selecionados os casos mais completos. Neste contexto, a frequência no sexo masculino é de 228 (39,9%), no sexo feminino teve 341 (59,7%) respondentes, e 2 (0,4%), auto – declarados como outros.

Os participantes no Brasil apresentaram idade variando de 18 a 77 anos (média de 39,21 anos e desvio padrão de 11,67).

Tabela 12 - Distribuição de frequência dos participantes por sexo – Nova Zelândia

| Sexo | f | % |
|------------------|-----|------|
| Masculino | 23 | 15,1 |
| Feminino | 91 | 59,9 |
| Outro | 3 | 2,0 |
| Subtotal | 117 | 77,0 |
| Valores ausentes | 35 | 23,0 |
| Total | 152 | 100 |

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Na Nova Zelândia, os participantes apresentaram idade variando entre 18 a 72 anos (média de 40,52 anos e desvio padrão de 13.11). Em relação a contextualização da amostra neste país, 23 (19,7%) responderam ser do sexo masculino, 91 (77,8%) do sexo feminino e 3 (2,6%) responderam como outros.

4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados referentes às Representações Sociais do Turismo Sustentável, foi utilizado um questionário, contendo uma folha para a coleta de dados demográficos (sexo, mês e ano de nascimento, escolaridade) e questões abertas sobre Turismo Sustentável.

A Escala de Atitudes em relação ao Turismo Sustentável foi aplicada juntamente com o questionário e possibilitou entre outras coisas, demonstrar se a atitude é positiva ou negativa e comparar a atitude em relação ao Turismo Sustentável em função do gênero, escolaridade, idade e país de origem.

Para a validação da escala SUS-TAS, foram utilizados 35 itens, subdivididos em 7 fatores a priori: (1) sustentabilidade ambiental, (2) custos sociais percebidos, (3) benefícios econômicos percebidos, (4) maximizando a participação da comunidade, (5) planejamento a longo prazo, (6) garantindo a satisfação do visitante e (7) economia centrada na comunidade.

Os instrumentos foram aplicados de forma coletiva em diferentes universidades, no Brasil e na Nova Zelândia, buscando a participação de estudantes de diferentes cursos. E foi garantido o sigilo total em relação às respostas.

4.3 Procedimentos

Os instrumentos foram aplicados através de meio eletrônico (e-mail), utilizando a Plataforma Qualtrics, com instrumentos particulares para cada país. As informações pertinentes ao estudo foram informadas previamente, assegurando que em nenhuma hipótese os participantes seriam identificados.

Os dados foram codificados e analisados utilizando o software estatístico SPSS 20.0, AMOS 20 e software NVIVO 10.

Para atingir o objetivo geral do estudo, identificar as Representações Sociais do Turismo Sustentável em universitários, staff e professores no Brasil e Nova Zelândia, os dados foram analisados com a utilização da técnica Análise de Conteúdo de Berg (2004). Assim, foram identificadas as categorias mais recorrentes no discurso dos participantes.

O levantamento das categorias que emergiram a partir das respostas permitiu compará-las em função do país de origem, atingindo assim o primeiro objetivo específico.

Em relação ao segundo objetivo específico, foram identificados os destinos turísticos preferenciais dos participantes.

4.4 Aspectos Éticos

Esta pesquisa seguiu os procedimentos e orientações éticas previstas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde para a pesquisa com seres humanos. Para a aplicação do instrumento houve plena informação, e todos os respondentes foram voluntários, sendo assegurado o anonimato a todos. As entrevistas na Nova Zelândia foram realizadas nas instalações da Universidade de Auckland com a supervisão do Dr. José Guilherme Derraik. E no Brasil, as entrevistas foram realizadas com a orientação da professora Dra Deborah Zouain.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Auckland, Nova Zelândia, aprovou este estudo em 06/09/2018, pelo período de três anos, com o número de referência 021938.

4.5 MÉTODOS DE ANÁLISE

Os métodos de análise foram diversos de acordo com os instrumentos utilizados, logo para os questionários e para parte das entrevistas foram utilizados a Análise de Conteúdo, enquanto para a Escala de Atitude em relação ao Turismo Sustentável foi utilizado a Análise dos Componentes Principais e a Análise Fatorial Exploratória.

4.5.1. Análise de Conteúdo

A origem da Análise de Conteúdo (AC) não é exata, mas Krippendorff (1967, 2004), faz diferenciações históricas sobre a sua formulação, afirmando que ela se consolidou como método de Análise de Conteúdo Quantitativa nos anos 40. Campos (2004) não deixa tão clara esta distinção, e afirma que as suas origens são bem mais antigas, no entanto segue o consenso de que Berelson e Lazarsfeld, sintetizaram as bases desta metodologia nascente, no livro *The analysis of communication contents*, publicado em 1948; uma obra seminal para Análise de Conteúdo.

Krippendorff (2004), se aprofunda nesta distinção, e neste sentido analisa que a diferença entre as análises textuais antigas, que se configuravam na interpretação da bíblia, pode ser considerada como uma longínqua precursora da análise de conteúdo, mas pouco colaboraram com a metodologia da AC de Berelson e Lazarsfeld. Neste sentido, Bardin (2009) define estas análises textuais como “análises de conteúdo prematuras”.

Desta forma, é válido a leitura de fragmentos do texto de Bardin (2009), a seguir:

Para além destas maneiras de abordar os textos cuja tradição é longínqua, a precisão histórica refere alguns casos geralmente isolados que em certa medida seria análises de conteúdo prematuras. Por exemplo, a pesquisa de autenticidade feita na Suécia por volta de 1640 sobre os hinos religiosos. Com o objetivo de se saber se estes hinos, em número de noventa, podiam ter efeitos nefastos nos Luteranos, foi efetuada uma análise dos diferentes temas religiosos, dos seus valores e das suas modalidades de aparição (favorável ou desfavorável), bem como da sua complexidade estilística. (BARDIN, 2009, p.16).

Não é o intuito deste trabalho se aprofundar neste debate, pois é consensual que Berelson e Lazarfesfeld são criadores de uma metodologia que se difere da Análise Textual antiga, e que os trabalhos de Lasswell os influenciaram de certa maneira.

Bardin (2009, p.17) também afirma que “o primeiro nome que de fato ilustra a história da análise de conteúdo é o de H. Lasswell”. Krippendorff (2004), endossa o nome de Lasswell neste rol de fundadores.

E com a adesão de diversas áreas de estudo ao método da AC, ocorreu grande desenvolvimento nas décadas seguintes, ampliando as suas técnicas e conceitos.

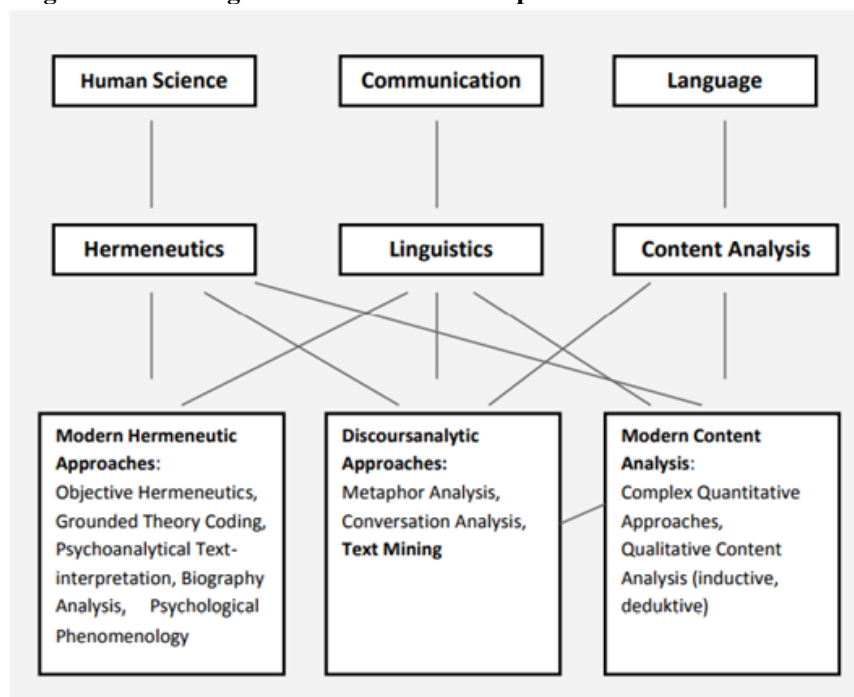
A técnica de análise de conteúdo, atualmente compreendida muito mais como um conjunto de técnicas, surgiu nos Estados Unidos no início do atual século. Seus primeiros experimentos estavam voltados para a comunicação em massa. Até os anos 50 predominava o aspecto quantitativo da técnica que se traduzia, em geral, pela contagem da frequência da aparição de características nos conteúdos das mensagens veiculadas. (GOMES, 2001, p. 74).

Esta colocação de Gomes é emblemática, pois é visível que há uma diferença entre o enfoque de Berelson e Lazarfesld (1948) e a AC atual. Não pretende-se com isso desprestigiá-los, muito pelo contrário, pois os pioneiros abrem caminho para todos que vem depois. Neste sentido, os objetos de estudo, as técnicas e as tecnologias que as suportam se desenvolveram muito.

Flick (2009), faz uma diferenciação entre as AC, e em seu livro *Introdução à Pesquisa Qualitativa* se concentra na Análise Qualitativa de Conteúdo.

Mayring (2000, 2014), também faz esta diferenciação, e se aprofunda em questões sobre a análise textual e nos processos de análise de dados, em relação às possibilidades tecnológicas que vem se desenvolvendo.

Figura 6 - Abordagens das Ciências Sociais para a Análise Textual



Fonte: Mayring (2014, p.17)

Nesta figura, elaborada por Mayring (2014), visualizamos as ligações possíveis diversas, inclusive com a Mineração de Textos. Neste contexto, a tecnologia é bastante presente, e colabora para a análise quantitativa e qualitativa de uma quantidade imensa de *corpus* textuais.

A técnica de análise de conteúdo é frequentemente aplicada aos estudos sobre a propaganda política e o material publicado na imprensa. É utilizada para captar o conteúdo manifesto dos textos por meio de uma identificação dos temas significativos que aparecem no *corpus* (conjunto de textos ou de material considerado como relevante para a análise desejada). (THIOLLENT, 1986, p.54).

Lefèvre e Lefèvre (2005), consideram que Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que é eminentemente Pesquisa Qualitativa, como uma alternativa integradora da abordagem qualitativa. Além disso, demonstram a possibilidade de utilização da TRS com a técnica do DSC. Segundo estes autores “o objetivo de uma pesquisa de representação social é o resgate do imaginário social sobre um dado tema” (p.33).

A perspectiva acima foi considerada, no entanto, em função das características e objetivos da proposta de pesquisa em pauta, a AC se apresenta como mais apropriada, especialmente por se tratar de um estudo comparativo.

Neste sentido, Bauer (2000, p.192), diz que “a AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades”.

Antes de seguirmos este caminho, é necessário que se aprofunde mais conceitualmente sobre a AC, e Bauer (2000), nos fornece uma amplitude de definições, na tabela abaixo:

Tabela 13 - Algumas definições de análise de conteúdo (ênfases acrescentadas)

| |
|--|
| A semântica estatística do discurso político (KAPLAN, 1943) |
| A técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação (BERELSON, 1952) |
| Toda técnica para fazer inferências através da identificação objetiva e sistemática de características específicas de mensagens (HOLSTI, 1969) |
| Processamento da informação em que o conteúdo da comunicação é transformado, através da aplicação objetiva e sistemática de regras de categorização (PAISLEY, 1969) |
| Uma técnica de pesquisa para produzir inferências replicáveis e práticas partindo dos dados em direção a seu contexto (KRIPPENDORFF, 1980) |
| Uma metodologia de pesquisa que utiliza um conjunto de procedimentos para produzir inferências válidas de um texto. Essas inferências são sobre emissores a própria mensagem, ou a audiência da mensagem (WEBER, 1985) |

Fonte: Bauer (2000, p.192)

Berg (2004), se utiliza da definição de Holsti (1969), para afirmar que “por esta perspectiva, fotografias, videoteipe, ou qualquer item que possa ser transformado em texto é passível para a análise de conteúdo”.

Logo, o tratamento pela perspectiva da comunicação, e não apenas o texto, fornece um outro olhar para a análise. Além disso, a AC vem se desenvolvendo conceitualmente, e podemos constatar que a definição de Krippendorff em 1980 é um pouco diferente da definição de 2004, como podemos ver a seguir.

De acordo com Krippendorff (2004, p.18), “a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa para fazer inferências replicáveis e válidas de textos (ou outra matéria significativa) para os contextos de seu uso. Como técnica, a análise de conteúdo envolve procedimentos especializados”.

Considerando que há uma série de visões e conceitos sobre a análise de conteúdo e alguns autores fazem uma distinção entre Análise de Conteúdo Qualitativa e Quantitativa (FLICK, 2009; MAYRING, 2000, 2014; KRIPPENDORF, 2004; BERG, 2004), é interessante analisar o artigo *The State-of-Art of Content Analysis*, de Peter Gavora.

Quadro 8 - Configuração das variantes de Análise de Conteúdo

| Autores | Berelson (1952); Holsti (1969) | Neundorf (2002); Krippendorff (2004) | Berg (1995) | Guest <i>et al.</i> (2012) | White & Marsh (2006) |
|---------------------------------------|---------------------------------------|---|--|-----------------------------------|---------------------------------|
| Tipo de Conteúdo | Meios de Comunicação | Sem restrição | | | |
| Tipo de Amostragem | Estocástica | | Estocástica e Proposital | Proposital | |
| Profundidade da Análise | Evidente | Evidente e Latente | | Latente | |
| Direção da Análise | Dedutiva | | Indutiva e Dedutiva | Indutiva | |
| Tipo de Controle de Codificação | Concordância inter-assunto | | Concordância inter-assunto e Credibilidade | | Credibilidade |
| Modos de Representação dos Resultados | Numérico | | Verbal e Numérico | | Verbal |

Fonte: Adaptado de Gavora (2015, p.14 e 15)

Neste quadro, vemos uma série de variantes, e podemos nos posicionar em relação a escolha de método de análise, pelas características destas variantes. Neste caso, a AC de Berg é mais adequada a este estudo, por não ter restrição ao tipo de conteúdo, aceitar o tipo de amostragem estocástica e proposital, ser indutiva e dedutiva e pelos Modos de Representação dos Resultados serem verbal e numérico.

Segundo Gavora (2015, p.10), Berg “opta por duas alternativas e sugere ligar a amostragem estocástica aos processos dedutivos e a amostragem intencional aos processos indutivos. Estas duas alternativas são metodologicamente significativas”.

Desta forma, a perspectiva de Berg (2004) tem maior aproximação com os métodos mistos, gerando congruência com a TRS e os objetivos para este estudo. Além disso, sintetiza o que contar em sete elementos: palavras, *themes*, personagens (pessoas), parágrafos, itens, conceitos e semântica. A abrangência e profundidade de análise, utilizando questionário e entrevistas semiestruturadas, tende a minimizar o erro em função da falta de objetividade e subjetividade do pesquisador.

Em relação à codificação, a que fornece procedimentos mais adequados ao estudo, e tem convergência com a AC de Berg, é a que consta no livro Pesquisa Qualitativa – Técnicas e Procedimentos para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada de Strauss e Corbin (2008).

Flick (2009), diz sobre a Análise Qualitativa de Conteúdo que,

uma de suas características essenciais é a utilização de categorias, as quais são normalmente obtidas a partir de modelos teóricos: as categorias são levadas para o material empírico e não necessariamente desenvolvidas a partir deste, embora sejam

reiteradamente avaliadas em contraposição a esse material e, se necessário, modificadas. (p.291).

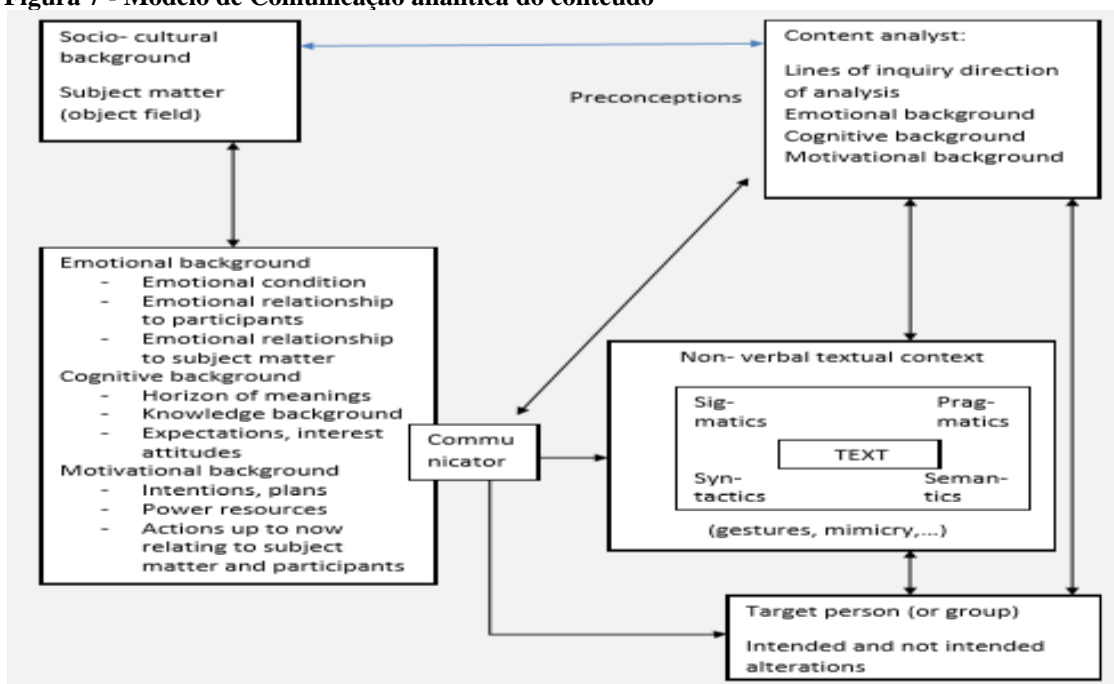
Esse é um processo complexo, que mesmo quando segue uma abordagem quantitativa pode carecer de objetividade. No caso da pesquisa mista, especialmente nesta proposta, a abordagem é sequencial, no entanto não é simultânea, logo podem ser analisados em tempos diferentes.

Segundo Cresswell e Plano Clark (2013, p.208), “nessas situações sequenciais, as questões relacionadas à análise dos dados não se concentram na análise em si, mas nos procedimentos para usar a análise a partir de análises quantitativas e qualitativas separadas”.

Neste sentido, é válido o alerta de Hsieh e Shannon (2005), que diz que é fundamental “especificar a abordagem da AC que será usada, antes de começar a análise de dados” (p.1286).

O modelo de Comunicação analítica do conteúdo de Mayring (2014), por ser um modelo estendido, que vai muito além do modelo tradicional de análise: fonte – comunicador – texto, fornece um panorama conceitual de interesse para esta pesquisa.

Figura 7 - Modelo de Comunicação analítica do conteúdo



Fonte: Mayring (2014, p.49)

Neste modelo, encontra-se uma convergência com a TRS, e os objetivos de pesquisa, pois se pretende saber os contextos de fundo emocional, cognitivo e motivacional. As Representações Sociais são utilizadas em estudos comportamentais, e possuem, inclusive,

metodologia própria de análise, com diversas correntes. No entanto, A AC de Berg apresenta uma unidade integradora para a Pesquisa de Métodos Mistos.

Segundo Berg (2004, p.275), “a análise de conteúdo envolve a interação de dois processos: especificação das características do conteúdo (elementos básicos do conteúdo) sendo examinados e aplicação de regras explícitas para identificar e gravar estas características”.

A sua abordagem prioriza as codificações abertas e axial, no entanto, para este projeto de estudo se faz necessário também a codificação seletiva, pois a identificação de uma categoria central tem valor para a TRS.

Segundo Strauss e Corbin (2008, p.146), “a categoria central tem poder analítico. O que dá a ela esse poder é sua capacidade de reunir outras categorias para formar um todo explanatório. Além disso, uma categoria central também deve ser capaz de responder por variação considerável dentro das categorias”.

Obviamente não se trata de uma pesquisa de Teoria Fundamentada, no entanto, tanto Berg (2004), quanto Strauss e Corbin (2008), fornecem o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

Uma vantagem da AC, que influenciou a sua adoção é no que se refere ao custo – benefício. Neste caso, também foi um fator determinante para a escolha de Métodos Mistos, pois se trata de uma proposta de pesquisa comparativa entre dois países, e o tempo disponível para realizar as entrevistas na Nova Zelândia será relativamente curto.

As implicações metodológicas são desta forma evidentes, pois carregam certo grau de pragmatismo.

Uma outra limitação que Berg (2004), se referente sobre a AC, é a questão da não reatividade. É comum encontrar pessoas que não desejam responder perguntas nem ceder parte de seu tempo para colaborar com uma pesquisa.

Uma outra vantagem considerável da AC é poder realizá-la em períodos distintos, ou seja, se desejasse replicar o estudo das Representações Sociais da Responsabilidade Social Corporativa a cada cinco anos, poderia identificar uma tendência social.

Neste contexto, é válido ressaltar que há uma dificuldade de generalização, e esta possibilidade elencada acima tem uma certa limitação neste sentido, não deixando de ser uma possibilidade de pesquisa interessante.

4.5.2. Análise Fatorial

A análise e validação da Escala de Atitude em relação ao Turismo Sustentável (SUS-TAS), é composta por 35 itens, subdivididos em sete grupos: (1) Sustentabilidade Ambiental, (2) Custos Sociais Percebidos, (3) Benefícios Econômicos Percebidos, (4) Maximizando a Participação da Comunidade, (5) Planejamento de Longo Prazo, (6) Garantindo a Satisfação do Visitante e (7) Economia Centrada na Comunidade.

A Análise Fatorial (AF) é a técnica estatística que foi utilizada com a finalidade de avaliar os resultados da Escala SUS-TAS, bem como a sua validade.

Segundo Pasquali (2009, p.289), a AF “constitui uma técnica estatística imprescindível no contexto da Psicometria, sobretudo para a problemática da validação de instrumentos psicológicos”.

A Análise Fatorial é uma técnica estatística cujo objetivo é caracterizar um conjunto de variáveis diretamente mensuráveis, chamadas de variáveis observadas, como a manifestação visível de um conjunto menor de variáveis hipotéticas e latentes (não mensuráveis diretamente), denominadas fatores comuns, e de um conjunto de fatores únicos, cada um deles atuando apenas sobre uma das variáveis observadas (ARANHA; ZAMBALDI, 2008, p.31).

Foram realizados testes de validade interna, com a indicação da adequação dos itens aos procedimentos de Análise Fatorial subsequentes.

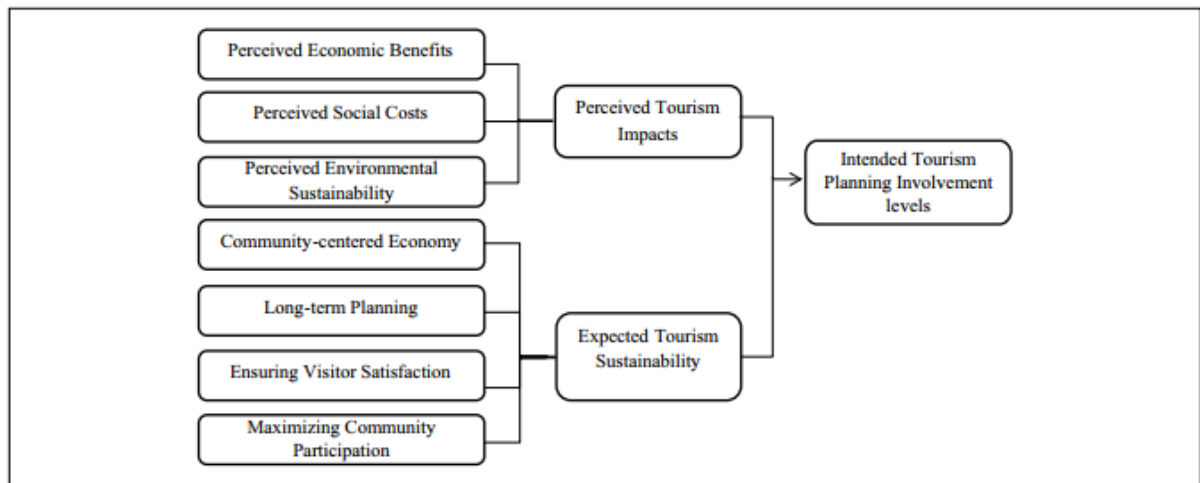
Acredita-se que a Escala SUS-TAS teve aprimoramento necessário nas suas aplicações anteriores, no entanto, a adaptação e validação da escala para o contexto brasileiro demanda que se aprofunde os métodos de Análise Fatorial, pois segundo Ribeiro, Silva e Valle (2014), a Escala SUS-TAS tinha originalmente 44 itens, e em estudo realizado em Cabo Verde apenas 34 itens foram validados.

Sirakaya-Turk, Ekincie Kaya (2008), utilizaram a Escala SUS-TAS original na Turquia, utilizando a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), com bons resultados.

Segundo Costa (2011, p.374), “a AFC, consiste em verificar a hipótese de ajustamento entre as medidas estimadas no procedimento de extração de fatores e as medidas efetivamente verificadas na amostra”.

Zhang, Cole e Chancellor (2015), descreveram a escala SUS-TAS original e outras reduzidas com menos de 27 itens, afirmando que todas as boas obtiveram boas propriedades psicométricas e resultados consistentes. Neste sentido, reforçaram a necessidade de manter os sete grupos.

Figura 8 - Framework Conceitual para validar a validade preditiva da Escala (SUS-TAS)



Fonte: Zhang, Cole e Chancellor (2015, p.747)

Não se pretende com esta afirmação afastar a possibilidade que os itens sejam agrupados de outra forma, nem num número de grupos diferentes. De acordo com Costa (2011, p.217), “A AFE consiste em um procedimento de redução de variáveis, com a reunião de um conjunto de itens de variação conjunta em um mesmo fator”.

A utilização da Análise Fatorial Exploratória (AFE), para a redução de itens, faz parte do processo de validação do instrumento, e colabora com a identificação das percepções dos participantes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que o estudo tem a finalidade de ter uma representatividade de todo o país, buscou-se divulgar o instrumento de pesquisa em todos os estados, de forma que representantes de todos os estados participassem, no entanto, nenhum participante era natural do estado do Amapá, e alguns outros estados obtiveram um baixo percentual de respondentes.

Quadro 9 - Naturalidade dos respondentes no Brasil

| | | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Acre | 3 | ,3 | ,5 | ,5 |
| | Alagoas | 6 | ,6 | 1,1 | 1,6 |
| | Amazonas | 9 | 1,0 | 1,6 | 3,2 |
| | Bahia | 10 | 1,1 | 1,8 | 5,0 |
| | Ceará | 21 | 2,3 | 3,8 | 8,8 |
| | Distrito Federal | 7 | ,8 | 1,3 | 10,1 |
| | Espírito Santo | 20 | 2,2 | 3,6 | 13,6 |
| | Goiás | 12 | 1,3 | 2,2 | 15,8 |
| | Maranhão | 4 | ,4 | ,7 | 16,5 |
| | Mato Grosso | 12 | 1,3 | 2,2 | 18,7 |
| | Mato Grosso do Sul | 4 | ,4 | ,7 | 19,4 |
| | Minas Gerais | 47 | 5,1 | 8,4 | 27,8 |
| | Pará | 14 | 1,5 | 2,5 | 30,3 |
| | Paraíba | 3 | ,3 | ,5 | 30,9 |
| | Paraná | 53 | 5,7 | 9,5 | 40,4 |
| | Pernambuco | 20 | 2,2 | 3,6 | 44,0 |
| | Piauí | 19 | 2,1 | 3,4 | 47,4 |
| | Rio de Janeiro | 52 | 5,6 | 9,3 | 56,7 |
| | Rio Grande do Norte | 5 | ,5 | ,9 | 57,6 |
| | Rio Grande do Sul | 107 | 11,6 | 19,2 | 76,8 |
| | Rondônia | 1 | ,1 | ,2 | 77,0 |
| | Roraima | 1 | ,1 | ,2 | 77,2 |
| Santa Catarina | 46 | 5,0 | 8,3 | 85,5 | |
| São Paulo | 75 | 8,1 | 13,5 | 98,9 | |
| Sergipe | 3 | ,3 | ,5 | 99,5 | |
| Tocantins | 3 | ,3 | ,5 | 100,0 | |
| Total | | 557 | 60,2 | 100,0 | |
| Missing | System | 369 | 39,8 | | |
| Total | | 926 | 100,0 | | |

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A maior concentração de respondentes, no Brasil, se encontra nas regiões sul e sudeste, valendo a ressalva que nestas regiões também há um grande número de universidades, e programas de pós – graduação, o que no contexto do estudo pode explicar esta concentração.

Figura 9 - Distribuição por naturalidade dos respondentes no Brasil



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Na Nova Zelândia, há uma grande mobilidade em função da busca pela formação universitária, logo a lógica da naturalidade não tem muita influência, sendo a etnicidade um fator de análise contextual mais importante. Neste sentido, observou-se que 48% são descendentes de europeus, 28% de outras nacionalidades, como Japão e ilha Tokelau, 8% de Maoris, 6% descendentes de chineses e 5% de indianos entre outros. Logo, apesar das diferenças há uma configuração representativa das sociedades, dos dois países, obviamente considerando que os estudantes, o *staff*, e os professores universitários fazem parte de uma elite cultural, e um nível econômico, que não representa toda a sociedade, especialmente no Brasil.

5.1 Representações Sociais do Turismo Sustentável no Brasil e na Nova Zelândia

O objetivo geral do estudo foi identificar a RS do Turismo Sustentável de estudantes, *staff* e professores no Brasil e na Nova Zelândia, utilizando a técnica de Análise de Conteúdo (Berg, 2004), para analisar os dados coletados.

Assim, foram identificadas as categorias mais recorrentes no discurso dos participantes, a partir da questão: “O que é turismo sustentável, na sua opinião?”

As categorias que emergiram, foram dispostas em uma tabela, de acordo, com o país, permitindo a comparação entre as mesmas. É válido lembrar que as categorias surgiram de evocações espontâneas dos participantes. Não houve intencionalidade de categorização prévia, de acordo com os conceitos acadêmicos.

Numa primeira análise foram alcançados, respectivamente, o número total de 90 categorias no Brasil e 37 na Nova Zelândia. Em momentos posteriores foram sendo aprimoradas até chegar a 23 categorias no Brasil, e 20 na Nova Zelândia.

A investigação das Representações Sociais do Turismo Sustentável revela as diferentes percepções e visões de mundo, e a identificação em categorias a seguir colabora com o entendimento destas visões.

Na tabela 14, visualizamos a frequência e porcentagem de ocorrência de cada categoria em cada país. É possível visualizar algumas aproximações relativas as RS do Turismo Sustentável em ambos países, no entanto, há uma amplitude maior de categorias e consequentemente de representações sociais no Brasil.

Tabela 14 - Representações Sociais – categorias no Brasil e na Nova Zelândia

| Categorias | Brasil | | Nova Zelândia | | X ² |
|--|------------|-------------|---------------|-------------|----------------|
| | Frequência | Porcentagem | Frequência | Porcentagem | |
| Turismo que gera o menor impacto possível | 144 | 24.7% | 44 | 30.8% | |
| Turismo responsável | 112 | 19.2% | 7 | 4.9% | |
| Proteção e desenvolvimento da comunidade local | 95 | 16.3% | 2 | 1.4% | |
| Turismo orientado para o futuro | 67 | 11.5% | 16 | 11.2% | |
| Turismo Harmônico | 32 | 5.5% | 8 | 5.6% | |
| Respeito ao triple bottom line | 23 | 4.0% | 0 | 0% | |
| Turismo que gera benefício econômico para a coletividade | 17 | 2.9% | 12 | 8.4% | |
| Turismo que tem atividades controladas e monitoradas. | 15 | 2.6% | 5 | 3.5% | |
| Autossustentável | 12 | 2.1% | 0 | 0% | |
| Outras | 12 | 2.1% | 0 | 0% | |

| | | | | | |
|--|-----|------|-----|------|-----------|
| Visão negativa | 10 | 1.7% | 2 | 1.4% | 238.983** |
| Turismo que gere impactos positivos no longo prazo | 10 | 1.7% | 5 | 3.5% | |
| Turismo que tem planejamento de longo prazo | 8 | 1.4% | 5 | 3.5% | |
| Proteção e desenvolvimento cultural | 7 | 1.2% | 4 | 2.8% | |
| Turismo que usa recursos sustentáveis (negócios sustentáveis) | 4 | 0.7% | 6 | 4.2% | |
| Promover conscientização e educação para os stakeholders | 3 | 0.5% | 0 | 0% | |
| Desconhecimento do termo | 3 | 0.5% | 0 | 0% | |
| Turismo que gera benefícios ao meio ambiente | 2 | 0.3% | 8 | 5.6% | |
| Turismo que não gere custos sociais | 2 | 0.3% | 5 | 3.5% | |
| Turismo que garanta a qualidade das experiências | 1 | 0.2% | 5 | 3.5% | |
| Ecoturismo | 1 | 0.2% | 1 | 0.7% | |
| Turismo que não sobrecarregue os recursos das cidades, nem a rotina dos moradores. | 1 | 0.2% | 4 | 2.8% | |
| Turismo com boa manutenção | 1 | 0.2% | 1 | 0.7% | |
| Turismo de engajamento socioambiental | 0 | 0% | 1 | 0.7% | |
| Turismo que não desvaloriza a localidade | 0 | 0% | 2 | 1.4% | |
| TOTAL | 582 | 100% | 143 | 100% | |

**Significativo ao nível 0.01

O entendimento do “Turismo que gera o menor impacto possível”, categoria de maior frequência no Brasil e na Nova Zelândia, engloba as questões de não destruição, do “turismo que não impacta negativamente o meio ambiente”, de “turismo que mantém um nível de atividade que permite que o meio ambiente se recupere”. Os respondentes na NZ também enfatizaram a questão do excesso com o uso dos recursos, de forma a não causar uma degradação irreversível, ou seja, defendem o turismo de baixo impacto. E desta forma, espera-

se que a atividade turística utilize os recursos turísticos de forma racional, sem destruir os destinos e a própria atividade turística.

Em segundo lugar no Brasil, com o maior número de indicações foi a categoria “Turismo responsável”, que tem muitas aproximações conceituais com o Turismo Sustentável. Nesta categoria emergiram respostas como “é o turismo responsável social e ambientalmente que contribui para o equilíbrio do lugar”. Um outro exemplo de resposta é que “é um turismo consciente de suas responsabilidades sociais e ambientais, de modo a preservar o meio ambiente e a cultura local com ética e cidadania”. Neste sentido, é importante saber que Turismo Responsável é um conceito e um campo do conhecimento em turismo, bastante divulgado, tanto que alguns respondentes, descrentes do Turismo Sustentável, defendem que a sustentabilidade é impossível, sendo possível, no máximo, que haja um turismo mais responsável.

Em seguida, no Brasil, apresenta-se com a terceira maior frequência a categoria “Proteção e desenvolvimento da comunidade local”, com números bem diferentes da NZ. Esta se refere “aquele que integra a comunidade sem danificar sua estrutura social original”, também é citado como o “turismo baseado na comunidade local”. Neste sentido, também pode ser caracterizado como próximo ao Turismo de Base Comunitária.

O “turismo orientado para o futuro”, tem uma característica de tratamento de forma diferenciada para o Turismo Sustentável. As respostas estão relacionadas a “aquele turismo que preserva as condições atuais para os futuros visitantes”, e “aquele que utiliza os recursos atuais de forma adequada e de maneira que estejam disponíveis para as futuras gerações”.

A quinta categoria mais citada foi o “turismo harmônico”, que além de estar escrito desta forma em algumas respostas, também se caracteriza pelo “turismo ganha-ganha”, onde “os custos e benefícios fluem em ambos os caminhos, e na equação da sustentabilidade, que estaria em equilíbrio”. Além disso, também “é aquele que integra de maneira harmônica a natureza, a comunidade e os turistas”.

No que se refere ao “respeito ao *triple bottom line*”, é uma categoria que menciona “o conceito que se aplica as três vertentes da sustentabilidade, no que diz respeito ao atingir os objetivos de desenvolvimento”. Esta categoria está intimamente ligada ao conceito de desenvolvimento sustentável e foi bastante citada no Brasil.

Na categoria “turismo que gera benefício econômico para a coletividade”, se encontra uma das principais motivações para o comportamento pro-turismo. No entanto, não foi uma das mais citadas neste estudo. Segundo os participantes, este turismo “é bom para o meio ambiente

e para a carteira”, gera “lucros e benefícios para a indústria do turismo e para a comunidade local”, “e traz recursos para ajudar a comunidade a investir na proteção do destino”, além de “gerar riquezas aos habitantes locais”. Desta forma, gera benefícios que estão distribuídos para todos os *stakeholders*.

A oitava categoria mais citada foi “turismo que tem atividades controladas e monitoradas”, que segundo os respondentes “limita o número de visitantes, evitando o turismo de massa e a destruição” e também busca limitar construções e adequá-las à estrutura ambiental e não o contrário.”. Nas entrevistas realizadas no Brasil e na Nova Zelândia, muitos entrevistados citaram esta categoria também, enfatizando-a como uma das principais formas de se atingir o Turismo Sustentável.

Na nona posição surgiu a questão de ser “autossustentável” de uma maneira bastante abrangente, como pode ser visto na seguinte resposta: “atividades que se auto sustentam do ponto de vista ambiental e social”. Segundo estes participantes, o Turismo Sustentável consegue “fazer que ele se auto gerencie e traga retorno, sem precisar de outros meios para sustentá-lo”.

Em “Outras” estão as respostas que não puderam ser classificadas em nenhuma outra categoria, por serem muito genéricas, ou muito distanciadas do conceito teórico do turismo sustentável, embora algumas sejam interessantes. A resposta “barato para o turista”, ou a que se refere a turismo de massa, não está em consonância com o conceito teórico. No entanto, respostas que sugerem maior integração com o “trabalho conjunto entre governo (sem representação partidária / ideológica), universidade plural, empresa de grande, médio e pequeno porte, comércio informal, e instituições de representação regional e local” são interessantes, e se desenvolvidas adequadamente, podem formar uma rede de colaboração bastante produtiva.

Na categoria “visão negativa”, se encontram as respostas como, “eu não penso que o turismo pode ser sustentável. Eu acho que se tornou uma desgraça no mundo e não vejo nenhuma maneira de contornar isso”. E outras respostas bastante pessimistas, como a seguinte:

“Uma gigantesca mentira reproduzida por pesquisadores encastelados e desconectados da realidade do que acontece no Brasil. O ideal seria que fossem contemplados os aspectos culturais, ambientais, econômicos e sociais na atividade. Isso não ocorre, portanto, trata-se de uma mentira reproduzida por pesquisadores que se escondem das responsabilidades.”

Um participante afirmou: “não acredito que qualquer atividade econômica seja sustentável”, e outro que “turismo sustentável hoje é parte do *Greenwashing*, apenas um

discurso vazio que consta em planos, taxas de turismo e artigos”. Logo, embora esta categoria não tenha sido muito citada, é importante refletir sobre as falas dos respondentes, e buscar melhorar as práticas para que esta visão negativa diminua.

Uma das formas de reverter as visões negativas é trabalhar a seguinte categoria: “Turismo que gere impactos positivos no longo prazo”. É uma categoria mais genérica, que segundo os participantes, se caracteriza, pelo “turista gerar impactos positivos na área visitada, por muitos anos”.

Para que isso ocorra, a teoria defende a necessidade de planejamento, e os participantes afirmaram que Turismo Sustentável é aquele que tem “planejamento de longo prazo”. Nesta categoria, os respondentes afirmaram que é “o turismo que é bem planejado e atendido para infraestrutura adequada (água, esgoto, acomodações)”.

Na “Proteção e desenvolvimento cultural”, emergiu o discurso da necessidade de “ações de turismo que permitem a preservação das características culturais”, e na Nova Zelândia se afirmou que deveria “ajudar a preservar” a cultura.

Na categoria “Turismo que usa recursos sustentáveis (negócios sustentáveis)”, as respostas foram “que se preocupa em oferecer serviços que sejam sustentáveis”, a necessidade da “reciclagem”, “utilização de métodos ecológicos”, com “hotéis com fontes renováveis de energia”, entre outros.

“Promover conscientização e educação para os *stakeholders*” é uma categoria que tem afinidade com o turismo responsável, no entanto é uma categoria predominante no Brasil, que também teve eco nas entrevistas realizadas no país, portanto é importante manter esta questão em vista, pois pode indicar uma demanda nacional. Segundo um respondente é “quando alguém que conheça o assunto, transmite as informações corretas ao turista”.

Quanto ao “Desconhecimento do termo”, observou-se que os respondentes na Nova Zelândia conhecem bem o termo, enquanto, no Brasil alguns afirmaram desconhecer o termo. Um dos participantes afirmou: “primeira vez que ouço falar sobre o termo”. E um outro disse: “nada a declarar, porque não tenho uma opinião de conhecimentos para responder”. Mesmo nas entrevistas, foi possível perceber que alguns participantes não tinham pleno conhecimento do conceito.

Na categoria “Turismo que gera benefícios ao meio ambiente”, os respondentes na Nova Zelândia citaram mais essa categoria, afirmando que é “bom para o meio ambiente” e que

“talvez isso não acontecesse sem o turismo”. Ainda afirmaram que “os turistas geram um impacto positivo no meio ambiente”.

Uma das grandes preocupações que caracteriza um turismo predatório é a geração de custos sociais, relacionados ao aumento do custo de vida para a população e a problemas com moradia, entre outros efeitos. Na categoria “Turismo que não gere custos sociais” os participantes classificaram o Turismo Sustentável como um “turismo que é capaz de sustentar-se sem criar dívidas para a comunidade circundante”; “nem provoca nenhum outro prejuízo para a sociedade”.

Uma das dimensões do Turismo Sustentável é a “Garantia da Qualidade das Experiências”, que segundo um participante é o “turismo que mantém sempre uma experiência única para o visitante”; “e que a experiência do visitante seja de qualidade, com relação a produtos e serviços”.

A categoria “Ecoturismo” é literalmente direta, e demonstra um conhecimento limitado sobre o Turismo Sustentável, que é mais abrangente.

Na categoria “Turismo que não sobrecarregue os recursos da cidade, nem a rotina dos moradores”, que “não esgotem os recursos do país”, e “seja feito de forma que não altere a rotina dos moradores, que não estão envolvidos em atividades turísticas”.

“Turismo com boa manutenção” é uma premissa do turismo sustentável, e também tem referência codificada literal: “turismo com boa manutenção – em termos de meio ambiente, transporte, alimentação e atividades”.

Uma categoria que emergiu, de forma inesperada, foi “turismo de engajamento socioambiental”, que segundo um participante da Nova Zelândia é o “turismo que aprimora o meio ambiente e não o afeta negativamente. Isso exigiria que os turistas ‘contribuíssem’ com os locais que visitam, de alguma forma – por meio de seus próprios esforços físicos, por exemplo: plantar uma árvore, limpar qualquer lixo que eles encontrem através de contribuição financeira”. Um entrevistado brasileiro também fez essa reflexão, e embora já exista este tipo de turismo voluntário, é uma perspectiva interessante para o Turismo Sustentável.

Na Nova Zelândia o Departamento de Conservação (DOC), estimula a participação dos turistas em projetos de conservação do patrimônio natural e histórico, e é uma realidade bastante presente na cultura do país.

A última categoria que emergiu, teve referências codificadas apenas na Nova Zelândia, e é o “Turismo que não desvaloriza a localidade”. De acordo com os participantes é “garantir que

as atividades turísticas não destruam ou desvalorizem os lugares que elas visitam”, e o “turismo em que a presença do turista não desvaloriza o destino”.

Infelizmente, como não eram entrevistas, não foi possível aprofundar esta pergunta, mas é possível que haja uma preocupação com desvalorização imobiliária, que não está explicitamente contida nas respostas.

5.2 Destinos Turísticos preferenciais no Brasil e na Nova Zelândia

Com a finalidade de identificar os destinos turísticos preferenciais de universitários, staff e professores no Brasil e Nova Zelândia, foram levantados os principais destinos. Os respondentes na Nova Zelândia, fizeram referências majoritariamente ao próprio país, colocando os Estados Unidos em segundo lugar e a Austrália e Costa Rica na sequência.

Tabela 15 - Destinos nacionais prioritários segundo os participantes na Nova Zelândia

| Destinos prioritários (países) | frequência | percentual |
|--------------------------------|------------|-------------|
| Nova Zelândia | 54 | 66,7% |
| Estados Unidos da América | 5 | 6.2% |
| Costa Rica | 3 | 3.7% |
| Austrália | 3 | 3.7% |
| Canadá | 1 | 1.2% |
| África do Sul | 1 | 1.2% |
| Tailândia | 1 | 1.2% |
| Chile | 1 | 1.2% |
| Suécia | 1 | 1.2% |
| Brasil | 1 | 1.2% |
| Fiji | 1 | 1.2% |
| Índia | 1 | 1.2% |
| Israel | 1 | 1.2% |
| Quênia | 1 | 1.2% |
| Noruega | 1 | 1.2% |
| Singapura | 3 | 3.7% |
| Hong Kong | 1 | 1.2% |
| Suíça | 1 | 1.2% |
| Total | 81 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

A maioria dos participantes na Nova Zelândia pensou em primeiro lugar, no próprio país, quando se trata de Turismo Sustentável. Dentro deste país, citaram diversos destinos também, como pode ser visto a seguir:

Tabela 16 - Destinos locais prioritários segundo os participantes na Nova Zelândia

| Destinos sustentáveis na NZ | frequência | Destinos sustentáveis na NZ | frequência |
|------------------------------------|-------------------|------------------------------------|-------------------|
| Milford Track | 3 | Fiordland | 1 |
| Rotorua | 4 | Kaikoura | 1 |
| Solscape - Raglan | 2 | Kapiti | 1 |
| Wellington | 2 | Marlborough Sounds | 1 |
| Tekapo | 2 | Manganui | 1 |
| Milford Sounds | 2 | Ngai Tahu | 1 |
| Queenstown | 2 | Camp Glenorchy | 1 |
| Dunedin | 1 | Cathedral Cove | 1 |
| Otago Peninsula | 1 | Routeburn | 1 |
| Taupo | 1 | Kepler Track | 1 |
| Tongariro | 1 | Great Barrier Island | 1 |
| Waitomo Caves | 1 | Cape Kidnappers | 1 |
| Catlins | 1 | Gannet Colony | 1 |
| Mt Cook | 1 | Fox Glaciers | 1 |

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Este é um extrato, dos destinos detalhados, embora grande parte dos respondentes tenha afirmado que todo o país é um destino sustentável. Os destinos de Parques Nacionais e as grandes trilhas foram citados com significativa frequência, e as justificativas relacionadas a estas escolhas, demonstra que o turismo sustentável é uma forma de manutenção destes espaços, com geração de benefícios econômicos.

No Brasil, a maior parte dos respondentes também citou destinos sustentáveis no próprio país, com uma listagem bastante expressiva de destinos, principalmente na região nordeste.

Tabela 17 - Destinos prioritários segundo os participantes no Brasil

| Destinos sustentáveis no Brasil | frequência | Destinos sustentáveis no Brasil | frequência |
|--|-------------------|--|-------------------|
| Fernando de Noronha (PE) | 91 | Itacaré (BA) | 1 |
| Bonito (MT) | 66 | Sertão Pernambucano (PE) | 1 |
| Amazônia | 30 | México | 1 |
| Pantanal (MT) | 25 | Navegantes (SC) | 1 |

| | | | |
|--|----|---------------------------------|---|
| Foz do Iguaçu (PR) | 24 | Olinda (PE) | 1 |
| Região Nordeste* | 16 | Parati (RJ) | 1 |
| Chapada dos Veadeiros (GO) | 14 | Tailândia | 1 |
| Chapada Diamantina (BA) | 13 | Maquiné (RS) | 1 |
| Gramado (RS) | 12 | Barra do Jucu (ES) | 1 |
| Jericoacoara (CE) | 12 | Butão | 1 |
| Jalapão (GO) | 11 | Islândia | 1 |
| Nova Zelândia | 8 | Ushuaia (Argentina) | 1 |
| Lençóis Maranhenses (MA) | 7 | Praia de Gravatá (SC) | 1 |
| Ilha do Mel (PR) | 7 | Toronto (Canadá) | 1 |
| Rio de Janeiro (RJ) | 6 | Brotas (SP) | 1 |
| Cambará do Sul (RS) | 6 | Caraíva (BA) | 1 |
| Ouro Preto (MG) | 5 | Lira Eco Park (PI) | 1 |
| Bahia | 5 | Amarante (PI) | 1 |
| Europa | 6 | Everglades (EUA) | 1 |
| Amazonas | 4 | Poço Azul (BA) | 1 |
| Santa Catarina | 4 | Canoa Quebrada (Natal) | 1 |
| Mamirouá (AM) | 4 | Pedra Azul (ES) | 1 |
| Austrália | 4 | Angra dos Reis (RJ) | 1 |
| Patagônia | 4 | Venda Nova do Imigrante (ES) | 1 |
| Canela (RS) | 4 | Visconde de Mauá (RJ) | 1 |
| Parque Nacional da Serra da Cativara (PI) | 5 | Urubici (SC) | 1 |
| Maragogi (AL) | 3 | Canions de Fortaleza (CE) | 1 |
| Serra Gaúcha | 3 | Japão | 2 |
| Ibitipoca (MG) | 3 | Estocolmo (Suécia) | 1 |
| Brasil* | 3 | Chapada dos Guimarães (MT) | 1 |
| Vila Velha (ES) | 3 | Ibirama (SC) | 1 |
| Porto Seguro (BA) | 3 | Pipa (RN) | 1 |
| Canadá | 3 | Caparaó (MG) | 1 |
| Costa Rica | 3 | Tibagi (PR) | 1 |
| Peru | 3 | Colônia Witmarsum (Paraná) | 1 |
| Ceará | 3 | Alter do Chão (Santarém – Pará) | 1 |
| Machu-Pichu (Peru) | 3 | Amapá | 1 |
| Pirenópolis (GO) | 3 | Phi Phi (Tailândia) | 1 |
| Morro de São Paulo (BA) | 3 | Maya Bay (Tailândia) | 1 |
| Serra da Canastra (MG) | 3 | Cairns (Austrália) | 1 |

| | | | |
|----------------------------------|---|--------------------------------------|---|
| Ilha Grande (RJ) | 2 | Rio Grande do Sul | 1 |
| Caribe | 2 | Portugal | 1 |
| Curitiba (PR) | 2 | Itália | 1 |
| Nobres (MT) | 2 | Serra do Cipó (MG) | 1 |
| Caldas Novas (GO) | 2 | Croácia | 1 |
| Itaimbezinho (RS) | 2 | Grécia | 1 |
| São Raimundo Notato (PI) | 2 | Serra da Mantiqueira | 1 |
| Barra Grande (PI) | 2 | Nova York (EUA) | 1 |
| Estados Unidos | 2 | Cânion Guartelá (PR) | 1 |
| Atol das Rocas (RN) | 2 | Bento Gonçalves (RS) | 1 |
| Delta de Parnaíba (PI) | 2 | Complexo da Pedra Caída (MA) | 1 |
| Jardim (MS) | 2 | Presidente Figueiredo (AM) | 1 |
| Arraial do Cabo (RJ) | 2 | Ilha do Bananal (RJ) | 1 |
| Itaúnas (ES) | 2 | Punta del Diablo (Uruguai) | 1 |
| Singapura | 2 | Tefé (AM) | 1 |
| Teresópolis (RJ) | 2 | Praia Grande (RS) | 1 |
| Porto de Galinhas (PE) | 2 | Galápagos (Equador) | 1 |
| Três Coroas (RS) | 2 | Parque das Andorinhas (MG) | 1 |
| Petrópolis (RJ) | 2 | Bonito (PE) | 1 |
| Abrolhos (BA) | 2 | Berlim (Alemanha) | 1 |
| África | 2 | Paraíba | 1 |
| Amsterdam (Holanda) | 2 | Cariri (CE) | 1 |
| Finlândia | 2 | Rio Araguaia | 1 |
| Suécia | 2 | Nova Petrópolis (RS) | 1 |
| Nova Friburgo (RJ) | 2 | Marcelino Ramos - Quinto Rancho (RS) | 1 |
| Ásia | 1 | Barra de Mamanguape (PB) | 1 |
| Cascata das Andorinhas (RS) | 1 | Praia do Rosa (SC) | 1 |
| Toscana (Itália) | 1 | Manaus (AM) | 1 |
| Grand Canyon (EUA) | 1 | Aveiro | 1 |
| Domingos Martins (ES) | 1 | Bruges (Bélgica) | 1 |
| Inhotim (MG) | 1 | São Paulo (SP) | 1 |
| Maceió (AL) | 1 | Portland (EUA) | 1 |
| Rio São Francisco | 1 | Friburg (Alemanha) | 1 |
| Trancoso (BA) | 1 | Lagoa do Peixe (RS) | 1 |
| Atins (MA) | 1 | América Central | 1 |
| Ilha do Campeche (Florianópolis) | 1 | Tropero Camponéz (RS) | 1 |

| | | | |
|---------------------------------------|---|-------------------------|------------|
| Uruguai | 1 | Pulador (RS) | 1 |
| Icapuí (CE) | 2 | Aparados da Serra (RS) | 1 |
| Serra do Mar | 1 | Chile | 1 |
| Refúgio Biológico de Itaipu (PR) | 1 | Poços de Caldas (MG) | 1 |
| Guaraqueçaba (PR) | 1 | Jijoca (CE) | 1 |
| Alto Paraíso (GO) | 1 | Maruá (BA) | 1 |
| Itarema (CE) | 1 | Barcelona (Espanha) | 1 |
| Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) | 1 | Quarta Colônia (RS) | 1 |
| Ilhéus (BA) | 1 | Santa Maria (RS) | 1 |
| Florianópolis (SC) | 2 | Tocantins | 1 |
| Carolina (Maranhão) | 1 | Boipéba (BA) | 1 |
| Salvador (BA) | 1 | Montreal (Canadá) | 1 |
| Natal (RN) | 1 | Paris (França) | 1 |
| África do Sul | 1 | Frequência Total | 602 |

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A identificação e a amplitude dos destinos turísticos evocados atingiu o número de 179 destinos. Embora, alguns tenham sido mais genéricos, como no caso dos países, ainda assim a amplitude é significativa. Um outro item relevante foi a frequência com que Fernando de Noronha foi citado, colocando este destino como o que vem a cabeça de 15,1% dos respondentes. Muitas justificativas destas respostas, não deixam claro se os respondentes conhecem pessoalmente este destino, no entanto, muitos enaltecem a natureza protegida, as belas imagens e o controle e monitoramento da atividade turística.

O segundo destino turístico sustentável mais citado foi Bonito, no Mato Grosso, com 11% dos respondentes o indicando como um exemplo de turismo sustentável.

Curiosamente, a grande maioria dos destinos são nacionais, sendo que o país estrangeiro com maior número de citações foi a Nova Zelândia, com a frequência de oito citações diretas (1,3%).

A Amazônia obteve a frequência de 30 indicações, e o Pantanal (MT), 25 evocações, o que corresponde respectivamente a 5% e 4.2%.

A região nordeste foi citada diretamente, sem maiores especificações 16 vezes, no entanto 43 destinos, dos 179 citados, são da região nordeste, o que corresponde a 24% dos destinos sustentáveis no Brasil. Além disso, o destino mais citado Fernando de Noronha, pertence a esta região.

A região Centro-Oeste corresponde a 7% dos destinos sustentáveis, com a frequência de 12 destinos, no entanto o segundo destino com maior evocação foi Bonito (MT), com 66 citações e o quarto foi o Pantanal (MT), com 25 indicações. Os dois juntos representam 15% das citações, logo a imagem destas destinações é relevante, no que se relaciona a destino de turismo sustentável.

Na região sul, são indicados 34 destinos sustentáveis, com a frequência acumulada de 102 citações, o que corresponde a 17%. O destino mais citado foi Foz do Iguaçu, e o Paraná tem um peso significativo na temática sobre turismo sustentável, sendo que a região sul é a segunda mais citada, quando se trata deste tema.

A quarta região mais citada é a região norte, com 8 destinos e 43 citações, o que corresponde a 7% do total. Apesar da Amazônia ser o terceiro destino mais citado, não há uma amplitude de destinos citados na região, e muito provavelmente deve existir uma dificuldade de acesso aos destinos, pois apesar de muitas pessoas justificarem que regiões de quilombola e aldeias indígenas são destinos sustentáveis, é notório que existem restrições legais e éticas para a realização deste tipo de destino. Além disso, é provável que muitos respondentes não conheçam os locais, e respondam segundo a imagem que tem dos mesmos. Um exemplo foi a citação de Maya Bay na Tailândia, que é notoriamente contrário ao que se prega no turismo sustentável. Este destino está fechado, em face do “*over – tourism*”, e dos diversos impactos negativos advindos deste fato.

Koh e Fakfare (2019), tratam desta questão sob o prisma dos *stakeholders*. E realizando esta análise, mitigando os impactos negativos e ampliando os impactos positivos, que se alcança uma atitude pró – turismo, e conseqüentemente a manutenção e melhoria do destino turístico.

No caso da região sudeste, esta foi considerada com o menor percentual de citações (6%), embora tenham sido indicados 20 destinos sustentáveis pelos respondentes. Nos questionários e entrevistas, muitos indicaram que a limpeza, a infraestrutura e a segurança das cidades, para eles, são critérios para considerarem o destino como turismo sustentável. E o estado do Rio de Janeiro, que segundo os participantes, tem 20 destinos de turismo sustentável, vem sofrendo, com a crise econômica, um desinvestimento contínuo, o que fica visível nas condições de manutenção e limpeza das cidades.

5.3 Comportamento de premiação aos destinos turísticos sustentáveis

Com a finalidade de atender o terceiro objetivo específico, comparar a proporção de participantes no Brasil e na Nova Zelândia que privilegiam destinos turísticos sustentáveis, foi analisada a pergunta: Ao escolher um destino de viagem, sua decisão é afetada pelos padrões de conservação ambiental do local?

Tabela 18 - Comportamento segundo os padrões de conservação ambiental

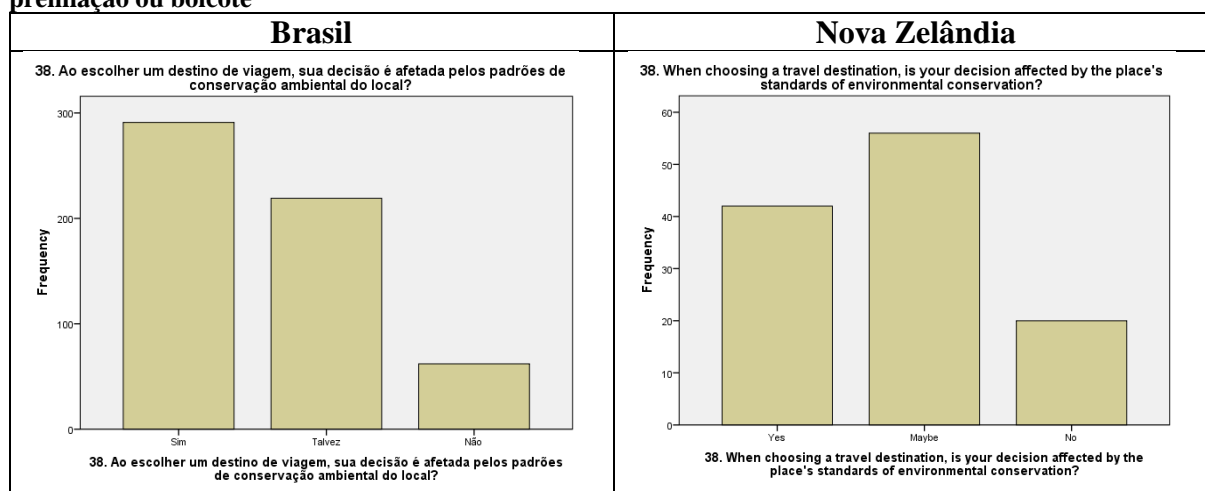
| País | Brasil | | Nova Zelândia | | X ² |
|--------|--------|-------|---------------|-------|----------------|
| | f | % | f | % | |
| Sim | 291 | 50.9 | 42 | 35.6 | 12.000 |
| Talvez | 219 | 38.3 | 56 | 47.5 | |
| Não | 62 | 10.8 | 20 | 16.9 | |
| Total | 572 | 100.0 | 118 | 100.0 | |

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

As respostas evidenciam uma preocupação nos dois países, no entanto, os participantes no Brasil demonstram ter maior preocupação com o tema. No Brasil mais de 50% afirmam que o padrão de conservação afeta o processo de escolha do destino de viagem, enquanto na Nova Zelândia apenas 35,6% afirmaram o mesmo.

Como contraponto 16,9% dos participantes disseram que os padrões de conservação ambiental do local não influenciam a escolha do destino de viagem, enquanto, no Brasil apenas 10,8% afirmaram o mesmo.

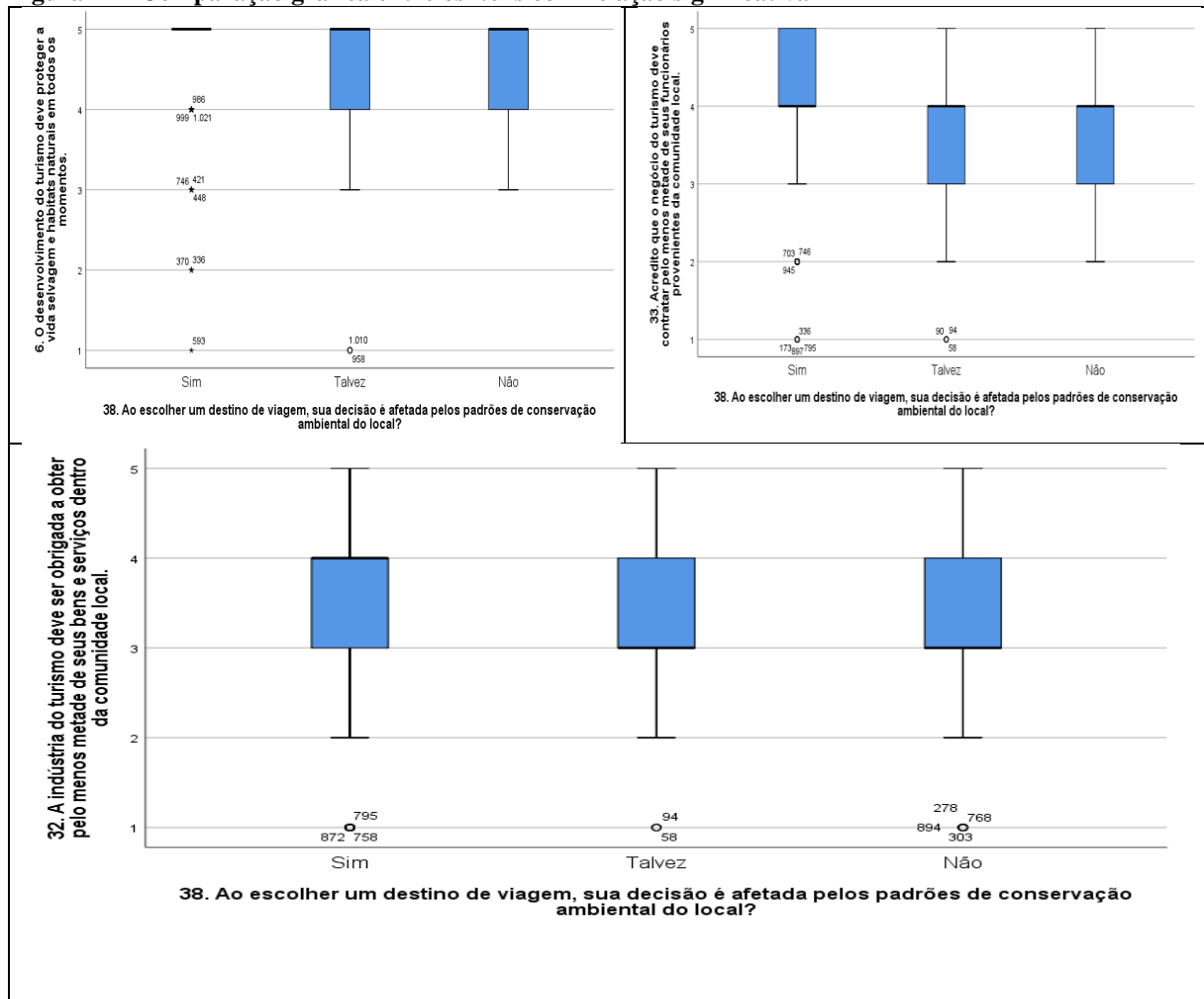
Figura 10 - Comparação gráfica entre Brasil e Nova Zelândia, de acordo com o comportamento de premiação ou boicote



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Analisando a questão 38, juntamente com os itens da escala likert, ficou demonstrado que o cruzamento entre elas, teve relação significativa entre os itens 6, 32 e 33, o que pode ser visualizado nos boxplots abaixo, ou seja houve maior concordância entre todos que tem relação significativa, com os que responderam sim na questão 38.

Figura 11 - Comparação gráfica entre os itens com relação significativa



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Mesmo na relação demonstrada no boxplot da relação do item 32 com o item 38, pode ser observado que a mediana do sim está no quatro, o que demonstra uma maior concordância.

5.4 Redução de fatores e validação das escalas

Nesta parte, há a necessidade de analisar a carga de cada fator e a validade da escala, para cada país. Estes tópicos são detalhados na sequência.

5.4.1 Validação da Escala SUS-TAS aplicada no Brasil

Para a validação da escala SUS-TAS, foram utilizados 35 itens, subdivididos em 7 fatores a priori: (1) sustentabilidade ambiental, (2) custos sociais percebidos, (3) benefícios econômicos percebidos, (4) maximizando a participação da comunidade, (5) planejamento a longo prazo, (6) garantindo a satisfação do visitante e (7) economia centrada na comunidade.

O KMO obtido de 0,891 e o teste de esfericidade de Bartlett, com índice de 8575,705, significativo ao nível de 0,00, indicaram a adequação dos itens para os procedimentos de análise fatorial exploratória (AFE).

A Análise Fatorial Exploratória dos Componentes Principais, assim como a análise do conteúdo dos itens revelou uma estrutura composta por 6 fatores.

A escala ficou composta por um total de 34 itens, que apresentaram carga fatorial superior a 0,40.

O alfa de Cronbach de todos os fatores são aceitáveis e único item eliminado foi o nove.

5.4.2 Validação da Escala SUS-TAS aplicada na Nova Zelândia

Para a validação da escala SUS-TAS, foram utilizados 35 itens, subdivididos em 7 fatores a priori: (1) sustentabilidade ambiental, (2) custos sociais percebidos, (3) benefícios econômicos percebidos, (4) maximizando a participação da comunidade, (5) planejamento a longo prazo, (6) garantindo a satisfação do visitante e (7) economia centrada na comunidade.

O KMO obtido de 0,761 e o teste de esfericidade de Bartlett, com índice de 2679,621, significativo ao nível de 0,00, indicaram a adequação dos itens para os procedimentos de análise fatorial exploratória (AFE).

A Análise Fatorial Exploratória dos Componentes Principais, assim como a análise do conteúdo dos itens revelou uma estrutura composta por 6 fatores, com a eliminação do item 22, e o reagrupamento das dimensões.

A escala ficou composta por um total de 34 itens, que apresentaram carga fatorial superior a 0,40.

5.4.3 Análise Escala SUS-TAS aplicada no Brasil

A análise foi realizada sequencialmente considerando o eigenvalue e o screeplot, sendo que a análise gráfica foi utilizada como critério principal. Como pode ser vista na tabela abaixo, a adoção de 6 fatores explica 58,579% do efeito.

Tabela 19 - Variância Total Explicada - Brasil

| Component | Total Variance Explained | | | | | | | | |
|-----------|--------------------------|---------------|--------------|----------------------------|---------------|--------------|--------------------------|---------------|--------------|
| | Initial Eigenvalues | | | Extraction Sums of Squared | | | Rotation Sums of Squared | | |
| | Total | % of Variance | Cumulative % | Total | % of Variance | Cumulative % | Total | % of Variance | Cumulative % |
| 1 | 8,517 | 24,335 | 24,335 | 8,517 | 24,335 | 24,335 | 4,915 | 14,042 | 14,042 |
| 2 | 4,573 | 13,067 | 37,401 | 4,573 | 13,067 | 37,401 | 3,475 | 9,928 | 23,970 |
| 3 | 2,266 | 6,474 | 43,875 | 2,266 | 6,474 | 43,875 | 3,349 | 9,567 | 33,537 |
| 4 | 2,076 | 5,933 | 49,808 | 2,076 | 5,933 | 49,808 | 3,298 | 9,423 | 42,960 |
| 5 | 1,756 | 5,018 | 54,826 | 1,756 | 5,018 | 54,826 | 3,022 | 8,633 | 51,593 |
| 6 | 1,314 | 3,753 | 58,579 | 1,314 | 3,753 | 58,579 | 2,445 | 6,986 | 58,579 |
| 7 | 1,089 | 3,111 | 61,689 | | | | | | |
| 8 | 1,060 | 3,027 | 64,717 | | | | | | |
| 9 | ,952 | 2,721 | 67,437 | | | | | | |
| 10 | ,855 | 2,444 | 69,882 | | | | | | |
| 11 | ,728 | 2,081 | 71,963 | | | | | | |
| 12 | ,685 | 1,956 | 73,919 | | | | | | |
| 13 | ,640 | 1,828 | 75,747 | | | | | | |
| 14 | ,598 | 1,710 | 77,457 | | | | | | |
| 15 | ,575 | 1,643 | 79,100 | | | | | | |
| 16 | ,548 | 1,565 | 80,665 | | | | | | |
| 17 | ,537 | 1,534 | 82,199 | | | | | | |
| 18 | ,499 | 1,425 | 83,625 | | | | | | |
| 19 | ,478 | 1,367 | 84,992 | | | | | | |
| 20 | ,469 | 1,340 | 86,331 | | | | | | |
| 21 | ,451 | 1,289 | 87,621 | | | | | | |
| 22 | ,440 | 1,256 | 88,877 | | | | | | |
| 23 | ,414 | 1,184 | 90,061 | | | | | | |
| 24 | ,371 | 1,060 | 91,121 | | | | | | |
| 25 | ,355 | 1,014 | 92,135 | | | | | | |
| 26 | ,340 | ,971 | 93,106 | | | | | | |
| 27 | ,336 | ,960 | 94,066 | | | | | | |
| 28 | ,316 | ,903 | 94,969 | | | | | | |

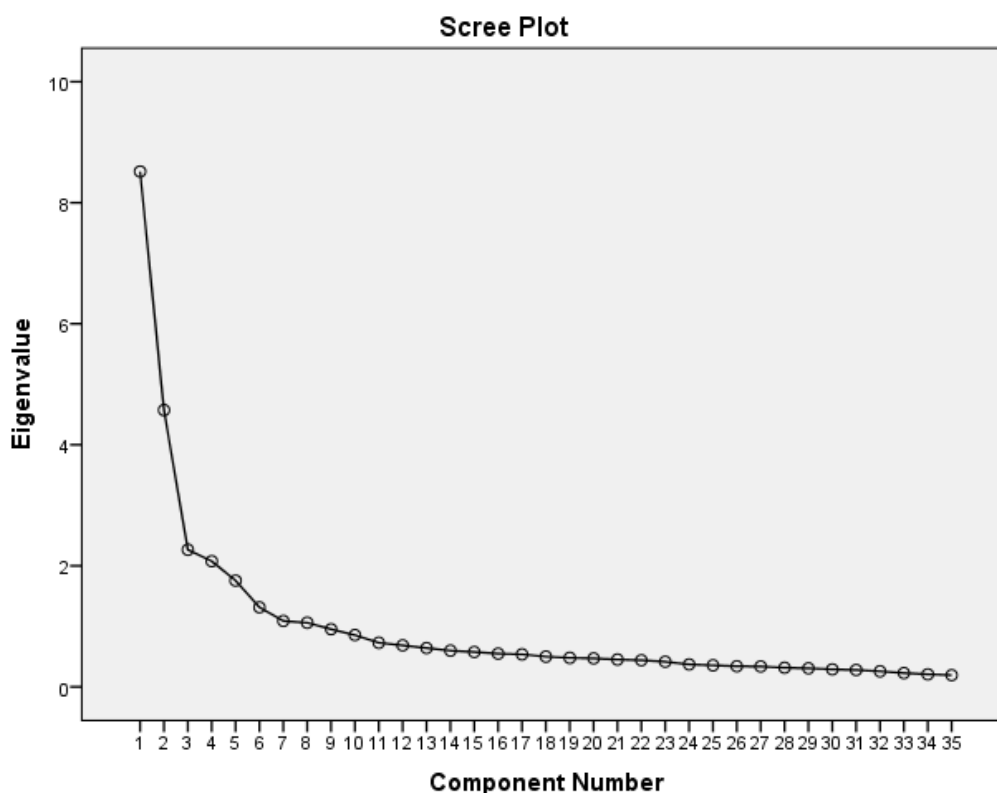
| | | | | | | | | | |
|----|------|------|---------|--|--|--|--|--|--|
| 29 | ,307 | ,877 | 95,845 | | | | | | |
| 30 | ,290 | ,828 | 96,673 | | | | | | |
| 31 | ,279 | ,798 | 97,471 | | | | | | |
| 32 | ,256 | ,732 | 98,203 | | | | | | |
| 33 | ,228 | ,652 | 98,855 | | | | | | |
| 34 | ,208 | ,593 | 99,449 | | | | | | |
| 35 | ,193 | ,551 | 100,000 | | | | | | |

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Os dois primeiros itens apresentam um peso significativo na explicação do efeito, e pode ser visto tanto na tabela acima, quanto no screeplot abaixo. Estas dimensões servem para as análises posteriores e também para a comparação entre os países.

Figura 12 - Scree Plot - Brasil



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A Matriz rotacionada pelo método de rotação Varimax, indica a nova disposição dos itens nos grupos abaixo. Além disso, pode ser visto o peso ou carga de cada item nas respectivas dimensões. Também é possível observar a distribuição e agrupamento dos itens e quais apresentam maior relevância.

Tabela 20 - Matriz rotacionada pelo método de rotação Varimax - Brasil

| Rotated Component Matrix^a | | | | | | |
|---|-------------|---|---|---|---|---|
| | Component | | | | | |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 1. A comunidade deve proteger o ambiente agora e para o futuro. | ,729 | | | | | |
| 2. A diversidade ambiental deve ser valorizada e protegida. | ,749 | | | | | |
| 3. Eu penso que o desenvolvimento do turismo deve concentrar forças para a conservação ambiental. | ,708 | | | | | |
| 4. O turismo deve proteger o ambiente comunitário. | ,672 | | | | | |
| 5. O turismo precisa ser desenvolvido em harmonia com o ambiente natural e cultural. | ,687 | | | | | |
| 6. O desenvolvimento do turismo deve proteger a vida selvagem e habitats naturais em todos os momentos. | ,714 | | | | | |
| 7. O desenvolvimento do turismo deve promover a ética ambiental entre todas as partes que têm interesse no turismo. | ,675 | | | | | |
| 8. Normas ambientais são necessárias para reduzir os impactos negativos do desenvolvimento do turismo. | ,586 | | | | | |
| 9. Acredito que o turismo deve melhorar o ambiente para as gerações futuras. | | | | | | |
| 10. Turistas deveriam considerar os impactos de suas atividades turísticas no meio ambiente e na comunidade local. | ,586 | | | | | |

| | | | | | | |
|---|--|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| 11. Os turistas na minha comunidade perturbam a minha qualidade de vida. | | | | | | ,845 |
| 12. A minha qualidade de vida deteriorou-se por causa do turismo. | | | | | | ,885 |
| 13. Eu, muitas vezes, sinto-me irritado por causa do turismo na comunidade. | | | | | | ,857 |
| 14. Os recursos recreativos da comunidade são usados em excesso pelos turistas. | | | | | | ,763 |
| 15. Eu gosto do turismo porque traz novas receitas para a nossa comunidade. | | | | | ,663 | |
| 16. Acredito que o turismo é um forte contribuinte econômico para a comunidade. | | | | | ,827 | |
| 17. O turismo gera receitas fiscais substanciais para o governo local. | | | | | ,756 | |
| 18. Acredito que o turismo é bom para a nossa economia. | | | | | ,807 | |
| 19. O turismo cria novos mercados para os nossos produtos locais. | | | | | ,699 | |
| 20. As decisões em relação ao turismo devem ser tomadas por todos na comunidade independentemente das suas origens sociais ou níveis de escolaridade. | | | ,598 | | | |
| 21. A indústria do turismo deve assegurar os valores de todos os residentes na comunidade. | | | ,543 | | | |
| 23. A indústria do turismo deve planejar para o futuro. | | | | ,668 | | |

| | | | | | | |
|---|--|-------------|-------------|--|--|-------------|
| 24. Acredito que uma boa gestão do turismo exige uma estratégia de planejamento avançado. | | | ,767 | | | |
| 25. Acredito que precisamos ter uma visão de longo prazo no planejamento para o desenvolvimento do turismo. | | | ,781 | | | |
| 26. O planejamento do desenvolvimento turístico deve ser continuamente melhorado. | | | ,768 | | | |
| 27. A indústria do turismo deve assegurar experiências de boa qualidade para os futuros visitantes. | | | ,604 | | | |
| 28. As empresas de turismo devem monitorar a satisfação dos visitantes. | | | | | | ,647 |
| 29. A indústria do turismo deve assegurar a boa qualidade das experiências turísticas do visitante. | | | | | | ,650 |
| 30. O negócio do turismo tem a responsabilidade de prover as necessidades dos visitantes. | | | | | | ,701 |
| 31. A atratividade da comunidade é um elemento essencial do apelo ecológico para os visitantes futuros. | | | | | | ,562 |
| 32. A indústria do turismo deve ser obrigada a obter pelo menos metade de seus bens e serviços dentro da comunidade local. | | ,689 | | | | |
| 33. Acredito que o negócio do turismo deve contratar pelo menos metade de seus funcionários provenientes da comunidade local. | | ,760 | | | | |

| | | | | | | |
|--|--|-------------|--|--|--|--|
| 34. A indústria do turismo deve contribuir para fundos de melhoria para a comunidade. | | ,664 | | | | |
| 35. Os residentes da comunidade devem ter mais oportunidades de investir no desenvolvimento turístico. | | ,631 | | | | |
| item22inv | | ,615 | | | | |

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com a finalidade didática de demonstrar a validade interna de cada dimensão, segue a sequência abaixo. A dimensão Sustentabilidade Ambiental, que originalmente era composta pelos itens 1 a 9, com a retirada do item nove (que aumenta o alfa de Cronbach), e a inserção do item 10, esta dimensão ficou o Alfa de Cronbach de 0,882. Esta dimensão ficou com a média 4,7567 e desvio padrão 0,08337.

Na dimensão 2, Custos Sociais Percebidos (itens 11, 12, 13, 14), com a média 2,4250 e desvio padrão 0,15801. E o Alfa de Cronbach com 0,876.

A dimensão Benefícios Econômicos Percebidos (itens 15, 16, 17, 18, 19) tem Alfa de Cronbach de 0,837, média 4,1680 e desvio padrão 0,19867.

A dimensão 4 é composta pelos itens 20, 21, 22, 32, 33, 34 e 35. A dimensão original, Maximizando a participação da comunidade (itens 20, 21, 22, 23) foi unificada em uma só, ao se fundir com a dimensão Economia centrada na comunidade (itens 32, 33, 34, 35). Segundo os resultados da pesquisa, há evidências de que os respondentes no Brasil não percebem diferença significativa entre estas duas dimensões. A nova dimensão nomeada Economia e participação comunitária tem média 4,0467 e desvio padrão 0,31969.

Na dimensão Planejamento de Longo Prazo (itens 23, 24, 25, 26, 27), tem Alfa de Cronbach 0,857, com média 4,5860 e desvio padrão 0,05941.

A Garantia a satisfação do visitante, última dimensão, (itens 28, 29, 30, 31), tem Alfa de Cronbach de 0,725, média de 4,1650 e desvio padrão de 0,27958.

Tabela 21 - Estatística Descritiva dos Itens – Brasil

| Descriptive Statistics | | | |
|---|------|----------------|------------|
| | Mean | Std. Deviation | Analysis N |
| 1. A comunidade deve proteger o ambiente agora e para o futuro. | 4,91 | ,284 | 511 |
| 2. A diversidade ambiental deve ser valorizada e protegida. | 4,90 | ,301 | 511 |
| 3. Eu penso que o desenvolvimento do turismo deve concentrar forças para a conservação ambiental. | 4,72 | ,515 | 511 |
| 4. O turismo deve proteger o ambiente comunitário. | 4,71 | ,552 | 511 |
| 5. O turismo precisa ser desenvolvido em harmonia com o ambiente natural e cultural. | 4,81 | ,456 | 511 |
| 6. O desenvolvimento do turismo deve proteger a vida selvagem e habitats naturais em todos os momentos. | 4,71 | ,564 | 511 |
| 7. O desenvolvimento do turismo deve promover a ética ambiental entre todas as partes que têm interesse no turismo. | 4,78 | ,486 | 511 |
| 8. Normas ambientais são necessárias para reduzir os impactos negativos do desenvolvimento do turismo. | 4,69 | ,619 | 511 |
| 9. Acredito que o turismo deve melhorar o ambiente para as gerações futuras. | 4,29 | ,950 | 511 |
| 10. Turistas deveriam considerar os impactos de suas atividades turísticas no meio ambiente e na comunidade local. | 4,78 | ,509 | 511 |
| 11. Os turistas na minha comunidade perturbam a minha qualidade de vida. | 2,60 | 1,041 | 511 |
| 12. A minha qualidade de vida deteriorou-se por causa do turismo. | 2,23 | ,921 | 511 |
| 13. Eu, muitas vezes, sinto-me irritado por causa do turismo na comunidade. | 2,38 | 1,096 | 511 |
| 14. Os recursos recreativos da comunidade são usados em excesso pelos turistas. | 2,49 | 1,034 | 511 |
| 15. Eu gosto do turismo porque traz novas receitas para a nossa comunidade. | 3,99 | ,721 | 511 |
| 16. Acredito que o turismo é um forte contribuinte econômico para a comunidade. | 4,26 | ,692 | 511 |

| | | | |
|---|------|-------|-----|
| 17. O turismo gera receitas fiscais substanciais para o governo local. | 3,92 | ,839 | 511 |
| 18. Acredito que o turismo é bom para a nossa economia. | 4,32 | ,662 | 511 |
| 19. O turismo cria novos mercados para os nossos produtos locais. | 4,35 | ,666 | 511 |
| 20. As decisões em relação ao turismo devem ser tomadas por todos na comunidade independentemente das suas origens sociais ou níveis de escolaridade. | 4,02 | 1,047 | 511 |
| 21. A indústria do turismo deve assegurar os valores de todos os residentes na comunidade. | 4,32 | ,842 | 511 |
| 23. A indústria do turismo deve planejar para o futuro. | 4,59 | ,581 | 511 |
| 24. Acredito que uma boa gestão do turismo exige uma estratégia de planeamento avançado. | 4,56 | ,626 | 511 |
| 25. Acredito que precisamos ter uma visão de longo prazo no planeamento para o desenvolvimento do turismo. | 4,63 | ,544 | 511 |
| 26. O planeamento do desenvolvimento turístico deve ser continuamente melhorado. | 4,68 | ,492 | 511 |
| 27. A indústria do turismo deve assegurar experiências de boa qualidade para os futuros visitantes. | 4,53 | ,572 | 511 |
| 28. As empresas de turismo devem monitorar a satisfação dos visitantes. | 4,40 | ,643 | 511 |
| 29. A indústria do turismo deve assegurar a boa qualidade das experiências turísticas do visitante. | 4,41 | ,607 | 511 |
| 30. O negócio do turismo tem a responsabilidade de prover as necessidades dos visitantes. | 3,88 | ,901 | 511 |
| 31. A atratividade da comunidade é um elemento essencial do apelo ecológico para os visitantes futuros. | 3,97 | ,834 | 511 |
| 32. A indústria do turismo deve ser obrigada a obter pelo menos metade de seus bens e serviços dentro da comunidade local. | 3,52 | 1,015 | 511 |

| | | | |
|---|--------|---------|-----|
| 33. Acredito que o negócio do turismo deve contratar pelo menos metade de seus funcionários provenientes da comunidade local. | 3,97 | ,955 | 511 |
| 34. A indústria do turismo deve contribuir para fundos de melhoria para a comunidade. | 4,39 | ,774 | 511 |
| 35. Os residentes da comunidade devem ter mais oportunidades de investir no desenvolvimento turístico. | 4,32 | ,701 | 511 |
| item22inv | 3,7906 | 1,12424 | 511 |

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

5.4.4 Análise Escala SUS-TAS aplicada na Nova Zelândia

A Escala SUS-TAS com 34 itens aplicados na NZ, teve apenas o item 22 eliminado, e o Alfa de Cronbach para a dimensão Sustentabilidade Ambiental, composta pelos itens 1 a 10, foi de 0,916, o que demonstra alta consistência interna. A média entre os nove itens foi de 4,5900, com desvio padrão de 0,14644.

A dimensão Custos Sociais Percebidos se fundiu com a Economia Centrada na Comunidade, e é composta pelos itens 11, 12, 13, 14 e 32,33,34 e 35, e tem Alfa de Cronbach de 0,794. A média é de 3,06, e o desvio padrão 0,84010. Esta nova dimensão pode ser denominada Economia Circular, pois envolve os custos sociais percebidos, o que na NZ, está evidenciado que não é alto, e a necessidade de desenvolvimento local, o que é relativamente bem equacionado na NZ..

Quanto aos Benefícios Econômicos Percebidos, o Alfa de Cronbach é de 0,809, para os itens 15, 16, 17, 18 e 19. A média é de 4,0160 e o desvio padrão 0,25442.

Na quarta dimensão, “Maximizando a participação da comunidade”, composta pelos itens 20 e 21, houve a necessidade de retirar o item 22, pois o alfa de Cronbach era de 0,606 (abaixo de 0,7), e com a retirada passou para 0,723. A média ficou 3,7100 e desvio padrão de 0,21213.

Na dimensão Planejamento a Longo Prazo, composta pelos itens 23, 24, 25 e 26, o Alfa de Cronbach foi de 0,888. A média destes itens ficou em 4,6450 e desvio padrão 0,07853.

Na dimensão “Garantindo a satisfação do visitante”, composta pelos itens 27, 28, 29 e 30, o Alfa de Cronbach ficou em 0,835. A média da dimensão ficou em 4,0975 e o desvio padrão em 0,28453.

A Matriz rotacionada pode ser visualizada no quadro abaixo:

Tabela 22 - Matriz rotacionada pelo método de rotação Varimax – Nova Zelândia

| | Rotated Component Matrix ^a | | | | | |
|---|---------------------------------------|---|---|---|---|------|
| | Component | | | | | |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 1. Community environment must be protected now and for the future. | ,449 | | | | | ,408 |
| 2. The diversity of nature must be valued and protected. | ,618 | | | | | |
| 3. I think that tourism development should strengthen efforts for environmental conservation. | ,870 | | | | | |
| 4. Tourism must protect the community environment. | ,834 | | | | | |
| 5. Tourism needs to be developed in harmony with the natural and cultural environment. | ,872 | | | | | |
| 6. Proper tourism development requires that wildlife and natural habitats be protected at all times. | ,794 | | | | | |
| 7. Tourism development must promote positive environmental ethics among all parties that have a stake in tourism. | ,784 | | | | | |
| 8. Regulatory environmental standards are needed to reduce the negative impacts of tourism development. | ,775 | | | | | |

| | | | | | | |
|--|-------------|-------------|--|--|-------------|-------------|
| 9. I believe that tourism must improve the environment for future generations. | ,717 | | | | | |
| 10. Tourists should consider the impacts of their tourism activities on the environment and the local community. | ,791 | | | | | |
| 11. Tourists in my community disrupt my quality of life. | | -,520 | | | ,570 | |
| 12. My quality of life has deteriorated because of tourism. | | -,594 | | | ,458 | |
| 13. I often feel irritated because of tourism in the community. | | -,582 | | | ,489 | |
| 14. Community recreational resources are overused by tourists. | | -,450 | | | ,479 | |
| 15. I like tourism because it brings new income to our community. | | ,715 | | | | |
| 16. I believe tourism is a strong economic contributor to the community. | | ,778 | | | | |
| 17. Tourism generates substantial tax revenues for the local government. | | ,515 | | | | |
| 18. I believe tourism is good for our economy. | | ,775 | | | | |
| 19. Tourism creates new markets for our local products. | | ,725 | | | | |
| 20. Tourism decisions must be made by all in my community regardless of a person's background. | | | | | | ,786 |

| | | | | | | |
|--|--|--|-------------|-------------|--|-------------|
| 21. The tourism industry must embrace the values of all community residents. | | | | | | ,752 |
| <u>22. Sometimes, it is acceptable to exclude a community's residents from decisions on tourism development.</u> | | | | | | ,509 |
| 23. The tourism industry must plan for the future. | | | | ,742 | | |
| 24. I believe that successful management of tourism requires advanced planning strategy. | | | | ,844 | | |
| 25. I believe that we need to take a long-term view when planning for tourism development. | | | | ,865 | | |
| 26. The planning of tourism development must be continuously improved. | | | | ,746 | | |
| 27. The tourism industry must ensure good quality tourism experiences for future visitors. | | | ,679 | ,419 | | |
| 28. Tourism businesses must monitor visitor satisfaction. | | | ,694 | | | |
| 29. Tourism businesses must ensure that the experience of visiting tourists are of good quality. | | | ,809 | | | |
| 30. It is the responsibility of tourism businesses to meet visitor needs. | | | ,814 | | | |
| 31. Community attractiveness is a core element of ecological "appeal" for visitors. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|-------------|--|
| 32. The tourism industry should be required to obtain at least one-half of their goods and services from within the local community. | | | | | | ,691 | |
| 33. I think tourism businesses should hire at least one-half of their employees from within the local community. | | | | | | ,667 | |
| 34. The tourism industry must contribute to community improvement funds. | | | | | | ,612 | |
| 35. Community residents should be given more opportunities to invest in tourism development. | | | | | | ,551 | |

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 10 iterations.

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O quadro acima explica como os itens estão dispostos na matriz rotacionada, pelo método Varimax. E a tabela abaixo demonstra que as 6 dimensões correspondem a 63,733% da variância explicada.

Tabela 23 - Variância Total Explicada – Nova Zelândia

| Component | Total Variance Explained | | | | | | | | |
|-----------|--------------------------|---------------|--------------|-------------------------------------|---------------|--------------|-----------------------------------|---------------|--------------|
| | Initial Eigenvalues | | | Extraction Sums of Squared Loadings | | | Rotation Sums of Squared Loadings | | |
| | Total | % of Variance | Cumulative % | Total | % of Variance | Cumulative % | Total | % of Variance | Cumulative % |
| 1 | 6,842 | 20,123 | 20,123 | 6,842 | 20,123 | 20,123 | 5,971 | 17,563 | 17,563 |
| 2 | 6,162 | 18,123 | 38,245 | 6,162 | 18,123 | 38,245 | 3,994 | 11,746 | 29,309 |
| 3 | 3,537 | 10,403 | 48,648 | 3,537 | 10,403 | 48,648 | 3,459 | 10,174 | 39,483 |
| 4 | 1,825 | 5,368 | 54,016 | 1,825 | 5,368 | 54,016 | 3,240 | 9,531 | 49,014 |
| 5 | 1,746 | 5,136 | 59,152 | 1,746 | 5,136 | 59,152 | 3,218 | 9,465 | 58,478 |
| 6 | 1,557 | 4,581 | 63,733 | 1,557 | 4,581 | 63,733 | 1,786 | 5,254 | 63,733 |

| | | | | | | | | | |
|----|-------|-------|---------|--|--|--|--|--|--|
| 7 | 1,217 | 3,579 | 67,311 | | | | | | |
| 8 | 1,063 | 3,128 | 70,439 | | | | | | |
| 9 | ,967 | 2,845 | 73,284 | | | | | | |
| 10 | ,848 | 2,493 | 75,777 | | | | | | |
| 11 | ,769 | 2,263 | 78,040 | | | | | | |
| 12 | ,717 | 2,109 | 80,149 | | | | | | |
| 13 | ,645 | 1,898 | 82,047 | | | | | | |
| 14 | ,598 | 1,760 | 83,807 | | | | | | |
| 15 | ,551 | 1,620 | 85,427 | | | | | | |
| 16 | ,484 | 1,424 | 86,851 | | | | | | |
| 17 | ,461 | 1,355 | 88,206 | | | | | | |
| 18 | ,425 | 1,250 | 89,456 | | | | | | |
| 19 | ,411 | 1,208 | 90,664 | | | | | | |
| 20 | ,388 | 1,141 | 91,805 | | | | | | |
| 21 | ,336 | ,989 | 92,794 | | | | | | |
| 22 | ,312 | ,918 | 93,712 | | | | | | |
| 23 | ,292 | ,859 | 94,571 | | | | | | |
| 24 | ,271 | ,796 | 95,367 | | | | | | |
| 25 | ,264 | ,776 | 96,143 | | | | | | |
| 26 | ,205 | ,602 | 96,745 | | | | | | |
| 27 | ,187 | ,550 | 97,296 | | | | | | |
| 28 | ,175 | ,513 | 97,809 | | | | | | |
| 29 | ,163 | ,481 | 98,290 | | | | | | |
| 30 | ,143 | ,421 | 98,711 | | | | | | |
| 31 | ,139 | ,409 | 99,120 | | | | | | |
| 32 | ,125 | ,368 | 99,488 | | | | | | |
| 33 | ,097 | ,284 | 99,772 | | | | | | |
| 34 | ,078 | ,228 | 100,000 | | | | | | |

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

5.5 Análise das Entrevistas realizadas no Brasil e na Nova Zelândia

As entrevistas foram realizadas presencialmente nos dois países, por apenas um entrevistador, com a supervisão do Professor Dr José Guilherme Derraik na Universidade de Auckland (NZ), e com a orientação da Professora Deborah Zouain, no Rio de Janeiro. Foram entrevistados alunos de graduação e pós-graduação, *staff* e professores de Universidades brasileiras e neozelandesas.

Para o melhor entendimento deste estudo de caso, foi elaborado o Quadro a seguir:

Quadro 10 - Análise do roteiro aplicado nas entrevistas

| Roteiro básico utilizado nas entrevistas | | |
|--|---|--|
| Questionamento | Objetivo | Percepção e análise |
| O que você entende por turismo sustentável? | Identificar as Representações Sociais do entrevistado. | Nem todos tinham conhecimento pleno sobre o conceito de Turismo Sustentável, mas a grande maioria entende as questões de sustentabilidade ligadas ao fenômeno turístico. No Brasil boa parte dos participantes se mostrava inseguro quanto ao conhecimento do conceito, enquanto na Nova Zelândia, os entrevistados se mostravam mais acostumados com o termo. |
| Quando você pensa em Turismo Sustentável, quais são os primeiros destinos que vêm a sua mente? | Identificar os destinos de turismo sustentável. | Foi perceptível que muitos participantes responderam em função de uma imagem do que acreditam ser Turismo Sustentável, mas em alguns casos não conheciam os destinos que estavam citando. |
| Quais são as principais características que um destino deve ter para ser considerado como turismo sustentável? | Identificar as características valorizadas pelos turistas e cidadãos. | Há a valorização predominantemente de características do turismo responsável, com a manutenção da limpeza dos destinos, bem como o modo de vida local. |
| As atividades turísticas devem proteger o meio ambiente local para as gerações futuras? | Identificar um dos principais conceitos de sustentabilidade, dando espaço para que o entrevistado coloque a sua percepção sobre o valor do meio ambiente e seus conceitos de desenvolvimento. | De forma geral, os entrevistados, se preocupam em proteger o meio ambiente local, temem que o turismo destrua os destinos sustentáveis, e entendem o valor desta proteção. |
| Você acha que o turismo é benéfico para a economia local? | Identificar um impacto positivo fundamental no desenvolvimento de uma atitude pró turismo. | No Brasil, a maioria acredita que o turismo é benéfico, no entanto muitos entrevistados criticaram a concentração destes benefícios para pequenos grupos. Na Nova Zelândia as respostas foram mais positivas. |
| Sua qualidade de vida é impactada negativamente pelos turistas? | Identificar um impacto negativo que influencia na atitude pró turismo. | A maior parte dos entrevistados atestou que não, mas quando foi perguntado se conheciam alguém que tivesse a vida impactada, boa parte afirmou que sim. |
| Você acha que as decisões relacionadas ao turismo devem envolver consultas com a comunidade local? | Aferir a percepção sobre o direito de participação nas decisões e o envolvimento da comunidade local. | De um modo geral os participantes acreditam que sim, no entanto no Brasil, alguns demonstram preocupação quanto a operacionalização destas consultas num país com tantas dificuldades e |

| | | |
|---|---|---|
| | | com o tamanho continental do mesmo. |
| A indústria do turismo deveria planejar para o futuro? | Verificar a percepção sobre a necessidade de planejamento, e o contexto de desenvolvimento turístico. | Na Nova Zelândia o turismo é um dos principais setores econômicos do país, perdendo apenas para a indústria de laticínios. Na década de 80 houve um grande planejamento de longo prazo para o setor do turismo, o que pode ser atestado pelas respostas dos participantes, que valorizam o planejamento de longo prazo. No Brasil também se valoriza o planejamento de longo prazo, no entanto a maioria dos respondentes não acredita que este planejamento ocorra, ou que seja bem elaborado. |
| Você acha que o turismo sustentável no Brasil / Nova Zelândia (seu país) está bem desenvolvido e amplamente adotado? | Verificar a percepção sobre o status do Turismo Sustentável. | No Brasil, muitos participantes declararam que não, tanto que alguns não tinham convicção do que é o Turismo Sustentável. Num outro polo, os participantes da Nova Zelândia estavam mais inclinados a afirmar que o Turismo Sustentável está bem desenvolvido no país, embora existam algumas considerações para a sua melhoria. |
| O ambiente natural é um elemento essencial para atrair turistas para o/a (Brasil / Nova Zelândia)? | Identificar a valorização do ambiente natural na atratividade turística. | Nos dois países o patrimônio natural foi extremamente valorizado, se configurando como um diferencial competitivo na indústria do turismo. |
| Você acha que as oportunidades de emprego geradas pelas atividades turísticas são benéficas para as comunidades locais? | Constatar o impacto das atividades turísticas sobre as oportunidades de empregos gerados. | Na Nova Zelândia a percepção é que há um significativo número de empregos gerados, e uma fração representativa destes empregos é qualificado, formal e recebe salários razoáveis. Os participantes no Brasil não tiveram a mesma percepção sobre o país em que vivem, pois muitos declararam que existe muita informalidade, baixa qualificação, e em face deste cenário faixas salariais pouco atrativas. |
| Os residentes locais devem ter mais oportunidades de desenvolver atividades turísticas em suas comunidades. | Verificar a percepção dos participantes sobre as oportunidades de empreender nas comunidades locais. | A maioria dos respondentes dos dois países concordou que deve haver um maior número de oportunidades, no entanto, no Brasil muitos entrevistados enfatizaram que antes disso deve haver uma melhor formação para que se amplie o empreendedorismo no país. |
| Qual a sua opinião sobre o comportamento dos turistas na sua comunidade? | Identificar se o comportamento dos turistas afeta a vida comunitária, de forma positiva, negativa, ou neutra. | Nesta questão as respostas foram mais variadas nos dois países, no entanto, não se observou uma atitude contra o turismo, mesmo |

| | | |
|---|--|--|
| | | quando o comportamento dos turistas não é bom. |
| Quais são os principais critérios para escolher um destino turístico? | Identificar os critérios adotados na escolha de destinos turísticos. | Os participantes nos dois países, apresentaram critérios ligados a natureza; alguns utilizaram critérios tradicionais, mas um número expressivo de entrevistados utilizou critérios referentes ao turismo sustentável, como por exemplo, a pegada ambiental para se locomover para cada destino. |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com o intuito de aprofundar os resultados das entrevistas e a compreensão do fenômeno, foram elaborados os quadros com as caracterizações dos sujeitos da pesquisa. No Brasil foram realizadas 16 entrevistas, seguindo o critério de saturação para a determinação da quantidade de entrevistas satisfatória. O entrevistado mais novo nasceu em 1999 e o mais velho em 1957, sendo que a maioria, 12 entrevistados são do grupo étnico branco, e dos 16 entrevistados, 10 são do gênero feminino.

Quadro 11 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa - Brasil

| Código | Nascimento | Sexo | Grupo étnico | Maior Nível Educa - cional | Área de Estudo | Formação em curso | Área de Estudo |
|---------------|-------------------|-------------|---------------------|-----------------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------|
| E-1 | 08/1991 | F | Negro | Mestrado | Turismo e Administração | Doutorado | Turismo e Administração |
| E-2 | 08/1957 | M | Branco | Mestrado | Contabilidade | Doutorado | Administração |
| E-3 | 03/1999 | M | Branco | Ensino Médio | Administração | Graduação | Administração |
| E-4 | 11/1979 | F | Branco | Mestrado | Turismo | Doutorado | Turismo |
| E-5 | 03/1972 | M | Branco | Mestrado | Letras | Graduação | Direito |
| E-6 | 06/1979 | F | Negro | Mestrado | História | - | História |
| E-7 | 02/1977 | F | Branco | Mestrado | Moda | Doutorado | Arte |
| E-8 | 09/1984 | F | Branco | Especialização | Turismo | Especialização | Turismo |
| E-9 | 08/1984 | M | Branco | Mestrado | Administração | Doutorado | Administração |
| E-10 | 08/1970 | F | Negro | Mestrado | Economia | Doutorado | Administração |
| E-11 | 06/1988 | F | Branco | Especialização | Enfermagem | Especialização | Enfermagem do Trabalho |
| E-12 | 04/1979 | F | Negro | Especialização | Pedagogia e Arquivologia | Mestrado | Administração |

| | | | | | | | |
|------|---------|---|--------|----------------|-------------------------|-------------------------------------|---------------|
| E-13 | 09/1989 | F | Branco | Mestrado | Administração | Doutorado | Administração |
| E-14 | 12/1990 | M | Branco | Mestrado | Turismo | Outro (preparatório para Doutorado) | Turismo |
| E-15 | 03/1985 | M | Branco | Especialização | Matemática | Mestrado | Matemática |
| E-16 | 04/1970 | F | Branco | Mestrado | Administração e Turismo | Doutorado | Administração |

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O mesmo quadro foi feito para caracterizar os sujeitos da pesquisa com os entrevistados na Nova Zelândia. O entrevistado com maior idade nasceu em 1966 e o mais novo em 2001, e a grande maioria pertence ao grupo étnico, com descendência europeia. Foram entrevistados 6 pessoas do gênero masculino e 9 do gênero feminino. Todos haviam concluído o equivalente ao ensino médio, e três deles estavam cursando o doutorado. Foi distribuído um termo de consentimento e fornecida todas as informações pertinentes a pesquisa, de acordo com o protocolo firmado e autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Auckland.

Quadro 12 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa – Nova Zelândia

| Código | Nascimento | Sexo | Grupo étnico | Maior Nível Educa - cional | Área de Estudo | Formação em curso | Área de Estudo |
|--------|------------|------|-----------------------|--------------------------------------|----------------------------|----------------------|---------------------|
| I-1 | 10/1997 | M | NZ European | High-school | - | Undergraduate degree | Medicine |
| I-2 | 10/1996 | F | NZ European and Maori | University degree | Nutrition and Food Science | Masters | Dietetics |
| I-3 | 10/1990 | F | NZ European | Masters | Biology | PhD | Gut Microbiome |
| I-4 | 11/1986 | M | NZ European | PhD | Biomedical Science | Undergraduate degree | Medicine |
| I-5 | 02/1989 | F | Irish | Postgraduate diploma | Psychology | PhD | Clinical Psychology |
| I-6 | 06/1989 | F | NZ European | PhD | Psychology | Undergraduate degree | Medicine |
| I-7 | 07/1995 | M | NZ European | Post-school vocational qualification | - | Undergraduate degree | Business Studies |

| | | | | | | | |
|------|---------|---|----------------|--------------------------------------|----------------------------|----------------------|----------------------------|
| I-8 | 01/2000 | M | NZ European | High-school | - | Undergraduate degree | Biology |
| I-9 | 04/2000 | M | NZ European | High-school | - | Undergraduate degree | Communication Design |
| I-10 | 08/1997 | M | NZ European | High-school | - | Undergraduate degree | Communication Design |
| I-11 | 03/1966 | F | American | Honours degree | Design | Masters | Arts Therapy |
| I-12 | 04/2001 | F | NZ European | High-school | - | Undergraduate degree | Science Nutrition |
| I-13 | 06/1996 | F | NZ European | Post-school vocational qualification | - | Undergraduate degree | Economics |
| I-14 | 07/1993 | F | NZ European | Honours degree | Economics | PhD | Economics |
| I-15 | 07/1969 | F | NZ European | Post-school vocational qualification | Sign Language Interpreting | Undergraduate degree | Sign Language Interpreting |

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Quando foi realizada a pergunta, o que você entende por Turismo Sustentável? as respostas variaram, sendo que algumas demonstravam certa insegurança. No entanto, não foram diferentes do que se apresentou na mesma questão, que foi distribuída através de meio eletrônico, na plataforma Qualtrics.

É o turismo que não agride a natureza, e é um turismo mais voltado para Parques, é ... é... essa coisa aqui no Rio, sei lá, Jardim Botânico, Parque Lage, ou visitação em atrativos naturais, do Rio, ou do mundo, né? (E3BR)

Bom, não faço a mínima idéia inicialmente, mas vou supor que turismo sustentável seja um turismo que tenha a preocupa o em manter o equilíbrio da natureza, se auto gerir. Algo nesse campo, suponho que seja isso; que não seja exploratório. Algo nesse campo. Suponho que seja isso; que não seja exploratório. Algo nesse campo. Suponho que seja isso. (E5BR)

So my understanding is that when you're visiting a country, you're not leaving it sort of in a worse state. You sort of are supporting the local communities there and having a better impact for them than if you were to. (I3NZ)

Tourism, oh. Sustainable tourism, would understand it to be tourism where it's in a controlled environment so that it's not causing any damage to the place where the tourists are going, to the country they're going to. So it's kind of respecting their culture and making sure that the environment stays the same with the tourists. (I4NZ)

A diferença neste caso, foi a possibilidade de aprofundar nas perguntas subsequentes, as questões que não estavam tão claras. Na segunda pergunta: Quando você pensa em Turismo Sustentável, quais são os primeiros destinos que vem à sua mente?, surgiram as seguintes respostas:

Olha, eu gosto muito de viajar pra lugares que têm trilha, que têm essa opção de... do contato com a natureza, então aqui no Brasil eu gosto muito de viajar pra Minas, tem uma parte também ali na... em Goiás, na Chapada dos Veadeiros também, eu gosto muito de ir pra lá e fora do Brasil, quando eu vou para algum lugar, eu procuro ir pra aqueles lugares que têm essas opções de contato com a natureza. (E15BR)

Os parques nacionais. Parque Nacional de Itatiaia, as reservas (E13BR).

I'm thinking, I don't know. I think New Zealand actually, because in terms of, we've got a pretty good green reputation around the world, and I know that tourism's our is now our single biggest industry, it's taken over dairy just recently. (I1NZ)

Probably New Zealand. Yeah yeah like you were saying before, I think New Zealand does it really well, and yeah I see it as a cultural thing as well. Like I know my sister is in is in Australia and I think they kind of see tourism a little bit differently. So you've got like Ayers rock and that kind of thing which is a very sacred space culturally yet tourists are allowed walk all over the place as much as I kind of understand from it whereas here in New Zealand part of what brings people in to be interested in seeing a place is the culture around it and the Māori perspective of that place, not just oh this is a nice place to to look at and to visit and to enjoy but also it's got some meaning behind it as well and it's it's yeah there's something extra special about it that we need to protect. (I5NZ)

Algo interessante neste caso, foi a possibilidade de perguntar aos entrevistados se eles realmente conheciam os destinos que estavam citando. Em alguns casos no Brasil, o entrevistado citava Fernando de Noronha, mas ao ser perguntado se conhecia este destino dizia que não. No aprofundamento da entrevista, alguns afirmavam que escolhiam Noronha, pela imagem que tinham, através de revistas e TV e pela característica de controle e monitoramento restrito, que existe na localidade. Vale lembrar, que como uma entrevistada brasileira falou, muitas vezes a dificuldade de acesso, protege a localidade.

Esta inclusive poderia ser uma característica, no que se refere a terceira questão: Quais são as principais características que um destino deve ter para ser considerado como Turismo Sustentável?

I would say that the the cities and systems that the city runs on must work in an in an efficient manner. And there must be not too high rates of crime and poverty, stuff like that. (I7NZ)

I think the destination has to have I'd say at least at least one area where there's either a forest or some sort of forestry that surrounds the area or that kind of is within like a building. Some sort of interior kind of area where there's like a big density of plants

somewhere like a kind of system where there's like a forest that interacts with the building or a space, I think that's one thing. I think another one is probably a a system where they can only use one material, they can't have any plastics or anything that would be they can't have something like that circulating like maybe if they're producing cups or cutlery for people when they're eating food. That's all have to be all recyclable recycled materials and I think there'd probably have to be a a system set in place where the tourist has to agree to a certain way of living almost or they might not be able to be permitted to bring some things in almost like a border security situation. To kind of prevent something coming in in the first place, before realizing that it's in an environment and that kind of accounts for diseases, things like that that can be carried through your body or something like that. (I9NZ)

Hum. Bom. É a manutenção, né? É cíclico. Para você pensar em algo sustentável você tem que pensar em algo que você tá visitando e tem que ser preservado para que o seu neto, seu bisneto consiga também ter essa possibilidade de visitação. Então, assim, são mecanismos, é..., eu acho que de estado, de promover a adequação das normas ambientais, e... até mesmo, de questão do luxo, de reciclagem, isso tudo que pode melhorar. (E16BR)

Nesta questão a reciclagem e o controle e monitoramento aparecem de forma emblemática, sendo que na segunda resposta (I9NZ) também aparece a questão de reciclagem, mas o controle se foca no controle de fronteiras, pois o ecossistema da Nova Zelândia é relativamente frágil, e a falta de cuidado ao levar alimentos ou plantas para o país pode ter efeitos drásticos. Por isso, o controle na chegada ao país é tão restrito.

Quanto a questão: As atividades turísticas devem proteger o meio ambiente local para as gerações futuras?, houve quase uma unanimidade, no entanto as respostas são bastante interessantes.

Sim. É exatamente o que acabei de falar. A gente visita um local e tem uma perspectiva que no futuro você possa ir com os seus netos, mas nem sempre isso pode acontecer. De acordo com a poluição, com o não engajamento da população e dos turistas, isso pode se acabar, então, assim, é triste de você ir num lugar e ver que daqui a uns 30 anos, talvez, não esteja da mesma forma, né?

O que pode acontecer com a Amazônia hoje. Se você vai lá para a Europa hoje, você consegue ter... ver essa diferença, né? Lá está tudo muito bem preservado, as pessoas respeitam o meio ambiente, são pessoas educadas, e aqui no Brasil, particularmente falando, se você vai para as praias do nordeste você vê, a própria população não consegue manter o que tem dentro da região, né? ... de forma sustentável. É bem crítico. (E16BR)

Absolutely, I think so. Because I think the environment's one of those things that you can't get back. I mean to an extent like for example the like I said before The Great barrier Reef, that's gone now, it's on its way out, so they've lost the opportunity to use that and and you could only wreck it once, whereas if you put in the effort to keep it around, it it will be with you forever, and if you sort of, it's great to look at from a tree-hugging perspective, but if you're a businessman, you can look at that and see an infinite sort of infinitely long source of income that you can just continuously use. So it makes sense. I was talking to a mate recently who does commerce and he introduced the idea environmental accounting, where a country includes its environment and resources into its GDP, and if you count those, you can it incentivizes in a monetary way looking after the environment. I guess.

So yeah absolutely, safeguarding the environment is key. (I1NZ)

Os participantes tem a clareza, de que a atratividade dos destinos depende da proteção ao meio ambiente, embora nem todos os governos e empresários tenham o mesmo entendimento, apesar dos benefícios econômicos gerados pelo turismo. Algo que também é interessante em relação aos entrevistados, é que a maioria deles está interessada em experiências de vivência, semelhantes ao que os cidadãos locais tem. E isso, obviamente tem um impacto sobre a distribuição de benefícios econômicos para a coletividade, visto que o turista que vai apenas com o interesse de ir para um *resort* com tudo incluso, dificilmente frequentará as cidades e outras localidades, e seus gastos se concentrarão em dois *players* muito fortes no cenário do fenômeno turístico: As companhias de aviação e os grandes grupos hoteleiros. Quando se pergunta: Você acha que o turismo é benéfico para a economia local?

Definitely yeah, tourism throughout the world I guess brings in a lot of economic benefits for local cultures and populations. Yeah definitely. (I2NZ)

Yeah definitely. I think as long as it's controlled, and it isn't you know just a sole you know they can just take as much people in as they want to make as much money but I think it's definitely beneficial for creating jobs and and making money yeah. (I4NZ)

: Sim. Ele muda a cidade, né? Por exemplo, o Beto Carrero, teve um incentivo pra estar ali naquela região em Santa Catarina e a região no entorno não tem nada, só o Beto Carrero, então as pessoas, elas se beneficiam de empregos e outras formas de renda a partir do turismo ali naquela região, e agora tá... a família tá pensando em vender, né, o Beto Carrero, porque eu acho que o incentivo vai acabar e eu fiquei pensando o quê que seria daquela região, porque é um nada com o Beto Carrero no meio e uma cidadezinha, então com certeza o turismo beneficia. (E13BR)

A preocupação da entrevistada E13BR é legítima, pois a cadeia de valor no turismo é muito grande, e alguns destinos vivem em função destes atrativos maiores. Embora o perfil do consumidor de produtos turísticos venha mudando em todo o mundo. A ascensão da AIRBnB é um exemplo disso, pois o turista compartilha da vida comunitária da cidade de uma forma mais próxima. E isso pode gerar impactos negativos, como por exemplo acontece atualmente em Portugal. Conhecendo o país, desde os anos 90 e tendo a cidadania portuguesa, pude observar o impacto do AIRBnB na vida social de Portugal, e posso atestar que existem impactos negativos, como o aumento no preço do aluguel e no custo de vida, mas também gerou um grande número de empregos e renda para o estado e as famílias, visto que muitas delas colocam um quarto para alugar, com o intuito de reforçar o orçamento. É uma questão complexa que merece um debate mais aprofundado, mas quando foi perguntado na pesquisa: Sua qualidade de vida é impactada negativamente pelos turistas?

Muitos participantes no Brasil responderam que não, mas ao se perguntar se conheciam alguém, a grande maioria respondeu que sim, como pode ser visto abaixo:

Conheço. Conheço pessoas em Portugal que tem a vida impactada negativamente pelo turismo. Pessoas que moram perto do Castelo de São Jorge, por exemplo, uma amiga minha... e ela fala que a partir de maio, perto da casa dela, é insuportável ir para o mercado, porque está muito cheio de turistas, fila para tudo, as ruas estão cheias, então, eu vejo muita reclamação em Portugal, com relação a isso, de turismo estar impactando negativamente a vida das pessoas, mas no Brasil, na minha vivência no Rio de Janeiro, ainda não tive nenhuma experiência negativa. (E8BR)

No no no. I've had pretty positive experience with tourists. Yep. (I7NZ)

No it's not actually I haven't had any interaction with tourists really in my life on like a big scale. But no I haven't I don't think it has, no I'm maybe in some ways to do with tax maybe, maybe that kind of flows into maybe we would be paying tax for certain things to be built for tourists when they come into the country and that could maybe affect how much we pay the government in our income. But that's more of a family issue so personally it hasn't affected me, no. (I9NZ)

Na Nova Zelândia os respondentes também não fizeram nenhuma reclamação expressiva, embora exista a questão do lixo gerado pelos turistas e alguns acidentes de trânsito em função da mão inglesa. Provavelmente, estas são as maiores reclamações em relação aos turistas, pois os benefícios econômicos são maiores do que os impactos negativos.

Na questão 7, você acha que as decisões relacionadas ao turismo devem envolver consultas com as comunidades locais?, houve uma série de respostas positivas como pode ser vista abaixo:

I think they should. I think I think there should be a connection between the government and the community. There should I mean that's I think that's brought together by the council I think. They deal with community and government interlinking situations and they they kind of they manage the community and the government at the same time so they have some sort of a ground level that they can agree on things. But there should definitely be because it's in reality it's the community's the community's local land that the tourists want to be in so there's always going to have to be I think yeah some consultation yeah. (I9NZ)

Muita, muita consulta, porque são os mais impactados que estão ali o dia inteiro, o ano inteiro, né? O turista vai um fim de semana ou em determinado mês e às vezes a comunidade local é roubada ali por conta do potencial econômico que o turista tem, então às vezes o debate, né, o que faz parte da agenda pública tá mais focado nos retornos financeiros, então o turista que pode pagar em outras moedas mais valorizadas, enquanto que a comunidade local, ela acaba sendo esquecida e às vezes até roubada por esses planos de governo que focam no que é rentável. (E13BR)

Na Nova Zelândia, principalmente em pequenas cidades, as comunidades são muito participativas, e é observável que há grande integração entre o estado, as universidades, as

empresas e as comunidades ou com a sociedade civil organizada. E isso se deve a um planejamento de longo prazo, que começou na década de 80. Nos anos 2000 foram observados grandes avanços, o que pude observar *in loco*.

Na oitava pergunta: A indústria do turismo deve planejar para o futuro?

Yes absolutely. It should it should. It is with expanding access to different places in the world it it should be very big and we should plan for allowing more people to come to places like New Zealand and to house them to plan for future it'd be definitely good. (I8NZ)

Nesta pergunta, foi obtida uma resposta monossilábica, o que aconteceu também em algumas outras entrevistas. Então após o sim, foi perguntado se hoje em dia a indústria do turismo planeja para o futuro, e a resposta foi a seguinte:

Não, também não. Acho que ela pensa muito no imediatismo. Assim, tem mudado, né? A gente tem visto algumas posturas, só que essas posturas pra geração de conforto ambiental, socioambiental, às vezes eu acho que elas querem é maquiagem alguma coisa, né? Elas querem mesmo é trazer pra si um benefício, “ah, eu vou trazer os turistas que são de consumo verde”, porque tem muito... porque hoje o cliente está mais exigente, né? Então ele quer alguma coisa, “ah, não, eu vou ali porque aquele hotel é feito de palha”, aí ele vem pra isso, mas por trás disso acho que tem outras coisas, eu acho que deveria melhorar nesse sentido. (E12BR)

Quando se pergunta se o turismo sustentável, no Brasil / Nova Zelândia, está bem desenvolvido, obtém-se mais respostas positivas na Nova Zelândia.

Yeah I think that people want to have tourism that is sustainable and we want to keep New Zealand sort of how it is, not we don't want it to change too much from being like having a green image and having lots of plant life and trees and stuff like that. (I7NZ).

Além da percepção que o turismo sustentável é bem desenvolvido e amplamente adotado, alguns entrevistados afirmaram que os habitantes do país compartilham de valores sobre a sustentabilidade e tem orgulho de serem vistos assim. No Brasil, a visão é bem diferente, apesar de termos um patrimônio natural privilegiado, e a Organização Mundial do Turismo ter estimulado a adoção do Turismo Sustentável em todo o mundo, nossa realidade não é positiva, como pode ser percebido abaixo:

Não. Muito incipiente, exceto como te falei. Acho que Bonito, está assim num estágio... Acho que Fernando de Noronha tem algum desenvolvimento. Não conheço outros destinos agora, mas esses dois eu posso falar porque fiz visita em loco, então, mas ainda assim eu acho que são destinos que constantemente precisam reavaliar as

suas próprias políticas. Eu estou falando de alguns anos atrás. Eu não poderia te dizer com relação a hoje.(E4BR)

Não. Tanto que eu não sei nem explicar o quê que é turismo sustentável. Se tivesse bem desenvolvido e bem avançado e bem implementado, talvez a gente que é turista, igual eu que sou turista dentro do Brasil, eu deveria saber com mais certeza quê que é turismo sustentável. Que eu posso dizer até que eu... eu viajo bem pelo Brasil, já fui a vários estados, vários parques, não sei explicar com certeza, com clareza o que é um turismo sustentável. E eu acho que pela destruição do meio ambiente que vem ocorrendo não dá pra dizer que tá sendo... que tá bem desenvolvido, pelo contrário, né? (E9BR)

Muitos respondents, no Brasil, afirmaram que nem o turismo tradicional está bem desenvolvido, e apontaram uma série de barreiras para o crescimento deste setor no Brasil. Uma delas é uma expressiva lacuna de formação para profissionais do setor, e a outra o alto nível de informalidade. Além disso, apesar da maioria dos respondents, nos dois países, atestarem que o ambiente natural é um element essencial para atrair turistas, no Brasil, os fatos mais recentes, como a alta taxa de incêndios na Floresta Amazônica, e a poluição resultante de um grande vazamento de óleo, ainda não identificado, reforçam as falas dos participantes, de que temos um grande patrimônio natural que está sendo perdido, assim como o patrimônio cultural e histórico.

Quanto as oportunidades de emprego geradas, também há uma certa dúvida no Brasil, como pode ser visto na seguinte resposta:

É... então, depende, né? De como essa comunidade local é inserida nesse processo aí, de desenvolvimento do turismo. Se a comunidade local realmente estiver participando desse processo turístico numa cidade e tal... sim, é benéfico, é uma oportunidade, né? Sim. (E8BR).

Esta dúvida é muito menor na Nova Zelândia, pois há uma crença muito forte que o turismo traz muitos trabalhos para o país, e que boa parte é de empregos qualificados, o que ocorre é uma incerteza sobre o número de empregados que trabalha o ano todo, em lugares, que devido ao clima, tem muita sazonalidade.

Yeah yeah no they definitely bring jobs to areas and I think tourism is one of our biggest industries, so it's very obvious to see that it has a a good impact on local community employment. (I3NZ)

A pergunta seguinte tem relação com a anterior, e um dos entrevistados na Nova Zelândia é filho de um dono de um pequeno hotel, e ficou claro que existem estímulos para o empreendedorismo e o desenvolvimento de atividades turísticas nas comunidades locais, embora não seja uma realidade global.

Yeah. I think the hard thing is is you they might not have enough money to kind of compete against some big bigger names. But if more support is there to help get them started I think that should be prioritized over larger companies coming in and buying the land and being like we're going to turn this into a hotel resort you know, just because they have more money it doesn't seem fair. (I3NZ).

Alguns entrevistados defendem que deveria existir mais estímulo para esses empreendedores. No Brasil, também se defende esta tese, no entanto, algumas falas alertam que deveria haver uma melhor formação, antes do desenvolvimento deste tipo de empreendimento.

Sim. Eles deveriam ter um treinamento. E o tempo todo!
 Todo mundo que quisesse se preparar, porque para receber turista você tem que saber o idioma do turista; você tem que ter... promover a empatia; tem que ter educação, até mesmo pra tratar a questão da sustentabilidade; de vender um produto. Você vender um alimento, e ter um descarte certo para esses produtos e alimentos, e com isso o turista está vendo que isso é possível, né? (E16BR)

Quando os participantes foram questionados sobre o comportamento dos turistas, a maioria afirmou que os turistas tem um bom comportamento, no entanto existem algumas particularidades que preocupam entrevistados nos dois países:

Olha. Eu particularmente ... pessoalmente, assim, nunca... não acho que os turistas que vem para o Rio... nunca me senti importunada, nem nada disso.
 Mas sei muito que o turismo no Rio e no Brasil, como um todo, pessoas de fora vem, por exemplo, para práticas de turismo que eu abomino, por exemplo, turismo sexual, coisas assim, então para mim... Sei que o turismo, no Brasil ainda é muito pautado por essas práticas que não são tão legais assim. Mas eu particularmente não vejo nenhuma coisa negativa dos turistas que vem para cá. (E8BR)

Oh yeah I mentioned that earlier so the backpackers on my street can get not all the time but every now and then they get loud it may be because of the quality of the backpackers because I live on like a a dodgy street. So the the tourists that I come across you know late at night and things like that tend to be drinking a lot or smoking a lot of marijuana. But the ones that I see kind of out on the rest of the CBD seem to be really lovely so they're well-dressed, well-behaved I suppose the recent news story of the the Liverpool family kind of got moving through the country. (I14NZ)

A preocupação com o turismo sexual no Brasil é muito grande, assim como a violência e o uso de drogas, que também incomodam os moradores de Auckland (NZ). Esta parece ser uma preocupação mundial, no entanto a questão do turismo sexual é muito emblemática para o Brasil, pois afetam significamente a marca Brasil, como destino turístico, desvalorizando a mesma, e trazendo uma insatisfação muito evidente para os brasileiros. Estes são fatos importantes, pois são impactos negativos que podem interferir na hospitalidade e na atitude pró – turismo.

Na última pergunta: Quais são os principais critérios para escolher um destino turístico?

Upkeep of the destination you know if it's tidy and clean to the extent that it can be obviously in the level of respect that the community puts into it because I think the

more that a community respects a place the more tourists are going to respect a place. (I13NZ)

É a questão da natureza mesmo. Eu conheço 41 países, né? E assim, todos eles eu procuro sempre ir pra... por mais que eu vá pra uma cidade, vamos dizer assim, tradicional da Europa, eu procuro fazer não aqueles pontos turísticos tradicionais, vou pra Paris, eu procuro ver a parte de natureza, o ecossistema de Paris, fazer trilha. A minha viagem é pra esse tipo de coisa. (E15BR)

Ah. Eu acho que ... enfim ... eu gosto muito de viajar para a natureza, então eu acho que a primeira coisa que eu vejo é quais são as minhas opções de atividades, né? Seja de trilha, enfim... As belezas naturais do lugar... é uma das principais coisas que eu procuro. A questão da cultura também... o que eu posso fazer de cultural naquela cidade, naquele lugar. É...depende muito do tipo de viagem também, né? Tem viagens que eu, às vezes, quero ficar hospedada num lugar um pouco mais legal. Então, depende muito do tipo de viagem que estou fazendo. Procuro sempre AIRNNB, por exemplo, é uma coisa que sempre procuro nos lugares que eu vou.(E8BR)

As respostas predominantes envolvem a natureza, a hospitalidade e o respeito pelos turistas e pelas comunidades locais. Considerando que os consumidores estão cada vez mais conscientes, espera-se que comportamentos de premiação e punição aconteçam mais, embora muitas vezes, seja observada uma série de ambivalências nas próprias entrevistas. Um exemplo disso, é o excesso de barcos turísticos fazendo passeios na Ilha Grande. Segundo a entrevistada E16BR: “São muitos barcos fazendo um turismo meio que desgovernado. Não tem controle do estado, do governo, né?”, ou seja, a entrevistada percebe que apesar do destino ser considerado como sustentável, e os consumidores teoricamente serem mais conscientes, as velhas práticas continuam acontecendo.

6 CONCLUSÕES

Esta pesquisa faz contribuição significativa para o campo do Turismo Sustentável, tanto na área teórica, quanto na aplicada. Os resultados visam contribuir com programas educativos, práticas gerenciais e políticas públicas, e para atingir estes resultados, foi realizada uma pesquisa com abordagem mista (quali-quantitativa), com triangulação de evidências.

A comparação das RS do TS entre universitários no Brasil e na Nova Zelândia indica fatores culturais, crenças e sentimentos, sendo necessário que se considere o que é oferecido em termos educacionais e culturais nos dois países.

No Brasil há um maior número de categorias, e as dimensões mais representativas são, em ordem decrescente, a “Sustentabilidade Ambiental”, o “Planejamento de Longo Prazo”, e os “Benefícios Econômicos Percebidos”. Isso não quer dizer que o país está bem nessas dimensões, apenas representa as dimensões que os participantes valorizaram mais, ou consideraram as mais importantes, pois apresentaram as maiores médias.

Na Nova Zelândia, a dimensão com a maior média é o “Planejamento de Longo Prazo”, seguido da “Sustentabilidade Ambiental”, e da dimensão “Garantindo a satisfação do visitante”.

Quanto as Representações Sociais do Turismo Sustentável, os resultados demonstram que as cinco categorias mais expressivas no Brasil foram “Turismo que gera o menor impacto possível” (24,7%), “Turismo responsável” (19,2%), “Proteção e desenvolvimento da comunidade local” (16,3%), “Turismo orientado para o futuro” (11,5%) e “Turismo Harmônico” (5,5%). Estas cinco categorias representam 77% da frequência total, e portanto são bastante significativas.

O “Turismo que gera o menor impacto possível” (30,8%), também foi o com maior frequência na Nova Zelândia, no entanto a partir deste ponto a ordem diverge. A segunda categoria com maior frequência é o “Turismo orientado para o futuro” (11,2%), a terceira é “Turismo que gera benefício econômico para a coletividade” (8,4%), a quarta e a quinta tem a mesma frequência, e são as categorias “Turismo Harmônico” e “Turismo que gera benefícios ao meio ambiente” (5,6%). O conjunto destas cinco categorias corresponde a 62% da frequência total, e o entendimento das mesmas colabora com o entendimento das visões sobre o turismo sustentável nos dois países.

A identificação dos destinos também segue esta lógica. No entanto, uma questão norteadora que baliza esta pesquisa é em síntese, identificar impactos positivos, o que pode ser atestado nos objetivos específicos três e quatro. Como pode ser visto as médias da maioria das

dimensões são altas, e as a análise das entrevistas também indicam uma atitude pró – turismo, nos dois países. Este resultado demonstra, que para a maioria dos participantes, os impactos positivos são maiores do que os negativos. Como muitos impactos positivos e negativos foram identificados, espera-se desta forma, que se elaborem ações para diminuir os impactos negativos e ampliar os impactos positivos, dando voz aos turistas e cidadãos.

Uma preocupação que apareceu com frequência nas entrevistas realizadas com participantes no Brasil é o risco potencial de aumento nos impactos negativos relacionados ao turismo, principalmente no que se refere as questões ambientais e sociais. O Turismo Sexual é uma preocupação constante, que aparece em muitos discursos. Neste sentido, alguns entrevistados enfatizaram a questão moral e a desvalorização da imagem do Brasil no exterior.

Esta questão faz parte da agenda do Ministério do Turismo, bem como de outros órgãos da Administração Pública. Além disso, o custo de vida e a gentrificação, também são preocupações relacionadas ao aumento do turismo, pois alguns entrevistados acreditam que o custo de vida tem aumentado por causa dos turistas e que os centros urbanos tem sido revitalizados, com o intuito de atender este público, deslocando as comunidades menos favorecidas para localizações mais periféricas.

Na Nova Zelândia, também há uma problemática habitacional, principalmente em Auckland, no entanto, a maior parte dos entrevistados não atribuiu o aumento do custo de vida ao turismo. A perspectiva do turismo como receita é muito mais evidente no discurso dos participantes, que vem a atividade como fonte de renda e empregos, embora alguns questionem a qualidade dos empregos gerados.

Uma outra reclamação dos participantes entrevistados em Auckland diz respeito ao número de acidentes que acontecem no país envolvendo turistas. Muitos testemunharam turistas dirigindo na contramão, ou atravessando as ruas sem a atenção devida, em face da legislação de trânsito da Nova Zelândia seguir a mão inglesa, ou seja o sentido de circulação do trânsito é o oposto ao nosso, e muitos condutores, inclusive brasileiros, tem lapsos temporais, que algumas vezes provocam acidentes.

Quanto a este fato, os entrevistados demonstraram ter boa compreensão do que ocorre, embora possa haver uma mudança de postura, o que poderia se reverter em restrições para que turistas estrangeiros possam conduzir veículos no país.

No momento há uma mobilização em muitos destinos do país para proibir o acampamento grátis (*free camping*), pois segundo a maioria dos entrevistados gera impactos negativos desagradáveis, como o aumento da sujeira nestes locais.

Estas preocupações são pertinentes e devem ser consideradas por todos os envolvidos com a gestão do turismo, em especial os que estão ligados as políticas públicas, pois os impactos negativos percebidos podem se ampliar e a tolerância aos turistas pode diminuir, como visto em Maya Bay (Tailândia), onde as autoridades decidiram fechar o destino turístico por tempo indeterminado.

O fechamento do destino é o ápice do que pode acontecer ao destino turístico, no entanto, outros fatores costumam acontecer anteriormente. A diminuição da hospitalidade e até a hostilidade aos turistas costumam acontecer quando os governos, os empresários e a sociedade civil não conseguem gerenciar o interesse de todos os envolvidos adequadamente.

O poder público, neste caso, deve impor restrições as atividades. Aliás, deve desenvolver políticas públicas, alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU, e as melhores práticas em Turismo Sustentável.

E os Estudos de Competitividade no Turismo contemplam as questões de sustentabilidade, no seu espectro mais amplo, o que considera a cidadania, tratamento de esgoto, o patrimônio histórico cultural, entre outros. Considerando o aspecto de cidadania é válido ressaltar que o ODS 11 promove as cidades e comunidades sustentáveis, e estas se configuram como diferencial competitivo para destinos turísticos. Logo, os resultados encontrados neste estudo fornecem subsídios para Gestores Públicos, empreendedores e acadêmicos. A perspectiva da dicotomia turista – cidadão se mostra cada vez mais teórica, pois muitos entrevistados afirmaram que a cidade que é boa para o turista, também é boa para o cidadão. Nesta lógica, também demonstraram que quando viajam desejam ter experiências próximas das vivências do morador do local.

Esta parece ser uma tendência de consumo mais consciente e engajado, o que aparece na fala dos respondentes desta pesquisa como o consumo verde. Desta forma, fica evidente que turismólogos e operadores do turismo precisam atender as demandas deste público, e da própria sociedade. E este estudo colabora com algumas evidências para tal tipo de adaptação e desenvolvimento.

Além disso, esta tese busca contribuir metodologicamente com novos estudos comparativos entre países, especialmente nos que utilizam metodologia quali-quantitativa.

Como limitação desta pesquisa, foi identificada que poderia ter sido realizado um estudo sobre a forma como a imagem dos dois países é vinculada nas mídias, pois ficou claro que muitos respondentes citaram destinos sustentáveis que não conhecem pessoalmente.

Esta é uma das propostas de estudos futuros, pois a Nova Zelândia fez um plano de marketing, que em poucas décadas colocou a sua marca globalmente. E esta imagem construída e veiculada frequentemente nas mídias tem impacto na construção de crenças e na imagem do país. Uma outra proposta de estudo futuro é realizar um estudo comparativo Brasil – Portugal, pois as aproximações culturais, facilitam a análise dos fenômenos, e além disso, Portugal, atualmente é um grande exemplo de sucesso no setor turístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAL - Associação Brasileira do Alumínio - Reciclagem no Brasil. Disponível em: <http://abal.org.br/sustentabilidade/reciclagem/reciclagem-no-brasil/>. Acesso em: 09 de janeiro de 2018.

ABRAMOVAY, Ricardo. Desenvolvimento sustentável: qual a estratégia para o Brasil?. **Novos estudos-CEBRAP**, n. 87, p. 97-113, 2010.

ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teoria de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, nº117, São Paulo, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**.3ª.ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAT Institute – BAT Leisure Research, 1993. Disponível em: [HTTP://WWW.STIFTUNGFUERZUKUNFTSFRAGEN.DE/EN/NEWSLETTER-FORSCHUNG-AKTUELL/107/#C1360](http://www.stiftungfuerzukunftsfraegen.de/en/newsletter-forschung-aktuell/107/#C1360). Acesso em: 05 de jan. de 2018.

BAUER, MARTIN. **Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão**. In: BAUER, MARTIN; GASKELL, George (Ed.). Pesquisas Qualitativas com Texto, Imagem e Som: um manual prático para a Pesquisa Social. SAGE, 2000.

BENI, Mário Carlos. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. Aleph, 2004.

BERG, Bruce. **Methods for the Social Sciences. Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. Boston: PEARSON EDUCATION, 2004.

BERG, Lawrence D.; KEARNS, Robin A. Naming as norming: ‘race’, gender, and the identity politics of naming places in Aotearoa/New Zealand. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 14, n. 1, p. 99-122, 1996.

BERKES, Fikret; COLDING, Johan; FOLKE, Carl. **Navigating Social Ecological Systems – Building Resilience for Complexity and Change**. Cambridge, UK, 2003.

BOAVA, Diego; GOMES, Bruno; CRUZ, Cíntia. **Perspectivas Turísticas de Ouro Preto em uma Época de Transformações**. In: BAHL, Miguel (org.). Perspectivas do Turismo na Sociedade Pós- Industrial. São Paulo: ROCA, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, v. 13, 2008.

- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRAMWELL, Bill; HIGHAM, James; LANE, Bernard; MILLER, Graham. Twenty-five years of sustainable tourism and the Journal of Sustainable Tourism: looking back and moving forward. **Journal of Sustainable Tourism**, 2016.
- BUCKLEY, Ralf. Sustainable tourism: Research and reality. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 2, p. 528-546, 2012.
- BUTLER, Richard W. Sustainable tourism: A state-of-the-art review. **Tourism geographies**, v. 1, n. 1, p. 7-25, 1999.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes *et al.* Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, 2004.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Considerações sobre o conceito de turismo sustentável. **Formação (Online)**, v. 1, n. 16, 2009.
- CAPES. Catálogo de Dissertações e Teses CAPES. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> Acesso em: 7 de jan. de 2018.
- CARDOSO, Clara; CARVALHO, Emerson; SILVA, Luciana. Representações Sociais dos Estudantes do Ensino Básico no Desenvolvimento Turístico da Cidade de Bonito (MS). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.7, nº 3, ago/out 2014, pp. 602-617.
- CARRIERI, Alexandre. Organizações e Meio Ambiente: Mudança Cultural. In: Miguel Pina e Cunha; Suzana Braga Rodrigues. (Org.).Manual de Estudos Organizacionais. 1ed. Lisboa: RH Editora, 2002, v.1, p.355-372.
- CASTILLO NECHAR, Marcelino ; LOZANO CORTÉS, Maribel . **Apuntes para la investigación turística**. México, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=4WVL9119CqEC&oi=fnd&pg=PP4&dq=Castillo+Nechar+e+Lozano+Cort%C3%A9z&ots=BjyZCe5j8k&sig=oedk83E-xW-vMIMx4kLogMsCzHs#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 12 fev. 2018.
- CAVAZZA, Nicoletta. **Psicologia das atitudes e das opiniões**. Edicoes Loyola, 2008.
- CAZALS-FERRÉ, Marie; ROSSI, Patricia. *Psicologia: Elementos de Psicologia Social*. Porto: Porto Editora, 2007.

CONNELL, Joanne; PAGE, Stephen J.; BENTLEY, Tim. Towards sustainable tourism planning in New Zealand: Monitoring local government planning under the Resource Management Act. **Tourism Management**, v. 30, n. 6, p. 867-877, 2009.

CORIOLOANO, Luzia, LEITÃO, Cláudia, VASCONCELOS, Fábio.. Turismo, cultura e desenvolvimento na escala humana. In: Maria Laetitia Corrêa, Solange Maria Pimenta, Jorge Renato Arndt (Org.). Turismo, Sustentabilidade e Meio Ambiente: contradições e convergências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p.. 29-48.

CRAIG, John L. Science and sustainable development in New Zealand. **Journal of the Royal Society of New Zealand**, v. 34, n. 1, p. 9-22, 2004.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. **Pesquisa de Métodos Mistos-: Série Métodos de Pesquisa**. 2ªed. Penso Editora, 2013.

DIAS, Genebaldo Freire. Antropoceno: Iniciação à temática ambiental. **São Paulo: Editora Gaia**, 2002.

DICKINSON, Janet ; ROBBINS, Derek. Using the car in a fragile rural tourist destination: a social representations perspective. **Journal of Transport Geography**, v. 15, n. 2, p. 116-126, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos S. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. **São Paulo em perspectiva**, v. 6, n. 1-2, p. 22-29, 1992.

DIEGUES, Antonio; MOREIRA, André (org.) – Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. NUPAUB/LATROP, 2001.

DUVEEN, Gerard; MOSCOVICI, S. O poder das idéias (Introdução) In: **MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

EPI - *Environmental Performance*. Disponível em: <https://epi.envirocenter.yale.edu/>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

FEENY, David et alii – A tragédia dos comuns: vinte e dois anos depois. In: DIEGUES, A.C; MOREIRA, A.C.C (org.). Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. NUPAUB/LATROP, 2001, pp: 17-42.

FERRARI, Cibele, GUEDES. A contribuição da teoria das representações sociais para o estudo do patrimônio cultural—o exemplo da Ilha da Rita/SC. **Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, p. 1-18, 2012.

FERREIRA, Fabiola; BOMFIM, Zulmira. Sustentabilidade Ambiental: visão antropocêntrica ou biocêntrica?. **Ambientalmente sustentável: Revista científica galego-lusófona de educación ambiental**, n. 9, p. 37-51, 2010.

FERRETTI, Eliane Regina. **Turismo e meio ambiente: uma abordagem integrada**. Roca, 2002.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

FRAGA, Pauline. **Atitude do Consumidor: o caminho para a persuasão**. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2007.

FRAME, Bob; NEWTON, Bronwyn. Promoting sustainability through social marketing: examples from New Zealand. **International Journal of Consumer Studies**, v. 31, n. 6, p. 571-581, 2007.

GAVORA, Peter. The state-of-the-art of content analysis. **Education Sciences**, v. 1, p. 6-18, 2015.

GEE, Chuck Y.; FAYOS-SOLÁ, Eduardo (orgs). Turismo internacional: uma perspectiva global. **Organização Mundial do Turismo**. 2.ed. – Porto Alegre, 2003.

GEHLEN, Ivaldo.; RIELLA, Alberto. Dinâmicas territoriais e desenvolvimento sustentável. **Sociologias**, n. 11, p. 20-26, 2004.

GOMES, Romeu. A **análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia social e representações sociais: avanços e novas articulações. **Psicologia do cotidiano: representações sociais em ação**, p. 17-40, 2007.

GUIMARÃES, Roberto; FONTOURA, Yuna. Rio+ 20 ou Rio-20?: crônica de um fracasso anunciado. **Ambiente & Sociedade**, v. 15, n. 3, p. 19-39, 2012.

HARDIN, Garrett. The tragedy of the commons. **Science**, v. 162, pp. 1241-1248, 1968.

HARDY, Anne; BEETON, Robert JS; PEARSON, Leonie. Sustainable tourism: An overview of the concept and its position in relation to conceptualisations of tourism. **Journal of sustainable tourism**, v. 10, n. 6, p. 475-496, 2002.

HELLIWELL, John F.; HUANG, Haifang; WANG, Shun. The Social Foundations of World Happiness. In: HELLIWELL, John; LAYARD, Richard; SACHS, Jeffrey. World Happiness Report 2017. New York, NY (USA): Sustainable Development Solutions Network. 2017. Disponível em: <http://worldhappiness.report/wp-content/uploads/sites/2/2017/03/HR17.pdf>. Acesso em: 09 de fev. de 2018.

HOCKENBURY, Don ; HOCKENBURY, Sandra .**Descobrimos a psicologia**. 2ª Ed.. Barueri: Editora Manole, 2003.

HOERNER, Jean-Michel. **Geopolítica do turismo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

HSIEH, Hsiu-Fang; SHANNON, Sarah E. Three approaches to qualitative content analysis. **Qualitative health research**, v. 15, n. 9, p. 1277-1288, 2005.

HUGHEY, Kenneth FD; TAIT, Susannah V.; O'CONNELL, Michael J. Qualitative evaluation of three 'environmental management systems' in the New Zealand wine industry. **Journal of Cleaner Production**, v. 13, n. 12, p. 1175-1187, 2005.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO E BIODIVERSIDADE (ICMBIO). Turismo Sustentável. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/cairucu/visitacao/turismo-sustentavel.html>. Acesso em: 14 de jan. de 2018.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4ª.ed.atual.- Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JOVCHELOVICH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho, JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

KOH, Edward; FAKFARE, Pipatpong. Overcoming “over-tourism”: the closure of Maya Bay. *International Journal of Tourism Cities*, 2019.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do Lazer e das Viagens*. 3.ed. São Paulo: ALEPH, 2012.

KRIPPENDORFF, Klaus. An examination of content analysis: A proposal for a general framework and an information calculus for message analytic situations. Doct.Diss. Urbana University of Illinois, 1967.

_____. **Content Analysis: An Introduction to its Methodology**. SAGE, 2004.

LAI, Po-Hsin; HSU, Yi-Chung; WEARING, Stephen. A social representation approach to facilitating adaptive co-management in mountain destinations managed for conservation and recreation. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 24, n. 2, p. 227-244, 2015.

LATOUR, Bruno. **Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia**. Tradução: Carlos Aurélio Mota de Souza – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa – Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. 2.ed. Caxias do Sul – RS: EDUCS, 2005.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes**. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *Epistemologia Ambiental*. 5.ed.. São Paulo: Cortez, 2002.

LEMONS, Leandro Antônio. **O valor turístico na economia da sustentabilidade**. Aleph, 2005.

LU, Jiaying; NEPAL, Sanjay K. Sustainable tourism research: An analysis of papers published in the Journal of Sustainable Tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 17, n. 1, p. 5-16, 2009.

LOUREIRO, Carlos. *Educação Ambiental e Gestão Participativa na Explicitação e Resolução de Conflitos*. **Gestão em Ação**, Salvador, v.7, n.1, jan./abr. 2004.

MARUYAMA, Naho; WOOSNAM, Kyle M.; BOLEY, B. Bynum. Residents' attitudes toward ethnic neighborhood tourism (ENT): perspectives of ethnicity and empowerment. **Tourism Geographies**, v. 19, n. 2, p. 265-286, 2017.

MAYRING, Philipp. Qualitative Content Analysis. Forum Qual. Sozialforschung Forum Qual. Soc. Res.[Internet], v. 1, 2000.

_____. Qualitative content analysis: theoretical foundation, basic procedures and software solution. 2014.

MAZON, R.. *Caderno Acadêmico*, in: SCHARF, Regina. **Manual de Negócios Sustentáveis**. SP: Amigos da Terra – Amazônia Brasileira; Fundação Getúlio Vargas; Centro de Estudos em Sustentabilidade, 2004.

MENEZES, Elaine. Epistemologia, Gestão e Meio Ambiente: Contribuições, Conceitos e Premissas da Abordagem do Desenvolvimento Territorial Sustentável. In: I Colóquio Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração. Florianópolis, 2011.

MINAYO, Maria Cecília S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.) *Textos em Representações Sociais*. 10ª Ed. **Petrópolis: Vozes**, 2008.

MTUR. Ministério do Turismo. **Estatísticas Básicas do Turismo**. Brasília: MTur, 2015. Disponível

em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/estatisticas_indicadores/estatisticas_basicas_turismo/>. Acesso em: 23 de agosto de 2016.

_____. **Anuário Estatístico**. Brasília: MTur, 2015. Disponível

em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/anuario/>>. Acesso em: 23 de agosto de 2016.

_____. **Anuário Estatístico**. Brasília: MTur, 2016. Disponível

em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/anuario/>>. Acesso em: 23 de agosto de 2016.

MONTEERRUBIO, J. Carlos; ANDRIOTIS, Konstantinos. Social representations and community attitudes towards spring breakers. **Tourism Geographies**, v. 16, n. 2, p. 288-302, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Natureza: Para Pensar a Ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007B.

NASCIMENTO-SCHÜLZE, Clélia Maria. Representações sociais da natureza e do meio ambiente. **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, p. 67-81, 2000.

NEATH - NÚCLEO, DE ESTUDOS AVANÇADOS EM TURISMO E HOTELARIA. Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo. NEATH/EBAPE – FGV, 2015.

NOBRE, Marcos. ; AMAZONAS, Maurício. **Desenvolvimento Sustentável: a institucionalização de um conceito**. Brasília: Ed. Ibama, 2002.

OLIVEIRA, Gesner; MORGADO, Marcelo. Sustentabilidade e estratégia empresarial no Brasil: aspectos da experiência recente da Sabesp. In: ZYLBERSZTAJN, David; LINS, Clarissa. **Sustentabilidade e geração de valor**. Elsevier Brasil, 2012.

OCDE - ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Country Statistical Profiles. Disponível em: http://www.oecd-ilibrary.org/economics/country-statistical-profiles-key-tables-from-oecd_20752288. Acesso em: 11 de jan. de 2018.

OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Panorama Del Turismo Internacional*, Edición 2016. Madri, España, Organización Mundial Del Turismo, 2016.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU declara 2017 o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-declara-2017-o-ano-internacional-do-turismo-sustentavel-para-o-desenvolvimento/> Acesso em: 05 de fev. de 2018.

PACKER, Jan; BALLANTYNE, Roy; HUGHES, Karen. Chinese and Australian tourists' attitudes to nature, animals and environmental issues: Implications for the design of nature-based tourism experiences. **Tourism Management**, v. 44, p. 101-107, 2014.

PASQUALI, Luiz. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação**. 3.ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2009.

PEARCE, John; MOSCARDO, Gianna. Social representations of tourist selfies: New challenges for sustainable tourism. 2015.

PEREIRA, Francisco. Representação Social do Empresário. 1ª edição. Lisboa: Edições Silabo, 2001.

PEREZ, Amparo (org.). Introdução à Metodologia da Pesquisa em Turismo. São Paulo: ROCA, 2005.

PISCOPO, Marcos; KNISS, Cláudia; MARTINS, Cibele; BIANCOLINO, César. O SETOR BRASILEIRO DE TURISMO: EVOLUÇÃO, SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS FUTURAS/BRAZILIAN TOURISM SECTOR: EVOLUTION, CURRENT SITUATION AND FUTURE OUTLOOK. **Podium**, v. 4, n. 1, p. 1, 2015.

PBMC, 2016: Mudanças Climáticas e Cidades. **Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas** [Ribeiro, S.K., Santos, A.S. (Eds.)]. PBMC, COPPE – UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil. 116p. ISBN: 978-85-285-0344-9.

QUARESMA JÚNIOR, Edson, ICHIKAWA, Elisa. O “NOVO” DISPOSITIVO DA SUSTENTABILIDADE. Anais do III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração. Florianópolis- SC, 2013.

REJOWSKI, Miriam; SOLHA, Karina. Turismo em um Cenário de Mudanças. In: REJOWSKI, Mirian (org.). Turismo no percurso do tempo. **São Paulo: Aleph**, v. 157, 2002.

RIBEIRO, Manuel Alector et al. Residents' attitudes and the adoption of pro-tourism behaviours: The case of developing island countries. **Tourism Management**, v. 61, p. 523-537, 2017.

RIBEIRO, Manuel.; SILVA, João; VALLE, Patricia. (2014). Measuring residents' attitude towards sustainable tourism: The validity of sustainable tourism attitude scale (SUS-TAS) in Cape Verde islands. In: **TTRA 2014 International Conference: Tourism and the New Global Economy**. p. 282-294.

RICKLEFS, Robert. **A Economia da Natureza**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2003.

ROHDE, Geraldo Mario. **Epistemologia ambiental**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

RUTKOWSKI, Jacqueline. **Rede de Tecnologias Sociais: pode a tecnologia proporcionar Desenvolvimento Social?** In: Lianza, Sidney; ADDOR, Felipe. Tecnologia e Desenvolvimento Social e Solidário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel, Fundação do Desenvolvimento Administrativo, 1993.

- SANTIN, Laci. O papel dos sistemas locais de conhecimento agroecológico no desenvolvimento territorial sustentável: estudo de caso junto a agricultores familiares no litoral Centro-Sul do Estado de Santa Catarina. 2005. 152f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- SANTIN, Laci ;ADRIANO, Juliana. Os Sistemas Locais de Conhecimento Agroecológico – SLCA – e o Desenvolvimento Territorial Sustentável no Litoral Centro-Sul do Estado de Santa Catarina. *Revista Discente Expressões Geográficas*, nº 05, ano V, p.61-80. Florianópolis, 2009.
- SANTANA, Adriana Campelo. Marca lugar: lições da Nova Zelândia. 2006. 118f. Dissertação de Mestrado. 118f. Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Fórum Social Mundial: manual de uso**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SILVA, Francisco António dos Santos. **Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores**. 2013. 433f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de Lisboa.
- SIRAKAYA-TURK, Ercan; EKINCI, Yuksel; KAYA, Alp Giray. An examination of the validity of SUS-TAS in cross-cultures. **Journal of Travel Research**, v. 46, n. 4, p. 414-421, 2008.
- SOUZA, Dilmara; ZIONI, Fabiola. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 76-85, 2003.
- SOUZA, Marcos; SOUZA, Luiz Alexandre. A Responsabilidade Social Corporativa no Brasil e na Argentina: um estudo a partir da Teoria das Representações Sociais. **Revista Capital Científico**, v. 10, n. 2, p. 110-126, 2012.
- STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Artmed, 2008.
- SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: setor público e cenários geográficos**, vol.3- São Paulo: Aleph, 2000.

SWARBROOKE, John, HORNER, Susan. **O Comportamento do Consumidor no Turismo**. São Paulo: ALEPH, 2002.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar em Revista**, n. 10, p. 91-98, 1994.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. **Cadernos de Pesquisa**, n. 49, p. 45-50, 1984.

THIOLLENT, MICHEL. (ORG.). **Opinião Pública e Debates Políticos - Subsídios metodológicos**. São Paulo: Ed. Polis, 1986.

THOMPSON, Shona M. Challenging the hegemony: New Zealand women's opposition to rugby and the reproduction of a capitalist patriarchy. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 23, n. 3, p. 205-212, 1988.

Tourism New Zealand. The Mood of Nation. Disponível em: <https://www.tourismnewzealand.com/markets-stats/research/infographics/mood-of-the-nation/>. Acesso em: 02 de fev. de 2018.

TULDER, Rob; ZWART, Alex. **Rival CSR Regimes**. In: International Business – Society Management. PP. 1-11, 2006.

TURINE, Joseliza Alessandra Vanzela; MACEDO, Maria Ligia Rodrigues. DIREITOS HUMANOS, COMUNIDADES TRADICIONAIS E BIODIVERSIDADE: DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Revista Direito UFMS**, v. 3, n. 2, 2018.

UNWTO Tourism Highlights. Edition. 2016. Disponível em: <http://www2.unwto.org/content/why-tourism>. Acesso em: 16 dez. 2017.

WTTC. Economic Impact Annual Update Summary 2016. Disponível em: <http://www.wttc.org/research/economic-research/economic-impact-analysis/>. Acesso em: 17 dez. 2017.

VALLS, Josep-Francesc. **Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis**. FGV Editora, 2006.

WENCESLAU, Juliana; ANTEZANA, Natalia; DU PIN CALMON, Paulo. Políticas da Terra: Existe um novo discurso ambiental pós Rio+ 20?. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 10, n. 3, 2012.

ZHANG, Ye; COLE, Shu Tian; CHANCELLOR, Charles Herbert. Facilitation of the SUS-TAS application with parsimony, predictive validity, and global interpretation examination. **Journal of Travel Research**, v. 54, n. 6, p. 744-757, 2015.

ANEXOS

ANEXO 1 – Escala SUS-TAS

Escala SUS-TAS

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|----------|----------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Nem discordo, nem concordo | Concordo | Concordo totalmente |

No Brasil, em geral, pode-se dizer que ...

| Constructos e Indicadores | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---|---|---|---|---|
| Sustentabilidade Ambiental | | | | | |
| 1- A comunidade deve proteger o ambiente agora e para o futuro. | | | | | |
| 2- A diversidade ambiental deve ser valorizada e protegida. | | | | | |
| 3- Eu penso que o desenvolvimento do turismo deve concentrar forças para a conservação ambiental. | | | | | |
| 4- O turismo deve proteger o ambiente comunitário. | | | | | |
| 5 -O turismo precisa ser desenvolvido em harmonia com o ambiente natural e cultural. | | | | | |
| 6- O desenvolvimento do turismo deve proteger a vida selvagem e <i>habitats</i> naturais em todos os momentos. | | | | | |
| 7- O desenvolvimento do turismo deve promover a ética ambiental entre todas as partes que têm interesse no turismo. | | | | | |
| 8- Normas ambientais são necessárias para reduzir os impactos negativos do desenvolvimento do turismo. | | | | | |
| 9- Acredito que o turismo deve melhorar o ambiente para as gerações futuras. | | | | | |
| Custos Sociais Percebidos | | | | | |
| 10- Turistas deveriam considerar os impactos de suas atividades turísticas no meio ambiente e na comunidade local. | | | | | |
| 11-Os turistas na minha comunidade perturbam a minha qualidade de vida. | | | | | |
| 12- A minha qualidade de vida deteriorou-se por causa do turismo. | | | | | |
| 13- Eu, muitas vezes, sinto-me irritado por causa do turismo na comunidade. | | | | | |
| 14- Os recursos recreativos da comunidade são usados em excesso pelos turistas. | | | | | |
| Benefícios Econômicos Percebidos | | | | | |
| 15- Eu gosto do turismo porque traz novas receitas para a nossa comunidade. | | | | | |
| 16- Acredito que o turismo é um forte contribuinte econômico para a comunidade. | | | | | |
| 17- O turismo gera receitas fiscais substanciais para o governo local. | | | | | |
| 18- Acredito que o turismo é bom para a nossa economia. | | | | | |
| 19- O turismo cria novos mercados para os nossos produtos locais. | | | | | |
| Maximizando a participação da comunidade | | | | | |
| 20- As decisões em relação ao turismo devem ser tomadas por todos na comunidade independentemente das suas origens sociais ou nível de escolaridade. | | | | | |
| 21- A indústria do turismo deve assegurar os valores de todos os residentes na comunidade. | | | | | |

| | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|
| 22- É aceitável quando as decisões de desenvolvimento do turismo não envolvem todos na comunidade. | | | | | |
| Planejamento de Longo Prazo | | | | | |
| 23- A indústria do turismo deve planejar para o futuro. | | | | | |
| 24- Acredito que uma boa gestão do turismo exige uma estratégia de planejamento avançado. | | | | | |
| 25- Acredito que precisamos ter uma visão de longo prazo no planejamento para o desenvolvimento do turismo. | | | | | |
| 26- O planejamento do desenvolvimento turístico deve ser continuamente melhorado. | | | | | |
| 27- A indústria do turismo deve assegurar as experiências de boa qualidade para os futuros visitantes. | | | | | |
| Garantindo a satisfação do visitante | | | | | |
| 28- As empresas de turismo devem monitorar a satisfação dos visitantes. | | | | | |
| 29- A indústria do turismo deve assegurar a boa qualidade das experiências turísticas do visitante. | | | | | |
| 30- O negócio do turismo tem a responsabilidade de promover as necessidades dos visitantes. | | | | | |
| 31- A atratividade da comunidade é um elemento essencial do apelo ecológico para os visitantes futuros. | | | | | |
| Economia centrada na comunidade | | | | | |
| 32- A indústria do turismo deve ser obrigada a obter pelo menos metade de seus bens e serviços dentro da comunidade local. | | | | | |
| 33- Acredito que o negócio do turismo deve contratar pelo menos metade de seus funcionários provenientes da comunidade local. | | | | | |
| 34- A indústria do turismo deve contribuir para fundos de melhoria para a comunidade. | | | | | |
| 35- Os residentes da comunidade devem ter mais oportunidades de investir no desenvolvimento turístico. | | | | | |

1-O que é turismo sustentável, na sua opinião?

2- Quando você pensa turístico sustentável, que destino vem primeiro na sua cabeça?

Por favor, diga-nos o porquê:

3- Ao escolher um destino de viagem, sua decisão é afetada pelos padrões de conservação ambiental do local?

() Sim () Talvez () Não

Por favor, explique a sua resposta:

| | |
|--------------------------|-----|
| <input type="checkbox"/> | Yes |
| <input type="checkbox"/> | No |

If you answered "No"

a. Please specify your country of birth: _____

b. How many years have you lived in New Zealand for? _____

5a. What is your highest level of education?

| | |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | No school qualification |
| <input type="checkbox"/> | High-school qualification |
| <input type="checkbox"/> | Post-school vocational qualification (e.g. Trade Certificate or Apprenticeship, Diploma or Certificate) |
| <input type="checkbox"/> | University degree |

5b. If you already have a university degree, is your highest completed university education?

| | |
|--------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> | Undergraduate degree |
| <input type="checkbox"/> | Honours degree or postgraduate diploma |
| <input type="checkbox"/> | Masters |
| <input type="checkbox"/> | PhD |

5c. If you already have a university degree, what was your area of study?

6a. What is the degree you are currently studying towards?

| | |
|--------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> | Undergraduate degree |
| <input type="checkbox"/> | Honours degree or postgraduate diploma |
| <input type="checkbox"/> | Masters |
| <input type="checkbox"/> | PhD |
| <input type="checkbox"/> | Other (please specify _____) |

6b. And what is the main subject of your current studies? (e.g. Psychology, Tourism, etc).

END OF QUESTIONNAIRE

University Students and Their Views on Sustainable Tourism

Interview Protocol

Duration: approximately 30 minutes

BRIEFING AND CONSENT

1. The participant is welcomed.
2. Brief explanation about the study is provided (including the use of audio recording).
3. Researchers provide opportunity for the participant to ask any questions about the interview, Participant Information Sheet, and Consent Form.
4. The participant is invited to sign the Consent Form.
5. The participant is asked to fill in a very short anonymous demographic questionnaire.
6. Permission is sought to turn on the audio recorder and start the interview.

INTERVIEW QUESTIONS

- 1) What do you understand for **sustainable tourism**?
- 2) When you think about sustainable tourism, what are the first destinations that come to your mind?
- 3) What do you think are the key features that a destination must have to be considered as sustainable tourism?
- 4) Should tourism activities safeguard the local environment for future generations?
- 5) Do you think that tourism is beneficial for the local economy?
- 6) Is your quality of life impacted negatively by tourists?
- 7) Do you think that tourism-related decisions must involve consultation with the local community?
- 8) Should the tourism industry plan for the future?
- 9) Do you think sustainable tourism in New Zealand is well developed and widely adopted?
- 10) Is the natural environment an essential element to attract tourists to New Zealand?
- 11) Do you think that the employment opportunities generated by tourist activities are beneficial for local communities?
- 12) Should local residents be given more opportunities to develop tourism activities in their communities?

- 13) What is your opinion on the behaviour of tourists in your community?
- 14) What are your main criteria when choosing a tourist destination?

ANEXO 3 – Participation Information Sheet (PIS)

Participant Information Sheet

You are invited to take part in a study looking at the **views of university students in New Zealand on sustainable tourism**.

It is entirely your choice whether or not you participate. Also, if you do want to take part in this study, but change your mind during the interview, you can pull out any time.

This Participant Information Sheet will help you decide if you would like to take part. It explains why we are doing the study, what your participation involves, and what happens after the study ends. We will go through this information with you and answer any questions you have.

Please make sure you have read and understood all the pages.

If you agree to participate, you will be asked to sign the Consent Form on page 4. This copy of the Participant Information Sheet is yours to keep.

WHAT IS THIS STUDY ABOUT?

You are invited to participate in a study that aims to examine the views of a sample of university students in New Zealand on sustainable tourism. This is part of a study by a PhD student from Brazil (Luiz Alexandre Valadão – Universidade do Grande Rio), who will also gather this information on students in that country.

The aim is to have an insight into the aspects of sustainable tourism that are valued by university students in New Zealand and Brazil, as well as recording their views on perceived benefits and negative impacts associated with tourism activities. We are interested in hearing your views regarding not only your own community, but also on your chosen tourism destinations overseas.

For this, we will interview you individually, when you will have the opportunity to share your personal views and experience on this topic.

Ethics approval has been granted by the University of Auckland Human Participants Ethics Committee (approval number 021938). The overall results of this study are expected to be compiled by June 2019.

WHO CAN PARTICIPATE?

We are looking for university students in the Auckland region, who are at least 16 years of age, and are fluent in English.

WHAT WILL MY PARTICIPATION IN THE STUDY INVOLVE?

Your involvement in the study will be participation in a single short interview at a pre-arranged location. The format of the interview is the following:

- **Welcoming** (5 minutes)
Once you arrive at the interview room, we will explain in more detail what this study is about. You will be invited to ask any questions you want.
- **Welcoming, forms, and questionnaire** (10 minutes)
Once you arrive at the interview room, we will explain in more detail what this study is about. We will answer any questions you may have about the Participant Information Sheet. If you are happy to take part and be interviewed, you will be asked to sign the consent form and then complete a short demographic questionnaire that is *completely anonymous*.
- **Interview** (15–30 minutes)
Before the interview starts, the researcher will ask for your permission to start the audio recording. The interview will then proceed to gather your views on sustainable tourism. *Please note that all the interview notes and audio recording will be stored without any identifiable information. In other words, your views will be recorded, studied, and reported in a completely anonymous manner.*

WHAT ARE THE POSSIBLE BENEFITS OF THIS STUDY?

You will be able to express your views about sustainable tourism, which is a topic of increasing relevance worldwide, including New Zealand and Brazil. Your contribution will help us identify the different views among students in the two countries. In particular, the information gathered may help foster sustainable tourism in developing countries such as Brazil, with vast natural resources that are currently under threat from human activities.

STUDY COSTS

It will not cost you anything to take part. You will have access to free parking.

WHAT ARE MY RIGHTS?

Participation in this study is entirely voluntary: it is your choice. And if you agree to take part, you will be free to withdraw at any time during the interview without giving a reason. You are always free not to answer any questions, or to leave the room at any time. Also, please keep in mind that there are no right and wrong answers – we are only interested in your views.

All information collected during the interview will be stored in strict confidence in password-protected computers and servers. No material will allow us to personally identify participants. However, please understand that because both the questionnaire and the interview will be anonymously recorded, we will be unable to withdraw any data following the interview.

WHAT ARE THE RISKS?

There are negligible risks associated with your participation in this study. We would like to hear your views on sustainable tourisms, whatever they may be. So, you are absolutely free to speak your mind at all times. However, in the event you feel uncomfortable at any time during the interview, you are completely free to leave, with no questions asked.

If you were injured in this study, which is extremely unlikely, you would be eligible for compensation from ACC just as if you were injured in an accident at home. You will have to lodge a claim with ACC, which may take some time to assess. If your claim is accepted, you will receive funding to assist in your recovery.

WHAT HAPPENS AFTER THE STUDY?

If you complete the anonymous questionnaire, your answers will be stored in a locked filing cabinet, and later in an electronic format in password-protected computers. The Audio recordings will be electronically recorded (anonymously) and then securely stored in computers and servers protected by passwords.

None of the anonymous information from questionnaires or audio recordings will be made publicly available, except for specific written quotes that may be deemed relevant when reporting the study. All information obtained in this study is valuable and will be stored indefinitely in a secure manner in password-protected computers and servers. No third parties other than the researchers and those conducting the interview will be involved.

If it interests you, we can send you an email describing the results of the study when these are available.

WHAT HAPPENS IF I CHANGE MY MIND?

Participation in this study is entirely voluntary, and you will be free to withdraw at any time. In the event you feel uncomfortable at any time during the interview, you are completely free to leave, with no questions asked. However, as the interview notes and audio recording will be anonymously stored, we will not be able to delete your data later on, as the data will not be identifiable.

Please note that we will always be accessible if you have any questions about our study.

WHO DO I CONTACT FOR MORE INFORMATION OR IF I HAVE CONCERNS?

If you have any questions, concerns, or complaints about the study at any stage, you can call, text, or email us:

*Dr José Derraik
Senior Research Fellow, Liggins Institute, University of Auckland
Ph: 09 923 3794 / Email: j.derraik@auckland.ac.nz*

If you want to talk to someone who isn't involved with the study, you can contact an independent health and disability advocate on:

*Phone: 0800 555 050
Email: advocacy@hdc.org.nz*

For any queries regarding ethical concerns you may contact:

*The Chair, The University of Auckland Human Participants Ethics Committee
University of Auckland, Research Office, Private Bag 92019, Auckland 1142. Phone:
09 373 7599 extension 83711
Email: ro-ethics@auckland.ac.nz*

Approved by the University of Auckland Human Participants Ethics Committee on 06/09/2018 for three years. Reference Number 021938.

ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CONSENT FORM

This form will be held for a period of 6 years

Please tick to indicate you consent to the following

| | |
|--|------------------------------|
| I have read and I understand the Participant Information Sheet. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I have been given sufficient time to consider my participation in this study. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I have had the opportunity to use a legal representative, whanau/family support or a friend to help me ask questions and understand the study. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I am satisfied with the answers I have been given regarding the study and I have a copy of this consent form and information sheet. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I understand that my participation in this study is voluntary (my choice) and that I may withdraw from the study at any time without this affecting me in any way. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I consent to the research staff collecting and processing the information I give in the questionnaire (such as ethnicity and level of education). | Yes <input type="checkbox"/> |
| I consent to the research staff audio recording my interview. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I consent to the research staff collecting and processing the information anonymously recorded in audio and from the interview. | Yes <input type="checkbox"/> |
| If I decide to withdraw from the study, I agree that the information collected from me to the point when I withdraw may continue to be processed. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I understand that my participation in this study is confidential and that no material that could identify me personally will be used in any reports on this study. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I understand the compensation provisions in case of injury during the study. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I know who to contact if I have any questions about the study in general. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I understand my responsibilities as a study participant. | Yes <input type="checkbox"/> |
| I wish to receive a summary of the results from the study. <i>If yes, please provide us with your details on the last page of this document</i> | Yes <input type="checkbox"/> |

Declaration by participant:

I hereby consent to take part in this study.

Participant's name: _____

Signature: _____ Date: _____

Declaration by member of research team:

I have given a verbal explanation of the research project to the participant, and have answered the participant's questions about it.

I believe that the participant understands the study and has given informed consent to participate.

Researcher's name: _____

Signature: _____

Date: _____

Approved by the University of Auckland Human Participants Ethics Committee on 06/09/2018 for three years. Reference Number 021938.

INFORMATION ABOUT THE RESULTS OF THIS STUDY

If you would like to receive a copy of the results of this study, please provide your name and email address below.

This page will be kept separately from all other information collected in this study.

Please note that it will be some time (up to a year) for the results to be available.

First name: _____

Email address: _____